O Caminho Sunni

O Caminho Sunni

Preparado por

Hüseyn Hilmi Işık

(rahmatullahi 'alaih)

O Caminho Sunni
Preparado por Hüseyn Hilmi Işık
Hakîkat Kitâbevi · traduzido de «The Sunni Path»
Edição eletrônica e impressa 1.1 · 2026
www.hakikatbooks.com · www.hakikatbooks.net · www.hakikatkitabevi.com

Índice

Prefácio.....6

1 — Ma’lûmât-i nâfi’a (Informações úteis).....14

Informações diversas.....36

2 — A crença do Ahl as-Sunna.....53

Carta 267 do primeiro volume.....64

Carta 268 do primeiro volume.....66

3 — Al-Imâm al-a’zam Abû Hanîfa.....71

4 — O wahhabismo e a sua refutação pelo Ahl as-Sunna.....86

5 — Considerações finais.....124

6 — Masjid an-Nabî.....127

7 — Como deve ser o verdadeiro muçulmano.....128

Hüseyn Hilmi Işık.....132

Glossário.....136

Prefácio

Bismillâhir-Rahmân-ir-Rahîm

Comecemos o livro com o nome de Allah!
A melhor proteção é o nome de Allah!
Suas bênçãos são impossíveis de enumerar;
Ele é todo misericórdia, e perdoar é o Seu agrado!

Como Allâhu ta'âlâ é misericordioso para com todos os povos da Terra, Ele cria coisas benéficas e as envia para nós. No Além, Ele perdoará os crentes transgressores que estavam prestes a ir para o fogo, e os levará ao Paraíso. Ele é o único que cria cada ser vivo, man tém-no sempre em existência e protege-os a todos do medo e do horror. Confiando-me completamente ao nobre nome de Allâhu ta'âlâ, começo a escrever este livro.

O hamd[1] é para Allâhu ta'âlâ. Paz e bênçãos estejam com Rasûlullah, o Profeta Muhammad, sallallâhu 'alaihi wa sallam. Bênçãos sobre seu puro Ahl al-Bait (a família sagrada do Profeta Muhammad) e sobre todos os seus justos e devotos Companheiros, radiy-Allâhu ta'âlâ 'anhum ajma'în.

Quando ouvimos o ditado de que **"a vida é uma luta contínua",** não devemos considerá-lo uma observação banal. Temos avançado com dificuldade numa vida cercada de uma grande variedade de lutas; lutamos contra as forças da natureza, como o calor sufocante do verão e o inverno coberto de neve, e contra as artimanhas e calúnias de pessoas perversas e irreligiosas que nos atacam com todas as suas armas psicológicas e com a guerra física. O primeiro requisito a ser levado em conta ao confrontar o inimigo é conhecê-lo em detalhes. Caso contrário, uma ação destinada a nos defender pode se tornar uma lesão que afetará nossos vizinhos e amigos. As coisas que são necessárias para uma vida confortável são chamadas "mal" (bens) ou "mulk" (posses). Tudo, desde fios e agulhas até uma casa ou um apartamento, são posses. Allâhu ta'âlâ deu permissão a certas pessoas e comunidades para usar uma série de posses. Todos estes, juntamente com espo

[1] Louvor e gratidão.

sas, filhos, vizinhos e parentes, são presentes que o homem pode usar. Todos usam os seus bens na medida em que Allâhu ta'âlâ o permite. Nunca é permitido ultrapassar esta medida ou usar os pertences de outra pessoa. Há um ditado bem conhecido que diz: **"Não te orgulhes dos teus bens e** nunca afirmes ser inigualável. Um vento contrário pode soprar e, como o grão na joeira, levar tudo o que tens". Propriedades e bens que são obtidos de forma **harâm** (proibida) são chamados de **dunyâ** (o mundo). Dunyâ consiste em **harâm** e **makrûh**, e é prejudicial. Os livros apresentam relatos diferentes sobre se algo é benéfico ou prejudicial. A distinção mais correta é a que Allâhu ta'âlâ estabelece.

Os mandamentos de Allâhu ta'âlâ chamam-se "fard" e as Suas proibições chamam-se "harâm". As ordens do Profeta são chamadas de "sunna" e as suas proibições são chamadas de "makrûh". O Islam é o conjunto destas quatro coisas. O sinal da presença de "îmân" (crença) no coração é gostar do Ahkâm-i-islâmiyya e aceitá-lo (os mandamentos e proibições do Islam). Negar uma única sunna faz a pessoa perder a sua îmân e tornar-se um kâfir (incrédulo). A pessoa que tem îmân mas não obedece a uma regra do Islam (um comando ou uma proibição) torna-se um **fâsiq**. Desobedecer ao Islam é pecado. O kâfir ficará no fogo por toda a eternidade, enquanto o fâsiq muçulmano permanecerá o tempo que merece pelas suas transgressões e depois será levado para o Paraíso. A pessoa que tem îmân e obedece ao Islam é chamada de escravo sâlih (qul). (O feminino de sâlih é sâliha). Quem vive nas montanhas ou em terras selvagens sem saber nada sobre o Islam não é considerado um kâfir ou fâsiq. No Dia do Juízo, depois de prestar contas, essa pessoa não irá ao Paraíso nem ao Inferno; será aniquilada como os animais. O Islam, uma das religiões celestiais, é uma grande bênção que proporciona grande felicidade. As pessoas que não são capazes de apreciar o valor desta bênção pagarão por ela.

Todo muçulmano tem que fazer **namâz** (salat) cinco vezes ao dia. Fazê-lo é um sinal da presença de îmân no coração de quem o pratica. Aquele que nega o namaz (salat) torna-se um kâfir (incrédulo). O kâfir que acredita numa religião celestial (mas obsoleta) é chamado

ahl-i-kitâb ou pessoa do Livro. A pessoa que também nega essa religi ão (obsoleta) é chamada de mushrik (politeísta). Entre os incrédulos, alguns judeus e a maioria dos cristãos se tornaram mushriks. No mun do de hoje quase não há um único descrente que não se tenha tornado um politeísta (mushrik). O muçulmano que interpretou mal algumas das declarações de Muhammad, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, e conse-quentemente as menciona incorretamente, é chamado de muçulmano que tem bid’at. Os xiitas e os wahhabitas são muçulmanos com bid’at.

Se alguma destas pessoas rejeita uma única declaração feita por Muhammad, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, ele torna-se um descrente. Os muçulmanos que acreditam em todas as suas declarações sem fazer nenhuma mudança são chamados de verdadeiros muçulmanos que são (seguidores dos verdadeiros estudiosos islâmicos chamados) Ahl as-Sunna. Imâm A’zam Abû Hanîfa, Nu’mân bin Thâbit, é o líder destes (verdadeiros estudiosos islâmicos e) verdadeiros muçulmanos. Os verdadeiros muçulmanos que seguem a crença islâmica correta de Ahl as-Sunna se dividiram em quatro (grupos verdadeiros) chamados Madhhabs em assuntos relacionados às práticas islâmicas e atos de adoração. Estes Madhhabs são: **Hanafî, Shâfi’î, Mâlikî, e Hanbalî**. Os muçulmanos destes quatro Madhhabs se consideram irmãos uns dos outros e fazem o namâz uns atrás dos outros. Em outras palavras: os muçulmanos que pertencem a qualquer um desses quatro Madh-habs podem se juntar ao namâz em jamâ’at liderado por um imam de um desses Madhhabs. Esses verdadeiros muçulmanos não devem ser confundidos com o povo da bid’at, que são hereges. As pessoas da bid’at têm tentado destruir o Islam a partir de dentro. Mas, Alhamdu-lillâh, a maioria dos muçulmanos ao redor do mundo seguem um Madhhab do Ahl as-Sunna. Os Wahhâbis e os xiitas, que seguem dois caminhos heréticos diferentes, estão diminuindo em número. Entre os autoproclamados muçulmanos, existem três grupos. Os primeiros são os verdadeiros muçulmanos que seguem as pegadas do Ashâb-i-kirâm. Eles são chamados de Ahl as-Sunna, ou verdadeiros muçulma nos, ou **Firqa-i-nâjiyya**, ou seja, o grupo que foi salvo do Inferno. O segundo grupo são os inimigos do Ashâb-i-kirâm. Chamam-se **Râ-fidîs ou xiitas** ou **Firqai-dâlla**, ou seja, o grupo aberrante. O terceiro

grupo é composto pelas pessoas que são inimigas dos sunitas e dos xiitas. Eles são chamados wahhâbi ou najdî por causa de seu lugar de origem, Najd, que é na Arábia. Eles também são chamados Firqa-i-mal'ûna (o grupo amaldiçoado). Que eles recebem este nome por chamarem os muçulmanos de politeístas (mushrik) está escrito no livro "Ética do Islam" e em vários lugares dos seis fascículos da "Eterna Felicidade". As pessoas que rotulam os muçulmanos como incrédulos foram amaldiçoadas pelo nosso abençoado Profeta. Foram os judeus e os traidores britânicos que provocaram esta divisão tripartida entre os muçulmanos. Milhares de excelentes livros foram escritos que ensinam corretamente os dogmas da crença e os mandatos e proibições da religião islâmica. A maioria destes livros foi traduzida para outras línguas e publicada em todo o mundo.

Os autores acadêmicos desses livros corretos são chamados 'ulamâ (sábios) do Ahl as-Sunna, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaihim ajma'în. Por outro lado, pessoas míopes cuja única preocupação são os seus prazeres pessoais, juntamente com uma série de idiotas subornados pelos traidores britânicos com a promessa de uma certa posição e/ou dinheiro, sempre atacaram o caminho espiritual e luminoso do Islam, caluniaram os estudiosos do Ahl as-Sunna, tentaram alterar a religião islâmica e quiseram enganar os muçulmanos. Este conflito entre muçulmanos e pessoas sem religião existe há séculos e vai continuar até o Último Dia. Allah decretou este confronto no passado eterno. Os estudiosos de Ahl as-Sunna obtiveram todo o seu conhecimento do **Ashâb-i-kirâm**. Os Ashâb-i-kirâm tinham deixado suas casas e migrado para países distantes para ensinar o islamismo. É por isso que eles não tiveram tempo de escrever livros. Entre os estudiosos que viveram depois do segundo século islâmico, houve alguns que contaminaram os ensinamentos do Islam com suas opiniões pessoais, com o conhecimento científico do seu tempo e com as teses dos filósofos; tudo isso abriu caminho para os setenta e dois grupos aberrantes da bid'at. Os judeus e traidores britânicos desempenharam um papel importante no surgimento dos grupos de bid'at. Não importa a que grupo pertencem, pessoas que são escravas do seu nafs e têm corações pervertidos irão para o fogo. Todo crente deve sempre dizer **"Lâ ilâha**

il-l-Allah” para a tazkiya do seu nafs (ego), ou seja, para purificar o seu nafs das impurezas da negação e da transgressão que são inerentes à sua criação; e deve dizer **“Astaghfirullah”** para a tasfiya do seu coração, ou seja, para curá-lo das doenças da negação e da transgressão que contraiu do seu próprio nafs, do diabo, das más companhias e dos livros heréticos. Enquanto o muçulmano cumprir o Ahkâm-i-islâmiyya (mandatos e proibições do Islam), as suas súplicas serão certamente aceitas (por Allâhu ta’âlâ). Se alguém não faz namâz cinco vezes por dia e/ou olha para as mulheres que não se cobriram devidamente ou para pessoas que têm as suas partes ‘awrat descobertas, e/ou consome alimentos e bebidas que foram obtidos de forma harâm (proibida pelo Islam), deduz-se que não obedece ao Ahkâm-i-islâmiyya. As súplicas dessas pessoas não serão aceitas (por Allâhu ta’âlâ). Entre os muçulmanos, existem dois níveis principais: os khawâs [estudiosos] e os ‘awâm [povo comum]. No livro turco intitulado **“Durr-i-Yektâ”** (escrito por Imâmzâda Muhammad bin ‘Abdullah Es’ad, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, de Konya, m. 1267 [1851 d.C.]) está escrito: “Os awâm são o povo que não estudou (a gramática e sintaxe árabe) sarf e nahw e os métodos e regras da literatura e eloquência.

Estas pessoas não conseguem ler ou entender os livros da Fiqh ou fatwâ. Para essas pessoas, é fard aprender os ensinamentos da crença e adoração islâmica, perguntando aos estudiosos de Ahl as-Sunna. E, para os estudiosos, é fard ensinar, primeiro, os conhecimentos relacionados à crença, e depois os ensinamentos relacionados aos cinco tipos básicos de adoração, por meio de lições orais e escritas e de pre gações. Nos livros intitulados Zahîra e Tâtârhâniyya está escrito que o ensino dos dogmas da crença (îmân) e dos postulados de Ahl as-Sunna deve preceder todas as outras atividades.” Mais especificamente, Sayyid ‘Abd-ul-Hakîm Arwâsî, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihi, um grande estudioso islâmico e especialista no conhecimento do zâhir (manifesto) e do bâtin (oculto), disse pouco antes da sua morte: “Nas mesquitas de Istambul, e durante quase trinta anos, procurei ensinar apenas a îmân e os postulados de Ahl as-Sunna e a bela conduta moral ensinada pelo Islam.” No mesmo sentido, em todos os nossos livros também

temos falado sobre as crenças de Ahl as-Sunna, os altos valores éticos do Islam e a importância de ser bom para os outros e de servir e apoiar o Estado. Nós não aprovamos em absoluto os artigos subversivos escritos por pessoas ignorantes em religião e por lâ-madhhabîs [e zindiqs], que incitam as pessoas contra o Estado e espalham a discórdia entre os irmãos. Nosso bendito Profeta Muhammad, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, declarou: **“A religião está na sombra das espadas”**, indicando que é sob a proteção do Estado e de suas leis que os muçulmanos vivem em paz. Se o Estado aumentar o seu poder, também aumentará a paz e o bem-estar do seu povo. Da mesma forma, os muçulmanos que vivem em paz e são livres para cumprir seus deveres religiosos, mesmo em países europeus e americanos não muçulmanos, não devem se rebelar contra o Estado que lhes permite essa liber dade, não devem violar suas leis e devem estar vigilantes para não fazer parte de revoltas ou anarquia. O ‘ulamâ de Ahl as-Sunna aconse lha a não fazer tais coisas. O ‘ulamâ de um dos quatro verdadeiros Madhhabs é chamado ‘ulamâ Ahl as-Sunna.

Nota importante: Existem diferentes paisagens em diferentes partes do mundo. Nunca nos cansamos de olhar para elas. Esses lugares tão bonitos surgiram sozinhos? Cada uma das criaturas é projetada com tanta precisão e proporções tão bem definidas que parece que tudo é o produto da mesma maquinaria. Todas as coisas dependem das leis da física, química, biologia e astronomia. Mas, acima de tudo, olhem a harmonia e a simetria na criação do ser humano! A coordena ção entre os nossos órgãos internos, como as partes de uma máquina perfeita, surpreende até mesmo os mais experientes. Até o próprio Darwin, o famoso inglês não muçulmano, confessou sua admiração ao observar a construção do olho humano.[1] Todos os seres criados estão interligados através de leis imutáveis e interdependentes. Pesso as com crenças religiosas afirmam que existe um Khâliq (Criador) onisciente que cria todos estes seres. Em contraste, os ateus que ne-

[1] “Supor que o olho humano, com sua capacidade inimitável de ajustar o foco a diferentes distâncias, de admitir várias intensidades de luz e de corrigir aberrações esféricas e cromáticas, poderia ter sido formado pela seleção natural, é algo que me parece, devo admitir com total liberdade, um absurdo do mais alto nível.” Charles Darwin, em “The Origin of Species”, J. M. Dent & Sons Ltd, Londres, 1971, p. 167 (p. 18 de The Advised Quote Book).

gam todas as religiões afirmam que as coisas surgem por si mesmas de uma forma acidental. Além disso, o Criador enviou uma mensagem através de Seus Profetas que diz: **"Eu criei tudo. Eu, e só Eu, sou o Dono de todos vocês. Se vocês acreditarem em Mim, Eu os acomodarei no Meu Paraíso e lhes darei inúmeras bênçãos. Vocês terão uma vida eterna de prazer e felicidade. Quanto aos que rejeitarem os Meus Profetas, Eu os atormentarei eternamente com o fogo do Inferno". Supondo que o Paraíso e o Inferno não existissem e que os crentes estivessem errados ao acreditar nos Profetas, esse erro não lhes causaria nenhum dano. Mas, como os Profetas disseram a verdade, aqueles que se recusam a acreditar neles e aqueles que alteraram as suas palavras queimarão eternamente.** Foi observado com gratidão que, em quase todos os países muçulmanos, homens com autoridade na religião se esforçam para promulgar e defender este caminho correto de Ahl as-Sunna. No entanto, há pessoas ignorantes que, sem terem lido ou compreendido os livros escritos pelo 'ulamâ de Ahl as-Sunna, fazem declarações orais e escritas ignorantes, que não têm outro efeito senão revelar a sua própria ignorância e miséria diante da firme îmân dos muçulmanos e do amor fraternal que existe entre eles. Os movimentos separatistas danosos entre os muçulmanos atacam os livros de **"ilm-i-hâl"** e tentam vilipendiar o 'ulamâ de Ahl as-Sunna e os grandes homens de **Tasawwuf,** rahmatullâhi ta'âlâ 'alaihim ajma'în. Tal como todos os outros 'ulamâ do Ahl as-Sunna, Ahmed Cevdet Pâsha e também a nossa comissão científica deram-lhes as respostas necessárias, protegendo assim os significados corretos que o Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam, extraiu do Alcorão al-Karîm. Neste nosso texto, definimos separadamente o caminho verdadeiro e os caminhos heréti cos. Suplicamos a Allâhu ta'âlâ que os nossos valiosos leitores, estudando este livro atentamente, com senso comum e consciência pura, o julguem com equanimidade, se apeguem unidos ao caminho correto e verdadeiro de Ahl as-Sunna e evitem as pessoas mentirosas, caluniadoras e heréticas. Se o fizerem, serão salvos da perdição eterna.

As anotações acrescentadas em algumas partes do nosso texto aparecem entre colchetes [...]. Todas estas explicações vêm de livros verificados.

Mîlâdî 2001 · Hijrî Shamsî 1380 · Hijrî Qamarî 1422

Nota da Editora:

Qualquer um que deseje imprimir este livro em sua forma original ou traduzi-lo para qualquer outra língua está de antemão autorizado a fazê-lo; e aqueles que se encarregarem deste feito benéfico estão incluídos nas súplicas que antecipadamente oferecemos a Allâhu ta'âlâ em seus nomes, bem como nossos melhores votos e reconhecimento, e nós lhes agradecemos imensamente. Entretanto, a permissão está sujeita à condição de que o papel usado na impressão seja de boa qua lidade e que o design e formatação do texto sejam feitos adequada e cuidadosamente, sem erros.

Um Aviso:

Missionários estão esforçando-se para divulgar o cristianismo; judeus estão trabalhando para propagar palavras inventadas por rabinos; Hakîkat Kitâbevi (Livraria), em Istambul, está lutando para divulgar o Islam; e os maçons estão tentando aniquilar as religiões. Uma pessoa com sabedoria, conhecimento e consciência entenderá e aceitará o que é certo entre estes, e ajudará nos seus esforços pela salvação de toda a humanidade. Não há melhor e mais valiosa maneira de servir ao ser humano do que fazer isso.

KALIMA-I TANZÎH

"Subhânallâhi wa bi-hamdihi subhânallâh-il-'adhîm". As transgressões de quem diz este Kalima-i-tanzîh de manhã e à noite, cem vezes de cada vez, serão perdoadas. Esta invocação está contida nas cartas 307 e 308 do primeiro volume do livro intitulado **"Maktûbât",** tanto na versão original como na versão turca. Também vai fazer desaparecer todo o tipo de problemas e sofrimentos.

1 — MA'LÛMÂT-I NÂFI'A

(INFORMAÇÕES ÚTEIS)

Este texto foi escrito por Ahmed Cevdet Paşa, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, que prestou um grande serviço ao Islam ao colocar, no seu excelente livro **"Majalla",** as regras do Alcorão al-karîm num código jurídico. Além disso, ele escreveu "História Otomana", em doze volu mes, o texto mais confiável nesta disciplina, e o famoso **"Qisâs-i Anbiyâ"** (História dos Profetas). Nasceu em Lofça no ano 1238 H. (1823 d.C.); morreu no ano 1312 (1894 d.C.) e foi enterrado no cemi tério da Mesquita de Fatih, em Istambul.

Cevdet Pâsha declara: Este 'âlam, ou seja, tudo, não existia. Allâ-hu ta'âlâ criou a existência a partir do nada. Então Ele quis enriquecer este mundo com seres humanos até o fim dos tempos. Criando Âdam, 'alaihis-salâm, da terra, Allâhu ta'âlâ adornou a terra com os seus filhos. Para ensinar-lhes as coisas necessárias neste mundo e no próxi mo mundo, Ele honrou alguns deles tornando-os Profetas. Ele distin-guiu-os dos outros, atribuindo-lhes altos cargos. Allâhu ta'âlâ trans-mitiu Seus comandos aos Profetas por meio de um anjo chamado Jabrâ'îl (Gabriel). E os profetas transmitiram os comandos para os seus ummas (povos) tal como Jabrâ'îl, 'alaihis-salâm, os tinha trans-mitido a eles. O primeiro Profeta foi Âdam 'alaihis-salâm, e o último foi o nosso mestre Muhammad Mustafâ, 'alaihis-salâtu was-salâm. Entre os dois, havia muitos Profetas. Só Allâhu ta'âlâ sabe o número deles. Os vinte e sete cujos nomes são conhecidos são os seguintes:

Âdam, Shîs (ou Shît), Idrîs, Nûh (Noé), Hûd, Sâlih, Ibrâhîm (Abraão), Ismâ'îl, Is'hâq (Isaque), Ya'qûb (Jacó), Yûsuf (José), Ayyûb, Lût (Ló), Shu'aib, Mûsâ (Moisés), Yûsha' (Josué), Hârûn (Arão), Dâwûd (Davi), Sulaimân, Yûnus (Jonas), Ilyâs (Elias), Alyasa', Dhu'l-kifl, Zakariyyâ (Zacarias), Yahyâ (João), 'Îsâ (Jesus), Muhammad Mustafa, 'alaihimu-ssalât-u-wa-s-salâm.- Vinte e cinco destes Profetas, isto é, todos com exceção de **Shîs** e **Yûsha'**, 'alaihimas-salâm, são mencionados no Alcorão al-karîm. Os nomes **'Uzair, Luqmân e Dhu'l-qarnain** também são mencionados no Alcorão al-karîm. Alguns sábios de Ahl as-Sunna disseram que

estes três, além de Tubba' e Khidr, eram Profetas, enquanto outros afirmaram que eram awliyâ'.

Muhammad, 'alaihis-salâtu was-salâm, é **Habîb-Allah** (o mais amado de Allah). **Ibrâhîm**, 'alaihis-salâm, é Khalîl-Allah (o amigo íntimo de Allah). **Mûsâ**, 'alaihis-salâm, é **Kalîm-Allah** (a quem Allah falou). 'Îsâ, 'alaihis-salâm, é Rûh-Allah (aquele que Allah criou sem ter um pai). **Âdam**, 'alaihis-salâm, é **Safî-Allah** (cuja culpa foi perdoada por Allah). **Nûh**, 'alaihis-salâm, é **Najiy-Allah** (a quem Allah salvou do perigo). Estes seis Profetas são superiores aos outros Profetas e são chamados de **Ulu'l'azm**. O mais alto de todos é Muhammad, 'alaihis-salâtu was-salâm.

Allâhu ta'âlâ enviou para a terra cem suhuf (plural de sahîfa, livre to) e quatro livros. Todos estes foram trazidos por jabrâîl, 'alaihis-salâm. Dez suhuf desceram ao Profeta Adam, 'alaihis-salâm, cinquenta suhuf ao Profeta Shîs, 'alaihis-salâm, e trinta ao Profeta Idrîs, 'alaihis-salâm, e dez ao Profeta Ibrâhîm, 'alaihis-salâm. [Sahîfa, neste contexto, significa 'um pequeno livro', 'um livreto'. Não significa 'uma face de uma folha de papel', como conhecemos.] Dos quatro livros, **o Tawrât** [Torah] foi enviado para Mûsâ, 'alaihis-salâm, **o Zabûr** para Dâwûd, 'alaihis-salâm, o Injîl [Evangelho] para 'Îsâ, 'alaihis-salâm, e o Alcorão al-karîm para o Último Profeta, Muhammad, sallallâhu 'alaihi wa sallam.

No tempo de Nûh, 'alaihis-salâm, o Dilúvio ocorreu e a água cobriu toda a terra, afogando todas as pessoas e animais que nela viviam. Mas os crentes que estavam a bordo da Arca com ele, foram salvos. Quando Nûh, 'alaihis-salâm, subiu para a Arca, levou consigo um par de cada espécie animal, dos quais se multiplicaram os animais que existem hoje.

Nûh, 'alaihis-salâm, tinha consigo na Arca os seus três filhos: Sâm (Sem), Yâfas (Jafé) e Hâm (Cam). As pessoas que habitam a terra hoje são seus descendentes e, por esta razão, ele é chamado de "segundo pai".

Ibrâhîm, 'alaihis-salâm, foi o pai de Ismâ'îl e Is'hâq, 'alaihimas-salâm. Is'hâq, 'alaihis-salâm, foi o pai de Ya'qûb. Ya'qûb, 'alaihis-salâm, foi o pai de Yûsuf, 'alaihis-salâm. Ya'qûb, 'alaihis-salâm,

chamava-se “Israâ’îl”. Esta foi a razão pela qual seus filhos e netos foram chamados de **“Banî Israâ’îl”** (Filhos de Israâ’îl, israelitas). O Banî Israâ’îl aumentou em número e muitos deles eram Profetas, entre eles Mûsâ, Hârûn, Dâwûd, Sulaimân, Zakariyyâ, Yahyâ e ‘Îsâ, ‘alaihimu-salâm. Sulaiman, ‘alaihis-salâm, era o filho de Dâwûd, ‘alaihis-salâm. Yahya, ‘alaihis-salâm, era o filho de Zakariyyâ, ‘alaihis-salâm.Hârûn, ‘alaihis-salâm, era o irmão de Mûsâ, ‘alaihis-salâm. Os árabes são os descendentes de Isma’il, ‘alaihis-salâm, e Muhammad, sallallahu ‘alaihi was-salâm, era um árabe.

Hûd, ‘alaihis-salâm, foi enviado para a tribo de ‘Âd, Sâlih, ‘alaihis-salâm, para a tribo de Thamûd, e Mûsâ, ‘alaihis-salâm, foi enviado para o Banî Israâ’îl, assim como Hârûn, Dâwûd, Sulaimân, Zakariyyâ e Yahyâ, ‘alaihimu-salâm. No entanto, nenhum destes últimos trouxe uma nova religião; eles chamaram o Banî Israâ’îl para seguir a de Mûsâ, ‘alaihis-salâm. Embora o Zabûr (Salmos de Davi) tenha sido enviado para Dâwûd, ‘alaihis-salâm, ele não continha comandos, regras ou ‘ibâdât. Estava cheio de sermões e conselhos. Consequente mente, não revogou ou invalidou a Torá, mas enfatizou-a, razão pela qual a religião de Mûsâ, ‘alaihis-salâm, durou até o tempo de ‘Îsâ, ‘alaihis-salâm. Quando ‘Îsâ, ‘alaihis-salâm chegou, sua religião revogou a de Mûsâ, ‘alaihis-salâm. Isto significa que a Torah se tornou inválida e já não era permitido seguir a religião de Mûsâ, ‘alaihis-salâm. Desde esse momento foi necessário seguir a religião de ‘Isa, ‘alaihis-salâm, até a chegada da religião de Muhammad, sallallahu ‘alaihi was-salâm. No entanto, a maioria dos Banî Israâ’îl não acredita va em ‘Isâ, ‘alaihis-salâm, e insistia em seguir a Torá. Foi assim que os judeus e os nasârâ se separaram. Aqueles que acreditavam em ‘Isâ, ‘alaihis-salâm, eram chamados de nasârâ e são os cristãos de hoje. Aqueles que negaram ‘Isâ, ‘alaihis-salâm, e permaneceram em descrença e heresia, são chamados yahûd (judeus). Os judeus continuam a afirmar que seguem a religião de Mûsâ, ‘alaihis-salâm, e leem a Torá e o Zabûr; os nasârâ afirmam seguir a religião de ‘Îsâ, ‘alaihis-salâm, e leem o Injîl. Contudo, o nosso mestre, Muhammad, ‘alaihis-salât-u-wa-s-salâm, o mestre dos dois mundos e o Profeta de todos os seres humanos e jinns, foi enviado como Profeta a todos os ‘âlam

(mundos de seres), e a sua religião, o Islam, invalida todas as anteriores. Como esta religião permanecerá válida até o fim dos tempos, não é permitido, em nenhuma parte do mundo, seguir qualquer outra religião além da dele. Nenhum Profeta lhe sucederá. E nós, graças a Allâ hu ta'âlâ, somos a sua Umma. A nossa religião é o Islam.

Nosso Profeta Muhammad, sallallahu 'alaihi was-salâm, nasceu em Makka na manhã de segunda-feira, 12 de Rabî' al-awwal, o que corresponde a 20 de abril de 571 d.C. Ele morreu em Madina no ano 11 da Hégira [632 d.C.]. Aos 40 anos de idade, o anjo Jabrâ'il, 'alaihis-salâm, revelou-lhe o seu estatuto como profeta. No ano 622 Ele migrou de Makka para Madina; sua chegada na aldeia de Qubâ, perto de Madina, na segunda-feira, 20 de setembro, marca o início do calendário muçulmano, Hijrî Shamsî (solar)[1], enquanto o 1º de Muharram do mesmo ano marca o início do calendário Qamarî (lunar).

Nós acreditamos em todos os Profetas. Foram todos enviados por Allâhu ta'âlâ. No entanto, quando o Alcorão al-karîm desceu, as outras religiões foram canceladas, pelo que não é admissível segui-las. Os cristãos também acreditam nos Profetas anteriores, mas, como não acreditam que Muhammad, sallallahu 'alaihi was-salâm, é o Profeta para toda a humanidade, permanecem incrédulos e se afastam da verdade. Quanto aos judeus, por não acreditarem nem mesmo em 'Îsâ (Jesus), 'alaihis-salâm, eles estão duplamente distantes do Islam.

Como judeus e cristãos acreditam que seus livros alterados do presente são os mesmos de quando desceram dos céus, eles são chamados de Ahl al-kitâb (descrentes com livro celestial). É permitido [mas makrûh] comer os animais que eles sacrificam [se eles mencionarem o nome de Allâhu ta'âlâ quando eles os sacrificam] e casar com suas filhas por meio de nikâh. [Não é permitido às moças muçulmanas casarem com nenhum dos homens desses descrentes. Se uma moça muçulmana tiver a intenção de casar com um descrente ou um murtadd, estará desprezando a religião de Muhammad, sallallahu 'alaihi was-salâm. A pessoa que despreza o Islam deixará a religião e se tornará um **murtadd**. E o chamado casamento será entre dois incrédu-

[1] O Ano Shamsî Persa começa seis meses antes, ou seja, no dia 20 de Março, dia da festa dos seguidores de Zoroastro.

los.] Politeístas (**mushrik**) e apóstatas (**murtadd)** que não acreditam em nenhum Profeta ou Livro são chamados de **"incrédulos sem um livro divino".** Também tem sido dito que os mulhid estão no mesmo grupo. Muçulmanos não podem casar com as filhas deles ou comer os animais que eles sacrificam.

Îsâ, 'alaihis-salâm, escolheu doze dos seus companheiros para propagar a sua religião quando ele se foi; cada um deles era chamado Hawârî [Apóstolo]. Eles eram Sham'ûn [Simão], Pedro, João, Ya'qûb o velho, André [irmão de Pedro], Filipe, Tomé, Bartolomeu, Matiyyâ [Mateus], Ya'qûb, o mais novo, Barnabé, Yahûdâ [Judas], e Tadeu [Jakobi]. Yahûdâ tornou-se um apóstata e Matyas [Matias] tomou o seu lugar. Pedro era o líder dos apóstolos. Depois que 'Îsâ, 'alaihis-salâm, subiu ao céu aos trinta e três anos de idade, estes doze crentes propagaram a sua religião. No entanto, os verdadeiros ensinamentos da religião enviada por Allâhu ta'âlâ só se mantiveram por oitenta anos. Depois disso, as falsas doutrinas de Paulo espalharam-se por todo o lado. Paulo era um judeu que não acreditava em 'Isâ, 'alaihis-salâm. No entanto, fingindo acreditar em 'Isâ, 'alaihis-salâm, e apresentando-se como um estudioso da religião, ele disse que 'Îsâ, 'alaihis-salâm, era o filho de Allah. Ele inventou algumas outras coisas e disse que o vinho e o porco eram halâl. Ele mudou a qibla dos nasârâ, passando-a da Ka'ba para o leste, onde o sol nasce. Ele disse que a Pessoa (Dhât) de Allâhu ta'âlâ era una e que os Seus Atributos eram três. Estes Atributos foram chamados de uqnûm (hipóstase). As palavras deste hipócrita judeu foram inseridas nos primeiros quatro livros da Bíblia (os Evangelhos), especialmente o de Lucas, e os nasârâ dividiram-se em grupos. Apareceram setenta e duas seitas e livros conflitantes entre si. Com o passar do tempo, a maioria destas seitas foi esquecida e agora restam apenas três seitas principais. A maioria deles são politeístas.

['Abdullah ibn 'Abdullah at-Tarjumân, um antigo padre cristão de Maiorca, uma das Ilhas Baleares espanholas, que mudou de nome depois de se converter ao Islam na Tunísia, escreveu, no ano (hijrî) 823 [1420 d.C.], um livro em árabe intitulado **"Tuhfa-t-ul-arîb fi-r-radd-i-'alâ ahl-is-salîb".** Este mesmo texto foi publicado em árabe

em Londres em 1290 [1872 d.C.] e em Istambul em 1401 [1981 d.C.]; o texto na sua versão original foi adicionado como apêndice ao livro intitulado **"Al-Munqidu 'anid-dalâl"** publicado por Hakîkat Kitâbevi, e uma versão turca do livro foi publicada pela mesma instituição. No seu texto diz:

"Os quatro Evangelhos foram escritos por Mateus, Lucas, Marcos e João [Yuhannâ]. Eles foram os primeiros livros a corromper o Injîl. Mateus, um palestino, só tinha visto 'Isâ, 'alaihis-salâm, no ano da sua ascensão ao céu. Oito anos depois ele escreveu o primeiro Evangelho em que narrou os extraordinários acontecimentos que viu na Palestina quando 'Isâ, 'alaihis-salâm nasceu, e como sua mãe, Hadrat Mariam, o levou para o Egito quando o rei judeu Herodes quis matar seu filho. Hadrat Mariam morreu seis anos após a ascensão de seu filho ao céu e foi enterrada em Jerusalém. Lucas, que era de Antioquia (Antakya), nunca viu 'Isâ, 'alaihis-salâm. Ele foi convertido à religião de 'Îsâ, 'alaihis-salâm, pelo hipócrita Paulo muito depois da ascensão de 'Îsâ, 'alaihis-salâm, ao céu.

Depois de estar imbuído das ideias venenosas de Paulo, ele escreveu o seu Evangelho mudando completamente o livro de Allâhu ta'âlâ (o Injîl). Marcos também aceitou a religião de 'Îsâ, 'alaihis-salâm, depois da Ascensão[1] e escreveu em Roma, sob o nome de Injîl, o que tinha ouvido de Pedro. João era o filho da tia de 'Îsâ, 'alaihis-salâm, e tinha-o visto várias vezes. Nestes quatro Evangelhos há muitas passagens cheias de incongruências.

Nos dois livros intitulados **"Diyâ' al-qulûb"** e "**Shams al-haqîqa"**, escritos por Is'hâq Efendi de Harput, falecido em 1309 H. (1892 d.C.); no livro árabe "As-Sirât al-mustaqîm" de Haydarî-zâda Ibrâhîm Fasîh, falecido em 1299; no livro persa "Mîzân al-mawâzîn" de Najaf 'Alî Tabrîzî, publicado em Istambul em 1288, e no livro árabe "Ar-Radd al-jamîl" de al-Imâm al-Ghazâlî, publicado em Bei-

[1] A Ascensão, ao contrário da crença cristã errônea, é a ascensão ao céu de Hadrat 'Îsâ, 'alaihis-salâm, quando ele estava vivo e quando tinha trinta e três anos de idade. Este fato pode ser encontrado em todas as fontes islâmicas. Veja o livro "Could Not Answer", publicado pela Hakîkat Kitâbevi.

rute em 1959, mostra-se que as cópias atuais da Bíblia foram alteradas[2].

Um Evangelho escrito por Barnabé, que escreveu exatamente o que ele viu e ouviu de ‘Isâ, ‘alaihis-salâm, foi encontrado e publicado em inglês no Paquistão em 1973. No **“Qâmûs al-a’lâm”** está escrito: “Barnabé foi um dos primeiros apóstolos. Ele era cipriota e filho do tio de Marcos. Ele creu em ‘Îsâ, ‘alaihis-salâm, pouco depois do aparecimento de Paulo, com quem viajou para a Anatólia e a Grécia. Morreu como mártir em Chipre no ano 63. Escreveu um Evangelho e alguns textos menores. Os cristãos o comemoram em 11 de junho.”

Os encarregados da religião cristã são chamados de clérigos. Na Igreja Ortodoxa, o Patriarca é o mais alto na hierarquia. Os clérigos de níveis intermediários são chamados pastores. Aqueles que leem a Bíblia são chamados qissîs (evangelistas). Acima dos qissîs estão os uskufs (presbíteros), que agem como muftis. Os uskufs de grau superior são bispos, acima dos quais estão os arcebispos ou metropolitas, que atuam como qâdîs (juízes). Aqueles que dirigem as orações rituais nas igrejas são chamados **jâsilîk** (sacerdotes), abaixo deles estão os curas ou shammâs (diáconos); aqueles que servem nas igrejas são chamados eremitas ou shamâmisa (cenobitas), e seu dever é ajudar aqueles que assistem aos atos de adoração. Aqueles que se dedicaram à adoração são chamados monges. O líder dos católicos é o Papa de Roma (pai dos pais). Os seus conselheiros são chamados de cardeais.

Todos esses homens do passado com autoridade religiosa esqueceram a Unidade de Allâhu ta’âlâ e inventaram a Trindade. Disseram que Jesus era o filho de Deus, o que os tornou politeístas. Depois de algum tempo, no tempo do Imperador Romano Cláudio II [215-271 d.C.], Yûnus Shammâs, Patriarca de Antioquia, proclamou a Unidade de Allâhu ta’âlâ. Ele fez muitas pessoas voltarem ao caminho reto, unindo-se ao Povo do Livro. Contudo, os sacerdotes que o sucederam voltaram a adorar três deuses. Constantino, o Grande [274-337 d.C.], misturou a idolatria com a religião de ‘Îsâ, ‘alaihis-salâm. Em 325, reuniu 318 sacerdotes no Concílio de Niceia (Iznik) e inventou uma

[2] Uma reprodução fotostática dos três últimos livros foi publicada em 1986 por Hakîkat Kitâbevi.

nova religião cristã. Neste concílio, um padre chamado Arius disse que Allâhu ta'âlâ é Um e que 'Îsâ, 'alaihis-salâm, é Sua criatura. No entanto, Alexandrius, presidente do Concílio e então Patriarca de Alexandria, expulsou-o da Igreja. Constantino, o Grande, declarou que Arius era um descrente e estabeleceu os princípios da seita Malakâiyya (melquita); este fato está registrado no livro "al-Milal wa-n-nihal" e em um livro de história escrito por Jirjis Ibn al-'Amîd, um historiador grego bizantino que viveu entre 601-671 H. [1205-1273, Damasco]. No ano 381, realizou-se um segundo concílio em Constantinopla (Istambul), e Makdonius foi acusado de blasfêmia por ter dito que 'Îsâ, 'alaihis-salâm, não é o Rûh al-quds [o Espírito Santo], mas um ser criado. No ano 395, o Império Romano foi dividido em dois. Em 421, um terceiro concílio foi realizado em Constantinopla para estudar um livro escrito por Nestório, Patriarca de Constantinopla, que dizia: "'Îsâ era um ser humano. Ele não pode ser adorado. Existem apenas os dois uqnûms (hipóstase). Deus é Um. Entre Seus Atributos de Existência, Vida e Conhecimento, o Atributo 'Vida' é o Rûh al-quds; o Atributo 'Conhecimento' penetrou em 'Îsâ, e ele se tornou um deus. Mariam não era a mãe de um deus, mas de um homem. Jesus era o filho de Deus." Estas ideias dele foram aceitas. A seita de Nestório espalhou-se pelos países orientais. As pessoas afiliadas a esta seita eram chamadas Nestûrîs (nestorianos). No ano 431, foi realizado um quarto concílio em Éfeso, no qual as ideias de Dioscorus foram aceitas, e Nestório [d. 439, Egito] foi acusado de blasfêmia. Vinte anos mais tarde, no ano 451, 734 sacerdotes reuniram-se num quinto concílio realizado em Kadıköy, e os escritos de Dioscorus, Patriarca de Alexandria, foram repudiados. As ideias de Dioscorus, que se baseavam em aceitar 'Îsâ, 'alaihis-salâm, como um deus, criaram a seita monofisita, também chamada Ya'qûbiyya pelo nome real de Dioscorus, Ya'qûb (Jacob). Mercianus, o imperador bizantino da época, proclamou em todo lugar a decisão de seu repúdio. Dioscorus fugiu e espalhou as suas crenças em Jerusalém e no Egito. Os seus seguidores adoram 'Îsâ, 'alaihis-salâm. Hoje, a esta seita Ya'qûbiyya pertencem os Suryânîs (cristãos que falam siríaco) e os maronitas do Iraque, Síria e Líbano.

A seita aceita no concílio de Kadıköy, e depois ratificada pelo rei Mercianus, é chamada Malakâiyya (melquita). É semelhante à seita aceita no primeiro concílio ecumênico de Niceia. O seu chefe é o Patriarca de Antioquia. Os Atributos do Conhecimento e da Vida são chamados, respectivamente, "Kalima" (Palavra) e "Rûh al-quds" (Espírito Santo), que recebem o nome de **"uqnûm"** quando unidos ao ser humano. Eles têm três deuses: 'Pai', o uqnûm da existência; 'Filho' que é Jesus; Maria (Mariam) é uma deusa. A 'Îsâ, 'alaihis-salâm, eles chamam de Jesus Cristo.

As setenta e duas seitas cristãs são descritas em detalhe no livro árabe 'Idhâr ul-haqq' e no livro turco **"Diyâ' ul-qulûb"**.[1]

Todas estas seitas foram fiéis ao Papa de Roma até o ano 446 H. [1054 d.C.] e como conjunto foram chamadas católicas. Em 1054, Michael Cirolarius, Patriarca de Constantinopla, rompeu as relações com o Papa e começou a administrar as igrejas do Oriente de forma independente. Estas igrejas são chamadas Ortodoxas e seguem a seita Ya'qûbiyya. Em 923 H. [1517 d.C.], o sacerdote alemão Lutero rebelou-se contra o papa de Roma e várias igrejas o seguiram. São chamados de protestantes. Como pode ser visto, a maioria dos cristãos são piores que os judeus e serão punidos mais severamente no Além porque negam Muhammad, sallallâhu 'alaihi wa sallam, e transgridem a questão da Ulûhiyya (Divindade); acreditam na Trindade e adoram 'Îsâ, 'alaihis-salâm, e sua mãe Hadrat Mariam, deificando-os; e também comem carne "maita". Quanto aos judeus, eles rejeitam estes dois Profetas, mas sabem que Allâhu ta'âlâ é Um e não comem carne

[1] 'Idhâr al-haqq' foi impresso em árabe em Istambul em 1280 H. (1864 d.C.). Neste livro, Rahmatullah Efendi da Índia (rahmat-Allâhi ta'âlâ 'alaih), que morreu em Makka em 1306 A.H., registra em detalhes as discussões que ele teve com sacerdotes cristãos na Índia em 1270 H. e depois em Istambul, e mostra como ele os silenciou. Na edição de Istambul do livro persa 'Saif al-abrâr', foram acrescentados comentários sobre essas discussões. 'Idhâr al-haqq' tem duas partes: a primeira, traduzida para o turco por Nüzhet Efendi, Secretário-Chefe do Ministério da Educação, foi publicada em Istambul sob o título 'Îdhâh al-haqq'; a segunda parte foi traduzida para o turco por Seyyid Ömer Fehmi bin Hasan em 1292 H. e publicada na Bósnia em 1293 H. [1876 d.C.] sob o título 'Ibrâz al-haqq'. 'Diyâ' al-qulûb' de Is'haq Efendi de Harput foi traduzido para o inglês com o título **'Could not answer' (Istambul, 1990).**

‘maita’[1]. No entanto, os judeus são mais hostis ao Islam. Embora haja alguns judeus que se tornaram politeístas, como os cristãos, dizendo que “Uzair (Esdras) era um filho de Deus”, todos eles são chamados de Ahl al-kitâb. Ortodoxos, Católicos e Protestantes leem diferentes versões da Bíblia e afirmam seguir ‘Isâ, ‘alaihis-salâm. Entretanto, cada seita tem muitos princípios conflitantes em termos de dogmas e práticas. Como um todo eles são chamados nasârâ, cristãos, Ahl al-kitâb. Os judeus afirmam seguir a religião de Moisés, ‘alaihis-salâm’

Quando o nosso Profeta, ‘alaihi-s-salâtu wa-s-salâm, honrou a Outra Vida com a sua presença no ano 11 H., **Abû Bakr as-Siddîq**, radiy-Allâhu ‘anh, tornou-se **Khalîfa**; morreu aos 63 anos de idade, treze anos depois do Hegira. Depois dele, o Khalîfa foi **‘Umar al-Fârûq**, radiy-Allâhu ‘anh. Ele morreu mártir aos 63 anos, vinte e três anos depois do Hegira. Depois dele, ‘Uthmân Dhu’n-Nûrain, radiy-Allâhu ‘anh, foi o Khalîfa. Morreu mártir aos 82 anos de idade, no trigésimo quinto ano após o Hegira. Depois dele, o Khalîfa foi Hadrat ‘Alî, radiy-Allâhu ta’âlâ ‘anh. Ele morreu como mártir no ano 40 H., quando tinha 63 anos de idade. Estes quatro Khalifahs são chamados **al-Julafâ-ar-râshidîn**. Exatamente como na ‘Asr as-Sa’âda, as regras (ahkâm) do Sharî’a foram aplicadas, e a virtude, a justiça e a liberdade floresceram em todos os lugares durante os seus califados. As regras do Sharî’a foram aplicadas sem qualquer aplicação indevida. Estes quatro Khalifahs eram os mais exaltados de todos os as-Sahâbat al-kirâm, ‘alaihimu-r-ridwân, e a supremacia entre eles correspondia à ordem em que desempenhavam os seus califados.

Nos dias de Abû Bakr, radiy-Allâhu ‘anh, os muçulmanos deixaram a Península Arábica. Depois que o nosso Profeta, sallallâhu ‘alai hi wa sallam, honrou a Outra Vida com a sua presença, houve uma série de revoltas na Península Arábica. Abû Bakr, radiy-Allâhu ‘anh,

[1] O Islam prescreve como se deve abater um animal comestível. Quando não é abatido desta forma, a sua carne torna-se “maita”, ou seja, imprópria para o consumo.

[2] Uma Enciclopédia de Religiões em dois volumes afirma: “Em 1995, a população mundial era de 4,550 bilhões de habitantes. 1,060 bilhões eram muçulmanos, 1,870 bilhões eram cristãos [dos quais 1,042 bilhões eram católicos, 0,50 bilhões eram protestantes e 0,174 bilhões eram cristãos ortodoxos], 0,140 bilhões eram judeus e 1,660 bilhões eram politeístas e descrentes que não acreditavam em nenhuma escritura revelada nem em nenhum profeta.”

os sufocou e durante seu califado lutou para corrigir os apóstatas e restaurar a unidade entre os muçulmanos como havia existido nos dias de ‘Asr-as-Sa’âda. Quando ‘Umar, radiy-Allâhu ‘anh, se tornou Khalîfa, ele fez o seguinte discurso:

“Ó Companheiros do Mensageiro, radiy-Allâhu ta’âlâ ‘anhum ajma’în! ***A Arábia só pode fornecer a cevada para os vossos cavalos. No entanto,*** Allâhu ta’âlâ prometeu ao Seu Amado (o Profeta) que daria à Umma de Muhammad***, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, terras e casas em todas as partes do mundo. Onde estão os soldados para conquistar esses países prometidos e assim obter despojos neste mundo e as honras de ghâzi e mártir no Além? Onde estão os ghâzi que estão*** dispostos a sacrificar suas vidas e suas cabeças e deixar suas casas para resgatar os escravos humanos de Allâhu ta’âlâ das garras dos cruéis, em nome do Islam?”

Com estas palavras ele encorajou o Sahabat al-Kiram, ‘alaihimu-r-ridwân, a sair para o jihâd e a ghazâ. Foi este discurso de ‘Umar, radiy-Allâhu ‘anh, que provocou a rápida expansão dos países muçulmanos em três continentes e a purificação de milhões de pessoas da descrença. Após este discurso, o Sahâbat al-Kirâm, ‘alaihimu-ridwân, fez um juramento unânime para fazer o jihâd e lutar até à morte pelo Islam. Com exércitos organizados como ordenado pelo Khalîfa, os muçulmanos deixaram suas casas, deixaram a Arábia e se estabeleceram em todos os lugares. Muitos deles não voltaram e lutaram até à morte nos lugares para onde tinham ido. Muitos países foram conquistados em um curto período de tempo. Naqueles dias havia dois grandes impérios: o persa e o bizantino. Os muçulmanos derrotaram os dois. Em particular, o Império Persa desmoronou-se completamen te e todas as suas terras passaram para as mãos dos muçulmanos. Os habitantes de todos estes países foram abençoados com a honra de se tornarem muçulmanos e obtiveram a paz neste mundo e a felicidade eterna na vida após a morte. Nos dias de ‘Uthmân e ‘Alî, radiy-Allâhu ‘anhumâ, os muçulmanos também fizeram muitos ghazâ. No entanto, durante o califado de ‘Uthmân, radiy-Allâhu ‘anh, algumas pessoas se rebelaram contra o Khalîfa e o martirizaram. Durante o tempo de ‘Alî, radiy-Allâhu ‘anh, surgiram os tumultos dos khârijîs. As diferenças

entre os muçulmanos tinham começado. E, uma vez que a grande força que havia trazido as vitórias e conquistas havia sido a unidade absoluta, durante seus califados não foram conquistados tantos territórios como na era de ‘Umar, radiy-Allâhu ‘anh.

A era dos al-Khulafâ ar-râshidîn (era dos quatro Khalîfas) durou trinta anos. Aqueles trinta anos, como no tempo do Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, foram anos de prosperidade. Depois deles, muitas bid’as e caminhos errados apareceram entre os muçulmanos, e muitas pessoas saíram do caminho reto e estreito. Só foram salvos aqueles que acreditaram e seguiram o Sharî’at exatamente como os Sahâbat al-kirâm, radiy-Allâhu ta’âlâ ‘anhum ajma’în, tinham feito. O caminho deles é o de Ahl as-Sunna wa-l-jamâ’at. Este é o único caminho certo. O caminho seguido pelo nosso Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, e seus Companheiros é aquele que é ensinado pelos ‘ulamâ do Ahl as-Sunna, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihim ajma’în. Os caminhos errados foram esquecidos ao longo do tempo e hoje a maioria dos países muçulmanos seguem este caminho certo. Entre aqueles que não eram compatíveis com o Ahl as-Sunna wa-l-jamâ’at, resta apenas o grupo Shî’a. Os xiitas declaram que “o califado era justamente o de ‘Alî, radiy-Allâhu ‘anh, e que Abû Bakr e ‘Umar, radiy-Allâhu ta’âlâ anhumâ, o tiraram à força”, e além disso caluniam a maior parte dos Sahâbat al-kirâm. [Hoje, os que são chamados muçulmanos e conhecidos como al-Ummat al-Muhammadiyya são quase inteiramente os Ahl as-Sunna, os xiitas e os Wahhâbi].[1]

No que diz respeito às práticas e atos de culto, Ahl as-Sunna consiste em quatro Madhhabs. **O primeiro**, **o Madhhab Hanafî**, foi fundado por al-Imâm al-A’zam Abu Hanîfa Nu’mân ibn Thâbit, rahmatullâhi ‘alaih. “Hanîf” significa ‘a pessoa que tem uma crença correta, que se apega ao Islam’. “Abu Hanîfa” significa “pai dos verdadeiros muçulmanos”. Al-Imâm al-A’zam não tinha uma filha chamada “Hanîfa”. **O segundo** dos quatro Madhhabs do Ahl as-Sunna é **o**

[1] Os zindiqs chamados Ahmadiyya (Qâdiyânîs) e Bahâ’îs, que são membros de duas seitas heréticas fundadas na Índia por traidores ingleses, além dos lâ-madhhabîs e do grupo herético Tablîgh-jamâ’at, não têm nenhuma ligação com o Islam. Estes três grupos separaram-se do Ahl as-Sunna. (Ver capítulo 36 do segundo fascículo de “**Eterna Felicidade”).**

Madhhab Mâlikî do Imâm Mâlik ibn Anas, rahmatullâhi ‘alaih. **O terceiro é o Madhhab Shâfi’î** do Imâm Muhammad ibn Idrîs ash-Shâfi’î, rahmatullâhi ‘alaih. Hadrat Shâfi’, um Sahâbî, era o avô do avô do Imâm Shâfi’î. É por isso que tanto ele como o seu Madhhab se chamavam Shâfi’î**. O quarto é o Madhhab Hanbalî** de Ahmad ibn Hanbal, rahmatullâhi ‘alaih. [Como está escrito no prefácio de ‘Radd al-muhtâr’ de Ibn ‘Âbidîn, estes quatro imâms nasceram nos anos de 80, 90, 150 [767 d.C.] e 164 H. e faleceram em 150, 179, 204 e 241 H., respectivamente].

Em relação ao seu **i’tiqâd** (dogmas de fé), estes quatro Madhhabs não são diferentes um do outro. Todos eles pertencem a Ahl as-Sunna, e suas crenças e os fundamentos de sua religião são os mesmos. Estes quatro Imâms dos muçulmanos eram mujtahids eminentes, reconhecidos e aceitos por todos. No entanto, tinham pequenas diferenças na prática do Ahkâm-i-islâmiyya.

Como Allâhu ta’âlâ e Seu Profeta, sallallâhu ta’âlâ ‘alaihi wa sallam, sentiram compaixão pelos muçulmanos, não foi declarado claramente no Alcorão al-karîm e nos hadîth-i-sharîfs como certas práticas devem ser feitas[1]. Estas práticas devem ser feitas comparando-as com aquelas que tinham sido claramente definidas. Os estudiosos da religião (‘ulamâ) que são capazes de entender como estas práticas seriam feitas depois de compará-las com as que estão bem definidas, são chamados mujtahid. Era wâjib, isto é, era ordenado no Alcorão al-karîm e nos hadîth-i-sharîfs, que o mujtahid se esforçasse ao máximo para descobrir como uma determinada prática deve ser feita e que, para ele e para aqueles que o seguem, a fizesse de acordo com a dedu ção ou escolha a que chegou (ijtihâd), a qual, segundo ele, era muito provavelmente a solução certa. O erro que um mujtahid comete ao analisar como uma determinada prática deve ser feita não é considera do uma transgressão e no Além será recompensado pelos seus esforços, uma vez que o ser humano é ordenado a fazer um esforço em tudo o que puder. Se ele errar, receberá uma recompensa pelo seu esforço.

[1] Se eles estivessem claramente definidos, teria sido fard (obrigatório) ou sunna fazê-los exatamente como estavam definidos. As pessoas que não cumprissem os fards seriam transgressoras, e aquelas que os menosprezassem se tornariam não muçulmanas; isto tornaria a vida muito difícil para os muçulmanos.

Se a conclusão a que chegou estiver correta, ele terá dez vezes mais essa recompensa. Todos os Sahâbat al-kirâm, radiy-Allâhu ta'âlâ 'anhum ajma'în, foram grandes **'ulamâ,** ou seja, **mujtahid**. Entre os que viveram imediatamente depois deles havia muitos grandes estudi osos capazes de fazer ijtihâd e cada um deles foi seguido por muitas pessoas. Com o passar do tempo, a maioria deles foi esquecida, e entre os Ahl as-Sunna, só ficaram **os quatro Madhhabs**. Então, para evitar que alguém surgisse fingindo ser um mujtahid e assim criasse um grupo herético, o Ahl as-Sunna não seguiu nenhum outro Madhhab além de um dos quatro mencionados. Entre os Ahl as-Sunna há milhões de pessoas que seguiram um desses quatro Madhhabs. Como as crenças desses quatro Madhhabs são as mesmas, eles não consideram que os outros estejam errados ou que sejam adeptos de bid'a ou hereges. Depois de dizer que o caminho certo é o desses quatro Madh habs, o muçulmano pensa que o seu próprio Madhhab tem mais probabilidade de estar correto. Como o Islam não revela claramente como as práticas determinadas pelo ijtihâd devem ser feitas, é possível que o seu próprio Madhhab esteja errado e que um dos outros três esteja certo; por isso é melhor dizer: "O Madhhab que eu sigo está certo, mas pode muito bem estar errado; os outros três Madhhabs estão errados, mas pode muito bem ser que um deles também esteja certo." Consequentemente, e desde que não haja haraj (dificuldade, problema) não é permitido misturar os quatro Madhhabs e fazer uma coisa como um diz e outra como outro diz. A pessoa tem que seguir em todos os aspectos o Madhhab ao qual pertence, estudando os seus ensinamentos e desde que não haja haraj.[1]

A maioria dos 'ulamâ disse que Madhhab Hanafî é o mais próximo da verdade. Consequentemente, este Madhhab foi estabelecido na maioria dos países muçulmanos. Quase todos os muçulmanos no Turquistão, Índia e Anatólia são Hanafis. A África Ocidental é totalmente Mâlikî. Há Mâlikî em algumas áreas da costa da Índia. Entre os

[1] Contudo, quando há haraj (dificuldade) em fazer uma coisa de acordo com o Madhhab que se segue, é permitido seguir outro Madhhab nessa matéria em particular. Isto tem uma série de condições. Ao usar essa opção, a pessoa deve atender aos requisitos do outro Madhhab nesse assunto. Em 'Ibni 'Âbidîn', no capítulo intitula do Nikâh-i-rij'î, está escrito que o 'ulamâ do Madhhab Hanafî emitiu um fatwâ segundo o qual é permitido imitar o Madhhab Mâlikî em tais casos.

curdos e no Egito, Arábia e Daguestão, os Shâfi'î são numerosos. Os Hanbalîs são poucos; em certa época houve muitos em Damasco e em Bagdá.

O **"Al-Adillat ash-Shar'iyya"** (fontes documentais, fontes do Islam) é composto por quatro partes: Alcorão al-karîm, hadîth-i-sharîf, **ijmâ' al-Umma** e **qiyâs al-fuqahâ'**.

Quando os mujtahids não conseguiam ver claramente no Alcorão al-karîm como uma determinada prática deve ser feita, recorriam aos hadîth-i-sharîfs. Se também não a encontravam claramente nos hadîth-i-sharîfs, declaravam que tal prática devia ser feita de acordo com o ijmâ' sobre essa ação, se houvesse algum.[1]

Se não for possível encontrar a forma de fazer uma determinada prática através do ijmâ', seria necessário recorrer ao qiyâs de um muj tahid. Imâm Mâlik, rahmatullâhi 'alaih, disse que, além dessas quatro fontes, o consenso dos habitantes de al-Madîna al-munawwara daque la época também era uma fonte. Ele disse: "A tradição (consenso) deles foi transmitida de seus pais, de seus avós e, originalmente, de Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam". Ele disse que esta fonte era mais confiável do que o qiyâs. Contudo, os imâms dos outros três Madhhabs não consideravam o povo de Madina como uma fonte determinante.

Havia dois métodos de fazer ijtihâd. Um era o método do 'ulamâ do Iraque, chamado **ra'y** (escolha) ou **qiyâs** (comparação): se o Alcorão al-karîm ou o Hadîth-i-sharîf não especificava claramente como fazer uma determinada prática, procurava-se outra prática, claramente expressa no Alcorão al-karîm ou nos hadîth-i-sharîfs, que fosse seme lhante à prática em questão. Quando era encontrada, a prática em questão era comparada a ela e feita de forma semelhante. Depois do Sahabat al-Kiram, o líder dos mujtahids que seguiram este caminho foi o Imam al-A'zam Abû Hanîfa, rahmatullâhi 'alaih.

[1] "Ijmâ'" significa "consenso, unanimidade; o fato de todos os Sahâbat al-kirâm terem interpretado ou feito uma certa prática da mesma maneira". O ijmâ' do Tâbi'ûn, os sucessores do Sahâbat al-Kirâm, é também uma fonte válida. Não é considerado ijmâ' o que foi feito ou dito por aqueles que os sucederam, especialmente se são pessoas dos nossos dias, reformadores da religião ou pessoas que não têm conheci mento dela.

O segundo método foi o do ‘ulamâ de Hijaz, chamado **“riwâyat”** (transmissão). Eles consideraram as tradições dos habitantes de al-Madina al-munawwara como tendo supremacia sobre o qiyâs. O maior dos mujtahids deste método era o Imâm Mâlik, rahmatullâhi ‘alaih, que vivia em al-Madina al-munawwara. Al-Imâm ash-Shâfi’î e Imâm Ahmad ibn Hanbal, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihimâ, frequentaram as suas aulas. Tendo aprendido o método de Imâm Mâlik, Al-Imâm ash-Shâfi’î foi para Bagdá e estudou o método de al-Imâm al-A’zam, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, com seus discípulos e uniu os dois estabele cendo uma nova maneira de fazer ijtihâd. Sendo um homem de letras muito eloquente, ele compreendeu o contexto das âyats e dos hadîths e decidiu sobre as práticas de acordo com a alternativa que era mais enfática. Quando não encontrava uma alternativa suficientemente enfática, ele próprio fazia ijtihâd segundo o método do qiyâs. Ahmad ibn Hanbal, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, também foi para Bagdá depois de estudar o método de Imâm Mâlik, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih. Uma vez lá, ele estudou o método qiyâs com os discípulos de al-Imâm al-A’zam, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih. No entanto, como ele tinha memorizado uma enorme quantidade de hadîth, ele chegaria ao seu ijtihâd examinando primeiro a forma como os hadîths se corroboravam uns aos outros. Por esta razão ele veio a discordar dos outros três Madhhabs em muitos assuntos relacionados com **o Ahkâm-i-islâmiyya**.

O caso destes quatro Madhhabs é semelhante ao dos habitantes de uma cidade cujos cidadãos mais ilustres não encontram nas suas leis a forma de lidar com um novo problema. O que eles fazem é se juntar e resolver isso, comparando com alguns parágrafos da lei que eles acham aceitáveis. Às vezes eles não chegam a um acordo. Alguns deles dizem que o propósito do Estado é a manutenção das cidades para o bem-estar do povo. Através da observação e do raciocínio eles resolvem um problema usando uma analogia entre o novo caso e um caso semelhante que está claramente definido em um artigo da lei. Este procedimento é semelhante ao de Madhhab Hanafî. Outros habitantes observam o comportamento dos delegados que vêm da capital e os imitam nessa matéria porque dizem que seu comportamento indica a intenção do Estado. Este método é comparável ao do Madhhab Mâ-

likî. Outros descobrem como fazer uma determinada prática, estudando as expressões e o contexto da lei. Este método é semelhante ao de Madhhab Shâfi'î. E há outros que chegam a uma decisão reunindo outros artigos da lei e comparando-os uns com os outros. Isto seria semelhante ao Madhhab Hanbalî. Atuando desta forma, cada um dos notáveis da cidade encontra uma solução e diz que ela é correta e compatível com a lei. Contudo, o que a lei aprova é apenas um dos quatro métodos, e os outros três estão errados. Mas a sua discordância da lei não se deve a um desejo de se opor a ela; eles se esforçam para cumprir as ordens do Estado. Consequentemente, ninguém pode ser considerado culpado, mas eles até merecem respeito por terem feito tal esforço. Mas aqueles que descobriram o que é certo serão mais apreciados e terão uma recompensa. O caso dos quatro Madhhabs é deste tipo. A forma que Allâhu ta'âlâ gosta é certamente apenas uma delas. Quando se trata de uma prática particular em que não há acordo nos quatro Madhhabs, um deles deve estar certo e os outros três errados. Mas como cada imâm al-madhhab tentou o seu melhor para encontrar o caminho certo, aqueles que estavam errados serão perdoados. Eles até serão recompensados porque o nosso Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, disse**: "Não há punição para a minha Umma por erros ou esquecimento"**. Estas diferenças entre eles só afetam assuntos insignificantes. Como havia total concordância entre eles em relação à crença e à maioria dos atos de adoração, ou seja, as regras que estão claramente especificadas no Alcorão al-karîm e no Hadîth-i-sharîf, eles não eram críticos um do outro.

Pergunta: "Os Wahhabi, um grupo herético fundado pelos ingleses, e as pessoas que leram os seus livros dizem: 'Os Madhhabs surgiram no segundo século do Hegira. A que Madhhab pertenciam os Sahâba e os Tâbi'ûn?'"

Resposta: Um "imâm al-madhhab" foi um grande estudioso que compilou os conhecimentos religiosos que tinha obtido do Sahâbat-al-kirâm e que estava claramente definido no Alcorão al-karîm e no Hadîth ash-sharîf, e depois colocou-o por escrito. Quanto às práticas que não estavam claramente definidas, ele as comparou com outras que estavam. Nos dias dos quatro imâms conhecidos havia muitos

outros imâms que tinham o seu próprio Madhhab, mas as pessoas que os seguiram diminuíram em número ao longo dos séculos e, como resultado, não há mais nenhum em nossos dias[1]. Cada Sahâba era um mujtahid, um estudioso de grande conhecimento e um imâm al-madh hab. Cada um tinha o seu próprio Madhhab e era superior e mais sábio do que os quatro a'immat al-madhâhib. Os seus Madhhabs podiam ser mais corretos e superiores. Mas, como não escreveram livros, seus Madhhabs foram esquecidos, e logo foi impossível seguir um Madhhab que não era um dos quatro. Perguntar "a que Madhhab pertencia o Sahâba?" é como perguntar**:** "a que companhia pertence o comandante do regimento?" ou "a que turma da escola pertence o professor de física?"

Em muitos livros está escrito que, quatrocentos anos depois do Hegira, não havia mais 'ulamâ capaz de fazer um mutlaq ijtihâd (absoluto). O hadîth ash-sharîf na página 318 de 'al-Hadîqa' diz que vai aumentar o número de homens falsos e hereges com cargo religioso. Por esta razão, cada muçulmano sunita de hoje tem de seguir (taqlîd) um dos quatro Madhhabs conhecidos. Isso significa que ele tem que ler e seguir os livros de 'ilm al-hâl de um desses quatro Madhhabs, além de ter 'îmân e fazer todas as práticas de adoração conforme especificado nesses livros. Assim ele se tornará membro de um desses Madhhabs. Quem não seguir um deles não pode ser um muçulmano sunita, mas será um lâ-madhhabî (sem madhhab) que pertence a um dos setenta e dois grupos heréticos ou que se tornou um não muçulmano[2].

O autor do livro **"Mîzân-ul kubrâ"**, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, diz no prólogo: "Todos os Madhhabs esquecidos e os quatro presentes são sahîh e válidos. Nenhum é superior ao outro porque todos eles se baseiam nas mesmas fontes do Islam. Cada Madhhab contém coisas que são fáceis de fazer **(rukhsa)** e outras que são difíceis **('azîma).** Se a pessoa que consegue fazer o 'azîma tentar fazer o rukhsa em vez

[1] 'Al-Hadîqa', p. 318

[2] Este fato está escrito em "Bahr", em Hindiyya, na seção sobre "Zabâyih" de at-Tahtâwî e na seção sobre "Bâghîs" de Radd al-muhtâr. Além disso, está escrito na página 52 de al-Basâ'ir que o tafsîr de Ahmad Sâwî afirma que o mesmo está escrito na Sûrat al-Kahf.

disso, estará fazendo zombaria do Islam. Aquele que tem uma desculpa [incapaz de fazer o ‘azimah] pode fazer o rukhsa. Ao fazer o rukhsa, ele merece tanto thawâb quanto se tivesse feito o ‘azîma. Para a pessoa capaz é wâjib fazer o ‘azîma em vez do rukhsa do seu próprio Madhhab. Além disso, se uma certa prática tem uma forma fácil no seu Madhhab e uma forma difícil em outro Madhhab, será wâjib para essa pessoa fazê-lo de acordo com este último. Deve-se evitar ao máximo desgostar das palavras de qualquer um dos a’immat al-madhâhib ou considerar a própria opinião superior à deles. O conhecimento e a compreensão dos outros quase nada são em comparação com os dos mujtahids”[1]. Como não é permitido para a pessoa que não tem uma desculpa[2] para agir de acordo com a rukhsa do seu próprio Madhhab, entende-se que nunca é permitido procurar a rukhsa de outros Madhhabs, algo chamado talfîq (unificação) de Madhhabs.

Tal como foi dito pelo autor do livro intitulado “Durr-ul-mukhtâr” (‘Alâ ud-Dîn Haskafî, rahmatullâhi ‘alaih, 1021-1088 H. [1677 d.C.], Damasco) na sua introdução, bem como no comentário intitulado **“Radd-ul-muhtâr”,** escrito por Sayyid Muhammad Amîn bin ‘Umar bin ‘Abdul’azîz, rahmatullâhi ‘alaih, e que também recebe o título de Ibni ‘Âbidîn: “Não é sahîh procurar a rukhsa nos Madhhabs e fazer um ato de adoração baseado nela (isto é, fazendo uma mistura dos quatro Madhhabs). Por exemplo, se a pele de um Shâfi’î que tem a ablução sangrar, ela não é invalidada, enquanto que no caso de um Hanafî a ablução é invalidada. Outro exemplo é que a ablução de um Shâfi’î é invalidada se a pele de uma mulher nâ-mahram tocar na dele, ao passo que, no caso de quem segue o Madhhab Hanafî, não é invalidada[3]. Consequentemente, se a pele de uma pessoa sangra e toca na pele de uma mulher nâ-mahram depois de ela ter feito a ablução, o salat que ele faz com essa ablução não será sahîh. Da mesma forma, segundo o consenso de todos os ‘ulamâ do Islam, é bâtil (inválido, errado) seguir outro Madhhab enquanto se faz algo de acordo com um Madhhab. Por exemplo, se um cachorro tocar num Shâfi’î que, segundo o seu Madhhab, passa levemente as mãos molhadas numa pequena

[1] “Al-Mîzân al-kubrâ”, prólogo.
[2] ‘Udhr’ é a palavra técnica utilizada na versão turca.
[3] Ver a última metade do capítulo 12 do quinto fascículo de “Eterna Felicidade”.

área da parte cabeluda da cabeça ao fazer a ablução, não será sahîh para ele fazer o namâz [sem lavar a parte que o cachorro tocou] seguindo também o Madhhab Mâlikî. Pois, segundo o Madhhab Shâfi'î, não é sahîh o namâz de uma pessoa que foi tocada por um cachorro. No entanto, segundo o Madhhab Mâlikî, um cachorro não é impuro (najs) do ponto de vista religioso, mas a pessoa que segue o Madhhab Mâlikî tem de passar as suas mãos molhadas sobre todo o seu cabelo (quando ele faz a ablução). Da mesma forma, o talâq (divórcio) que é dado em coação é sahîh (válido) no Madhhab Hanafî, mas não nos outros três Madhhabs. Consequentemente, não é permitido a esse homem seguir o Madhhab Shâfi'î e permanecer casado com a mulher de quem se divorciou, enquanto se casa com sua irmã seguindo o Madhhab Hanafî[1]. Segundo o consenso geral do 'ulamâ do Islam, não é sahîh fazer talfîq fazendo uma determinada ação, ou seja, buscar a rukhsa dos Madhhabs para agir em conformidade (seguindo uma política acomodatícia). Não é permitido fazer nada sem seguir um dos quatro Madhhabs"[2]. Além disso: "No Madhhab Shâfi'î é permitido juntar as orações do meio-dia e da tarde, e as do pôr do sol e da noite, se houver um 'udhr (desculpa), como 'safar', (viagem de longa distância) ou 'matar', (chuva muito forte). No Madhhab Hanafî, não é permitido. Para o Hanafî que está viajando, é harâm fazer a oração do meio-dia na hora da oração da tarde, se não houver nenhuma circunstância que o obrigue ou uma dificuldade manifesta; e para ele nunca será sahîh fazer a oração da tarde na hora da oração do meio-dia. Mas no Madhhab Shâfi'î ambos os casos são sahîh. Quando há uma grande dificuldade (haraj, mashaqqa) em fazer algo de acordo com o Madhhab que uma pessoa segue, é permitido para ele escolher a maneira fácil (rukhsa) de fazer essa coisa dentro de seu próprio Madhhab. Se fazer a rukhsa também é difícil, é permitido seguir outro Madhhab para fazer aquela determinada 'ibâda. Mas nesse caso, a pessoa terá que fazer os atos fard e wâjib desse culto no segundo Madhhab."[3] A pessoa que imita outro Madhhab quando ele faz um ato de adoração, não deixa o seu Madhhab; ele não mudou o seu Madhhab. O que

[1] Para 'talaq' ver o capítulo 15 do sexto fascículo de "Eterna Felicidade".
[2] 'Durr al-mukhtâr', prólogo, e 'Radd al-muhtâr', comentário sobre ele.
[3] Ibid., seção sobre os horários do namâz.

acontece é que quando ele faz esse ato de adoração, ele também tem que cumprir as regras daquele outro Madhhab. Ibn ‘Âbidîn, rahmatul lâhi ta’âlâ ‘alaih, diz o seguinte na página 542 do volume V de **“Radd-ul-muhtâr”:** “Se um Hanafî que fez a ablução sem colocar a intenção formal de fazê-la, faz a oração do meio-dia com essa ablução, é-lhe permitida; se ele se tornar Shâfi’î após a chegada da hora da oração da tarde e fizer essa oração com a mesma ablução, não será sahîh. Ele deve repetir a ablução com a intenção formal de o fazer[1].

“Se uma pessoa muda de Madhhab por razões mundanas, sem qualquer necessidade religiosa ou relacionada com o conhecimento, ela fez uma zombaria do Islam e deve ser punida. E teme-se que ele possa morrer sem ter “îmân”. Allâhu ta’âlâ declarou: **“Pergunte às pessoas que sabem”.** Por esta razão, tornou-se wâjib perguntar a um mujtahid, ou seja, seguir um Madhhab. Seguir um Madhhab é possível, ou dizendo qual deles se segue, ou colocando a intenção no coração. Seguir um Madhhab significa ler, estudar e agir de acordo com os ensinamentos do imâm al-madhhab. Não se pode fazer parte de um Madhhab dizendo “Eu sou Hanafî” ou “Eu sou Shâfi’î”, sem estudar nem saber. Tais pessoas devem aprender a fazer os atos de adoração perguntando aos sábios e lendo livros de ‘ilm al-hâl[2].

“A pessoa que desvaloriza os Madhhabs e muda de Madhhab para escolher as maneiras mais fáceis de fazer uma coisa [isto é, que une os Madhhabs e seleciona e reúne as suas rukhsas] não será aceito como testemunha.”[3].

Ibn ‘Âbidîn afirma no seu prefácio que o Khalîfa Hârûn ar-Rashîd disse ao Imâm Mâlik: **“Quero espalhar os vossos livros por todos os países muçulmanos e ordenar a todos que sigam apenas esses livros.” O Imâm Mâlik respondeu: “Ó Khalîfa, não faças isso! Que os ‘ulamâ se tenham dividido em Madhhabs é uma compaixão de Allâhu ta’âlâ para com a Umma. Cada um segue o Madhhab que prefere. Todos os Madhhabs estão corretos.”**

[1] ‘Radd al-muhtâr’, v. II, p. 542. A intenção formal é fard no Madhhab Shâfi’î, mas não no Madhhab Hanafî.
[2] Radd ul-muhtâr, seção sobre ta’zîr.
[3] Ibid, seção sobre testemunhas.

‘Mu’min’, ‘Muslim’ ou ‘Muslimân’ é aquele que acredita e aceita os ensinamentos sobre religião que foram transmitidos à raça humana por Allâhu ta’âlâ através de Muhammad, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, e que se espalharam por todos os países muçulmanos. Estes ensinamentos estão contidos no Alcorão al-karîm e são explicados em milhares de hadîth. O Sahâbat al-kirâm ouviu-os dos lábios do Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam. O Salaf as-sâlihîn, ou seja, os estudiosos do Islam que vieram depois dos Sahâbat al-kirâm nos séculos II e III, escreveram-nos nos seus livros como os tinham ouvido, diretamente ou através de outros estudiosos que os tinham ouvido do Sahâbat al-kirâm. Os estudiosos do Islam que lhes sucederam tiveram diferenças na explicação do conhecimento transmitido pelo Salaf as-sâlihîn, dando assim origem ao aparecimento de setenta e três grupos que discordaram dos ensinamentos relacionados com os dogmas da crença. Apenas um desses grupos não seguiu suas opiniões ou reflexões pessoais, nem mudou ou acrescentou nada em suas explicações. Este grupo com a crença correta é chamado Ahl as-Sunna ou Sunnî. Os restantes setenta e dois grupos, que se desviaram em consequência de interpretações e explicações erradas de âyats e hadîths pouco claros, são chamados grupos de bid’at (ou dalâla, desvio, heresia) ou lâ-madhhabî; também são muçulmanos, mas estão em heresia.

Existem pessoas que em vez de extrair o conhecimento sobre a crença dos livros do Salaf as-sâlihîn, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihim ajma’în, interpretam o Alcorão al-karîm e o hadîth ash-sharîf apenas com seus próprios intelectos e opiniões, de modo que sua crença se desvia completamente e eles se tornam descrentes chamados mulhid. O mulhid considera-se um muçulmano sincero e membro da Ummah de Muhammad, sallallâhu ‘alaihi wa sallam. O munâfiq finge ser muçulmano, mas segue outra religião. O zindiq é ateu e não acredita em nenhuma religião, mas finge ser muçulmano para tornar os muçul manos ateus e sem religião. O zindiq pretende introduzir reformas no Islam, até mesmo aniquilá-lo, modificando-o e corrompendo-o. É um

inimigo do Islam. Exemplos dessas pessoas sem religião são os maçons e os espiões ingleses[1].

Os ensinamentos em que se deve acreditar para ser muçulmano não são apenas os seis dogmas do îmân (crença). Para ser muçulmano é também obrigatório "acreditar" que se devem fazer os fards amplamente conhecidos e evitar os harâms. A pessoa que nega que seu dever principal é fazer os fards e evitar os harâms perderá sua fé e se tornará um murtadd (renegado, apóstata). A pessoa que acredita nisso, mas não faz algo que é fard ou faz algo que é harâm é muçulmana, mas é culpada, é um transgressor muçulmano e é chamado de fâsiq. Fazer o fard e evitar o harâm é chamado de "fazer o 'ibadât'". O muçulmano que tenta fazer 'ibadat corretamente e se arrepende imediata mente quando comete uma falha é chamado de sâlih.

Hoje, a pessoa que vive no mundo livre não tem desculpa para não conhecer os seis dogmas do îmân e os fards e harâms amplamente conhecidos. Não aprendê-los é um pecado grave. É necessário aprendê-los sucintamente e ensiná-los aos filhos. Se alguém despreza seu estudo por mera frivolidade, ele se torna um kâfir (descrente). O não muçulmano que apenas diz "Ash-hadu an lâ ilâha il-l-Allah wa ash-hadu anna Muhammadan 'abduhu wa Rasûluh" sabendo e acredi tando no que diz, torna-se imediatamente muçulmano. No entanto, depois ele terá que aprender gradualmente os seis dogmas do îmân e os fards e harâms amplamente conhecidos para todo muçulmano, e os muçulmanos que os conhecem têm que ensiná-los a ele. Se ele não aprender, ele sairá do Islam e se tornará um murtadd. É necessário estudá-los nos livros autênticos de 'ilm al-hâl que foram escritos pelos 'ulamâ de Ahl as-Sunna. [Ele não deve acreditar nas conferências proferidas nem nos livros escritos por professores que desconhecem os ensinamentos de Ahl as-Sunna.]

INFORMAÇÕES DIVERSAS

MADHHABS CISMÁTICOS E HERÉTICOS

[1] Veja o livro "Confissões de um Espião Britânico", uma das publicações de Hakîkat Kitâbevi em Istambul, Turquia.

Há dois grupos principais de muçulmanos. Um deles chama-se **Ahl as-Sunna**. Os muçulmanos deste grupo principal, que é o único correto e é chamado Ahl as-Sunna, pertencem a quatro Madhhabs diferentes que salvaguardam os mesmos dogmas de crença, o mesmo îmân, ou seja, a mesma crença.

No Islam não há diferença entre eles. Todos eles têm as crenças de Ahl as-Sunna. O segundo grupo principal consiste em pessoas que não têm os mesmos dogmas de crença que o grupo sunita; são chama das de gente de bid'at, isto é, os "lâ-madhhabî". Exemplos destes grupos aberrantes são os **xiitas** e os **wahhâbis**. Pessoas que seguem hereges como Ibn Taymiyya, Jamâl ad-Dîn al-Afghânî, Muhammad 'Abduh, Sayyid Qutb e Maudûdî, juntamente com aqueles que se intitulam Tablîgh-i-jamâ'at, e os Wahhâbi, fazem todos parte (do grupo principal aberrante chamado) Ahl-i-bid'at. Os Wahhâbi se chamam "membros do quinto Madhhab". Mas esta afirmação não é verdadeira. Não existe tal coisa como um **"quinto madhhab".** Hoje não há outra forma de obter conhecimento do Islam além dos livros de 'ilm al-hâl de um desses quatro Madhhabs. Cada um escolhe o Madh hab que é mais fácil para ele seguir. Ele estuda-o nos seus livros e aprende como é. Ele então faz o que é compatível com o Madhhab escolhido, segue-o e torna-se membro desse Madhhab (taqlîd). Como é fácil para cada pessoa aprender o que ouve e vê seus pais fazer, o muçulmano geralmente pertence ao Madhhab de seus pais. Que haja quatro Madhhabs em vez de apenas um é uma conveniência para os muçulmanos. É permitido deixar um Madhhab para se juntar a outro, mas levará anos para estudar e se familiarizar com o novo, e todo o trabalho feito quando o primeiro foi aprendido não será mais útil, e pode até causar confusão ao fazer muitas coisas. Não é de modo al-gum permitido renunciar a um Madhhab porque não se gosta dele, pois os estudiosos do Islam disseram que será **kufr** (descrença) se alguém não gostar do **Salaf as-sâlihîn** ou disser que eram ignorantes.

Em tempos recentes apareceram personagens como Maudûdî do Paquistão e Sayyid Qutb e Rashîd Ridâ do Egito. Eles e seus leitores equivocados dizem que os quatro Madhhabs devem se unir e que o Islam deve ser facilitado pela escolha e compilação da rukhsa dos

quatro Madhhabs. Eles defendem esta ideia com seus intelectos limitados e conhecimento deficiente. Um olhar rápido aos seus textos mostra imediatamente que eles não sabem nada sobre Tafsîr, Hadîth, Usûl ou Fiqh, e expõem a sua ignorância com a sua lógica defeituosa e escritos falsos. Veja o seguinte:

1. Os ‘ulamâ dos quatro Madhhabs dizem: “A dedução do mulfiq é incorreta”; ou seja, o ato de adoração que é feito seguindo mais de um Madhhab ao mesmo tempo será bâtil (inválido), não sahîh, quando este ato não é sahîh em nenhum dos Madhhabs. A pessoa que não obedecer ao consenso do ‘ulamâ dos quatro Madhhabs, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihim ajma’în, não estará em nenhum Madhhab e será um lâ-madhhabî. As ações de uma pessoa lâ-madhhabî não serão compatíveis com o Islam. Elas serão inúteis. Ele terá feito uma paródia do Islam.

2. Confinar os muçulmanos e o seu “ibâdât” a um único caminho tornaria o Islam mais difícil. Se eles tivessem querido, Allâhu ta’âlâ e Seu Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, teriam declarado cada coisa claramente e o teriam feito de uma única maneira. Mas ao ter pena dos seres humanos, Allâhu ta’âlâ e Seu Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, não declararam tudo claramente. O resultado das explicações e esclarecimentos do ‘ulamâ de Ahl as-Sunna, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alai him ajma’în, levou ao aparecimento de vários Madhhabs. Quando uma pessoa encontra alguma dificuldade, ele escolhe um caminho fácil em seu próprio Madhhab. Quando o caso contém uma dificuldade ainda maior, ele segue outro Madhhab e faz essa ação com facilidade. Se houvesse apenas um Madhhab, não haveria tal possibilidade. Os lâ-madhhabî que pensam estar reunindo as rukhsas para estabelecer um sistema único de formas mais fáceis estão, na realidade, criando dificuldades para os muçulmanos, provavelmente sem terem consciência do que estão fazendo.

3. A tentativa de fazer uma parte de um ato de adoração de acordo com um Madhhab e outra parte de acordo com outro Madhhab, significa que não se confia no conhecimento do imâm do primeiro Madhhab. Como mencionado anteriormente, é kufr dizer que os Salaf as-sâlihîn, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihim ajma’în, eram ignorantes.

A história tem testemunhado muitas pessoas que quiseram introduzir mudanças no culto e insultaram o ‘ulamâ do Ahl as-Sunna, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihim ajma’în. É evidente que aqueles que dizem que é necessário escolher rukhsa dos Madhhabs, e mesmo abolir os quatro Madhhabs, não conseguem sequer ler corretamente ou compreender uma única página dos livros dos a’imma al-madhâhib. Pois, para compreender os Madhhabs e a superioridade dos a’imma [os Imâms dos quatro Madhhabs], é necessário ter um conhecimento profundo. Quem tem esse tipo de conhecimento nunca levará as pessoas à ruína, abrindo um caminho ignorante e idiota. A crença nos ignorantes e hereges que surgiram ao longo da história leva à ruína. Seguir os ‘ulamâ de Ahl as-Sunna, que surgiram em cada século ao longo de mil e quatrocentos anos e foram elogiados nos hadîths, leva à felicidade. Devemos nos apegar ao caminho justo de nossos antepassados, o dos muçulmanos puros e devotos, o dos mártires que sacrificaram suas vidas em nome de Allâhu ta’âlâ e pela propagação do Islam. E não devemos nos deixar levar pelos artigos venenosos e prejudiciais dos reformadores arrivistas!

No entanto, e infelizmente, as ideias venenosas de ‘Abduh, chefe da loja maçônica do Cairo, espalharam-se recentemente pela Jâmi’ al-Azhar no Egito; como resultado, reformadores religiosos como Rashîd Ridâ apareceram no Egito; Mustafa al-Maraghî, reitor de Jâmi’ al-Azhar; ‘Abd al-Majîd as-Salîm, mufti do Cairo; Mahmûd ash-Shaltut; Tantawî al-Jawharî; ‘Abd ar-Râziq Pasha; Zakî al-Mubârak; Farîd al-Wajdî; ‘Abbâs ‘Aqqâd; Ahmad Amîn; Doutor Tâhâ Husain Pasha; Qâsim Amîn; e Hasan al-Bannâ. O que é ainda mais triste, algo que já tinha acontecido com o seu professor ‘Abduh, é que estas pessoas são consideradas “’‘ulamâ’ muçulmanos modernos” e os seus livros foram traduzidos para várias línguas. Eles são a causa de muitos religiosos e jovens muçulmanos ignorantes terem abandonado o caminho certo.

O grande muçulmano ‘âlim Sayyid ‘Abdulhakîm-i Arwâsî, rahmatullâhi ‘alaih, o mujaddid do século XIV da Hégira, disse: “’Abduh, mufti do Cairo, não conseguiu compreender a grandeza do ‘ulamâ muçulmano. Ele se vendeu aos inimigos do Islam e acabou se

tornando maçom e um dos descrentes ferozes que têm destruído insidiosamente o Islam."

Aqueles que mergulharam na incredulidade, na bid'at ou na heresia, como 'Abduh, sempre competiram entre si para desencaminhar também os jovens religiosos que os sucederam. Eles foram os precursores dos desastres que tinham sido previstos no hadîth ash-sharîf: "**A ruína da minha Umma virá dos homens fâjir (heréticos) com autoridade religiosa".**

Após a morte de 'Abduh no Egito, em 1323 H. (1905 d.C.), os discípulos que ele havia ensinado naquele país não ficaram parados, mas publicaram numerosos livros insidiosos que mereciam a ira e a maldição Divinas. Um deles intitula-se "Muhâwarât", escrito por Rashîd Ridâ. Neste livro ele atacou, assim como seu professor, os quatro Madhhabs do Ahl as-Sunna e, considerando os Madhhabs como baseados em meras diferenças idealistas e distorcendo os métodos e condições do ijtihad como meras controvérsias reacionárias, ele ficou tão imerso em heresia que veio a afirmar que eles tinham quebrado a unidade islâmica. Ao fazer isso, ele zombou de milhões de verdadeiros muçulmanos que haviam seguido um dos quatro Madhhabs por mais de mil anos. Ele se afastou tanto do Islam que chegou a buscar na mudança do Islam as formas de atender às necessidades contemporâneas. A única coisa que os reformadores da religião têm em comum é que todos eles se apresentam como verdadeiros muçulmanos e estudiosos islâmicos altamente conhecedores que compreendem o verdadeiro Islam e as necessidades modernas. Quanto às pesso as que leram e compreenderam os livros islâmicos e seguiram os passos do 'ulamâ do Ahl as-Sunna, ─que receberam a boa nova de que eram os herdeiros de Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam, e foram elogiados no hadîth ash-sharîf que diz: "Seus dias são os melhores dias" ─ esses reformadores descrevem esses muçulmanos verdadeiros e devotos como "simples imitadores que pensam como o vulgo".

As declarações e artigos dos reformistas mostram muito claramen te que eles não sabem nada sobre as regras do Islam ou sobre os ensinamentos da Fiqh, não conhecem a religião e são grosseiramente ignorantes. Consideremos estes hadîth: "As pessoas mais elevadas

são os ‘ulamâ que têm îmân”; “os estudiosos da religião são os herdei ros do Profeta”; **“o conhecimento do coração é um segredo dos mistérios de Allâhu ta’âlâ”**; “o sono do ‘âlim é ‘ibâdat”; **“Respeitai os ‘ulamâ da minha Umma! Eles são as estrelas da terra”; “os ‘ulamâ serão intercessores no Dia do Julgamento”; “os fuqahâ’ são inestimáveis. Frequentar sua companhia é um ato de adoração” e “um ‘âlim entre os seus discípulos é como um Profeta no meio da sua Umma”**. Nestes hadîths, o nosso Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, elogia o ‘ulamâ de Ahl as-Sunna e os seus mil e trezentos anos de conhecimento, ou ‘Abduh e os seus noviços, os arrivistas que apareceram mais tarde? A resposta à pergunta é dada, mais uma vez, pelo nosso senhor Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam: **“**Cada século será pior que o anterior, e esta deterioração continuará até o Último Dia!” e “À medida que o Último Dia se apro xima, os homens com uma posição religiosa serão mais corruptos, mais podres que a carne de burro apodrecida.” Estes hadîths são men cionados no “Mukhtasaru Tadhkirat al-Qurtubî”. Todos os ‘ulamâ do Islam e milhares de Awliyâ’ que o Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, elogiou e exaltou, afirmam unanimemente que o caminho que recebeu a boa notícia da salvação do Inferno é aquele liderado pelos estudiosos do Islam que são chamados Ahl as-Sunna wa-l-jamâ’at, e que aqueles que não são sunitas irão para o Inferno. E seu consenso também afirma que **talfîq** (unificação), ou seja, a seleção e compilação da rukhsa dos quatro Madhhabs para constituir um único e falso Madhhab, é algo incorreto e absurdo.

A pessoa sensata seguirá o caminho de Ahl as-Sunna, ─que tem sido unanimemente elogiado há mais de um milênio pelo ‘ulamâ do Islam, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihim ajma’în─ ou acreditará ele nas pessoas ditas “cultas e progressistas” que não conhecem o Islam e surgiram nos últimos cem anos?

Os mais eminentes e eloquentes dos setenta e dois grupos hereges, que irão ao Inferno como declarado pelo hadîth ash-sharîf, sempre atacaram o ‘ulamâ do Ahl as-Sunna, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihim ajma’în, tentando censurar esses abençoados muçulmanos; mas eles foram desonrados por respostas corroboradas com âyats e hadîths.

Vendo que com o seu suposto conhecimento não foram bem sucedidos no ataque ao Ahl as-Sunna, eles se envolveram em assalto e assassinato, matando milhares de muçulmanos em cada século. Por outro lado, os muçulmanos dos quatro Madhhabs do Ahl as-Sunna sempre se amaram uns aos outros e viveram como irmãos.

Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, declarou: **“Que os muçulmanos se dividam em Madhhabs, nos assuntos da vida diária, é compaixão de Allâhu ta’âlâ [por eles]”.** Mas reformadores da religião como Rashid Ridâ, que nasceu em 1282 H. [1865 d.C.] e morreu repentinamente no Cairo em 1354 H. [1935 d.C.], disseram que conseguiriam estabelecer a unidade islâmica unificando os quatro Madhhabs. Por outro lado, nosso Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, ordenou aos muçulmanos de todo o mundo que se unissem em uma forma de ‘îmân, no caminho correto de seus quatro Khalîfas. Unindo os seus esforços, o ‘ulamâ do Islam, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihim ajma’în, pesquisaram e estudaram o caminho do îmân dos quatro Khalîfas e o puseram por escrito. Esse caminho unificado, que o nosso Profeta tinha comandado, eles chamaram Ahl as-Sunna wa-l-jamâ’at. Os muçulmanos de todo o mundo têm de se unir neste caminho único de Ahl as-Sunna. Aqueles que querem unidade no Islam, desde que sejam sinceros em suas palavras, devem fazer parte dessa união estabelecida. Agindo ao contrário, os maçons e Zindiq que têm tentado destruir o Islam insidiosamente sempre enganaram os muçulmanos com palavras falsas como “unidade” e, sob o seu slogan, “vamos fazer cooperação”, quebraram a “unidade do îmân” em pedaços.

Os inimigos do Islam têm tentado destruí-lo desde o primeiro século (islâmico). No que diz respeito a hoje, os maçons, os comunistas, os judeus e os cristãos organizam diversos ataques planejados. E junto com eles, aqueles muçulmanos heréticos que, como já foi dito, irão para o fogo, tramam enganos e caluniam os Ahl as-Sunna, os seguidores do caminho justo, e enganam os muçulmanos para tirá-los deste caminho. Eles estão colaborando com os inimigos do Islam para destruir Ahl as-Sunna. Os pioneiros destes ataques têm sido os britânicos que, nesta guerra ignóbil, têm usado todos os seus recursos imperiais, meios econômicos, exércitos, frota, tecnologia, políticos e

escritores. O resultado foi a destruição dos dois Estados muçulmanos mais proeminentes que tinham sido protetores de Ahl as-Sunna, nomeadamente o Estado de Gurgâniyya[1] na Índia e o Império Islâmico Otomano que se tinha espalhado por três continentes. Eles destruíram livros islâmicos inestimáveis em todos os países e erradicaram os ensinamentos islâmicos de muitos países. Na Segunda Guerra Mundi al, os comunistas estavam à beira da aniquilação quando, no último momento, receberam ajuda dos britânicos que lhes permitiu recuperar suas forças e se espalhar pelo mundo.

Em 1917, o primeiro-ministro britânico (1902-1905) James Balfour estabeleceu a organização sionista cujo objetivo era o restabelecimento de um Estado judeu na Palestina, um lugar sagrado para os muçulmanos; o apoio contínuo desta organização pelo governo britânico resultou no estabelecimento do Estado de Israel em 1366 H. [1948 d.C.]. Mais uma vez, foi o governo britânico que levou à funda ção do Estado wahhâbita em 1351 H. [1932 d.C.], entregando a Península Arábica, que tinham tomado dos otomanos, aos Banî Sa'ûd. Ao fazê-lo, eles deram o golpe mais mortal ao Islam.

Abdur-Rashîd Ibrahim Efendi diz numa passagem intitulada "A hostilidade dos britânicos ao Islam", no segundo volume do livro turco "'Âlam-i Islâm" publicado em Istambul no ano 1328 H. (1910 d.C.): "O principal objetivo dos britânicos era destruir o califado dos muçulmanos o mais depressa possível. Provocar a Guerra da Crimeia e ajudar os turcos nela foi uma artimanha deles para destruir o Califa do. A sua intenção secreta e enganosa foi revelada no Tratado de Paris. A hostilidade em seus corações era evidente nas propostas que fizeram no Tratado de Lausanne, em 1923. Seja qual for o disfarce usado, todos os desastres que atingiram os muçulmanos foram sempre causados pelos britânicos. A destruição do Islam sempre foi o objetivo dos políticos britânicos; a razão é que eles sempre temeram o Is-

[1] Também chamado Estado Timúrido ou Império de Bâbur, estabelecido na Índia em 933 H. [1526 d.C.] por Zahir-ud-dîn Muhammad Bâbur, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, (888 H. [1482 d.C.] – 937 H. [1530 d.C.]), descendente na quinta geração de Timûr Khân (Tamerlão), também chamado Emir Timûr Gurgân, rahmatullâhi 'alaih, (736 H. [1336 d.C.] - 807 H. [1405 d.C.]). Ver "Confissões de um Espião Britânico"**, uma das publicações de Hakîkat Kitâbevi.**

lam. Eles têm usado consciências mercenárias para enganar os muçulmanos. Os britânicos apresentam pessoas traiçoeiras e hipócritas como o ‘ulamâ do Islam. Em resumo: o maior inimigo do Islam são os britânicos.”

Não só os países muçulmanos foram banhados em sangue pelos britânicos durante centenas de anos, mas também os maçons escoceses enganaram milhares de muçulmanos e ‘ulamâ, transformaram-nos em maçons e, usando falsidades como **“ajudar a humanidade e a fraternidade”,** levaram-nos a abandonar o Islam e a apostatar-se voluntariamente. A fim de aniquilar completamente o Islam, eles usaram estes apóstatas maçônicos como uma ferramenta. E assim foi que Maçons do tipo Mustafâ Rashîd Pasha, ‘Âlî Pasha, Fuad Pasha, Midhat Pasha e Tal’at Pasha foram usados para destruir os estados islâmicos. Maçons como Jamâl ad-Dîn al-Afghânî, Muhammad ‘Abduh e os noviços que eles treinaram, foram os instrumentos na corrupção e aniquilação do conhecimento islâmico. Entre as centenas de livros destrutivos e subversivos escritos por estes maçons que ocupavam cargos religiosos, o intitulado “**Muhâwarât**”, escrito pelo egípcio Rashîd Ridâ, foi traduzido para muitas línguas e difundido em países muçulmanos. Usando este método, eles tentaram corromper a religião e as crenças dos muçulmanos. E vê-se que aqueles jovens religiosos, que não leram nem compreenderam os livros dos estudiosos do Ahl as-Sunna, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihim ajma’în, foram apanhados nesta corrente, levados à sua ruína e, assim, causaram a ruína de muitos outros.

O livro **“Muhâwarât”** ataca os quatro Madhhabs do Ahl as-Sunna, nega ijmâ’ al-Umma, uma das quatro fontes do conhecimento islâmico, e diz que cada um deve agir de acordo com o que ele próprio deduz do Livro (Qur’ân al-Karîm) e da Sunna (hadîth ash-sharîf); o que ele está tentando fazer é erradicar os ensinamentos islâmicos[1].

[1] A fim de tornar nossos irmãos muçulmanos conscientes dos enganos e danos deste livro, preparamos nossa “Resposta a um Inimigo do Islam”, 1394 H. (1974 d.C.) que foi publicado em turco e inglês. Da mesma forma, vendo que o livro ‘Julâsat at-tahqîq fî bayâni hukmi-t-taqlîd wa-t-talfîq’ do grande ‘âlim muçulmano ‘Abd al-Ghanî an-Nabulusî, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, juntamente com o livro ‘Hujjat-Allâhi ‘ala-l-âlamîn’ de Yûsuf an-Nabhânî, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, e o livro ‘Saif al-abrâr’ de Muhammad ‘Abd ar-Rahmân as-Silhatî, rahmatullâhi ta’âlâ

No final do livro **"Julâsat-ut-tahqîq"** afirma-se que um "muçulmano pode ter-se tornado um mujtahid ou pode não ter atingido o nível de ijtihâd". Um mujtahid pode ser mutlaq (absoluto) ou muqayyad (afiliado a um Madhhab). Não é permitido a um mutlaq mujtahid seguir outro mujtahid; ele tem que seguir o seu próprio ijtihâd. No entanto, para o muqayyad mujtahid é wâjib seguir os métodos do Madhhab de um mujtahid mutlaq (absoluto); e depois age de acordo com o seu próprio ijtihâd, que utiliza com base e de acordo com esses métodos.

Aqueles que não são mujtahids seguem aquele dos quatro Madhhabs que quiserem. Entretanto, quando fazem algo de acordo com um certo Madhhab, e para que seja sahîh, têm que cumprir todas as condi ções exigidas por esse Madhhab. Se deixarem de cumprir uma só dessas condições, seu ato (de adoração) não será sahîh; foi declarado por unanimidade que essa ação será em vão **(bâtil).** Embora não seja necessário que acreditem que o seu Madhhab é superior, é melhor que acreditem nisso. Talfîq, ou seja, fazer um ato de adoração ou seguir as regras de mais de um Madhhab que diferem entre si ou, para expressá-lo mais claramente, escolher de forma acomodada as regras daqueles Madhhabs que diferem uns dos outros ao fazer esse ato de adoração, significa sair dos quatro Madhhabs e criar um quinto Madhhab. Esse ato de adoração não será sahîh em nenhum dos Madhhabs que foram misturados; será tudo em vão e significa zombar do Islam.

Tomemos como exemplo o caso de algo najâsat que caiu em uma quantidade de água inferior a um hawd kabîr e não inferior a um qulla tain[1], sem que a cor, o sabor ou o cheiro da água tenha mudado. Se uma pessoa faz a ablução com esta água sem colocar a intenção (niyyat) de fazê-lo, se não começar por dizer o basmala, se não lavar certas partes do seu corpo passando suavemente as mãos sobre elas na sequência prescrita e sem parar, a sua ablução não será sahîh de acordo com nenhum dos quatro a'imat al-madhâhib. Quem disser que é sahîh terá criado um quinto Madhhab. Mesmo um mujtahid não pode

'alaih, um dos 'ulamâ da Índia, são refutações precisas desse livro muito pernicioso, reproduzimo-los em offset e publicamo-los. (Estão disponíveis em Hakîkat Kitâbevi, Istambul, Turquia).

[1] Hawd kabîr, 'grande lago' de pelo menos 25 m2; qullatain, 217,75 kg.

sugerir uma quinta opinião que não concorde com o consenso dos quatro Madhhabs [A quantidade de água que equivale a um **qullatain** é explicada em detalhes no capítulo 7 do quarto fascículo da "**Eterna Felicidade**"].

Sadr ash-Sharî'a afirma no seu livro **"Tawdîh":** "Quando dois julgamentos diferentes sobre um assunto foram transmitidos do Sahâbat al-kirâm, os 'ulamâ que os sucederam não foram autorizados a propor um terceiro baseado no consenso. Há também quem tenha dito que os 'ulamâ de cada século seriam como os Sahâbat al-kirâm." Molla Jusraw, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, escreveu em seu livro 'Mir'ât al-usûl': "Quando dois julgamentos diferentes foram proferidos a partir do 'ulamâ do primeiro século (islâmico), o consenso (do 'ulamâ) afirma que não é permissível sugerir um terceiro julgamento. É sahîh dizer que os 'ulamâ de cada século foram como os Sahâbat al-kirâm." Jalâl ad-Dîn al-Mihâllî, o primeiro autor do livro de tafsîr **'Al-jalâlain'**, diz no comentário de Jam' al-Jawâmi' por as-Suyûtî: "É harâm discordar do ijmâ' (consenso do 'ulamâ). É proibido no Alcorão al-Karîm. Por esta razão, é harâm propor uma terceira opinião sobre algo a respeito do qual os Salaf as-sâlihîn discordaram."

Para qualquer um que realize um ato de adoração seguindo as regras de dois, três ou quatro Madhhabs que discordem um do outro, é uma desobediência ao ijmâ' desses Madhhabs; esse ato de adoração não será sahîh em nenhum desses Madhhabs. Em outras palavras, **talfîq** não é permitido. Qâsim ibn Qatlûbagha escreve em **'At-Tashîh'**: "Foi declarado unanimemente que não é sahîh realizar um ato de adoração seguindo dois ijtihâds diferentes. Por esta razão, se ao fazer ablução uma pessoa não passa as mãos molhadas sobre toda a cabeça, e depois toca num cão e depois faz namâz, o seu namâz não será sahîh (válido)". Também está escrito no livro **'Tawqîf al-hukkâm'** de Shihâb ad-Dîn Ahmad ibn al-'Imâd, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, 'ulamâ Shâfi'î, que esse namâz será incorreto de acordo com o consenso unânime. Segundo Imâm Mâlik e al-Imâm ash-Shâfi'î, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaihimâ, a ablução e o namâz dessa pessoa não serão sahîh porque não passou as suas mãos molhadas sobre toda a sua cabeça ─que é um dos fards da ablução de acordo com o primeiro

imâm ─ e porque tocou num cão, o que invalida a sua ablução de acor do com o segundo imâm.

Muhammad al-Baghdâdî, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, um 'ulamâ Hanafî, escreve no seu texto intitulado '**Taqlîd**': "Para imitar outro Madhhab há três condições que devem ser satisfeitas. A primeira, que também está escrita no '**Tahrîr**' de Ibn Humâm, é que uma pessoa não pode terminar em outro Madhhab um ato de adoração que começou seguindo seu próprio Madhhab. Por exemplo: ele não pode fazer namâz seguindo Madhhab Shâfi'î com uma ablução feita de acordo com Madhhab Hanafî. A segunda condição, como citado por Ibn Humâm em seu **"Tahrîr"** de Ahmad ibn Idrîs al-Qarâfî, é que o ato de adoração que ele está fazendo não deve ser julgado como inválido pelos dois Madhhabs que ele está seguindo; se, ao fazer a ablução, ele segue o Madhhab Shâfi'î e não esfrega a mão sobre as partes do corpo que deve lavar na ablução, e depois toca uma mulher com quem lhe é permitido casar, pensando que, de acordo com o Madhhab Mâlikî, sua ablução não será invalidada por isso, o namâz que ele faz com essa ablução não será sahîh em nenhum dos dois Madhhabs. A terceira condição é que não se deve procurar a **rukhsa**[1] dos Madhhabs." Imâm an-Nawawî e muitos outros 'ulamâ enfatizaram a importância desta condição. Ibn Humâm não menciona esta condição. Hasan ash-Sharn blâlî escreve em seu **'al-'Iqd al-farîd'**: "Nikâh (casamento religioso) feito sem a presença do **walî** (guardião de qualquer um dos futuros cônjuges que ainda não seja púbere) seguindo o Madhhab Hanafî, ou feito sem a presença de testemunhas de acordo com o Madhhab Mâlikî, será sahîh. No entanto, o nikâh feito na ausência tanto do tutor como das testemunhas não será sahîh". Como seria muito difícil para as pessoas comuns cumprir esta terceira condição, elas foram proibidas de imitar outro Madhhab, a menos que haja um **darûrat**[2] para o fazer. Tem sido dito que não será sahîh imitar outro Madhhab sem

[1] Maneiras fáceis de fazer atos de adoração; o oposto é 'azimat, mais difícil, mas melhores maneiras. Veja o capítulo 17 do sexto fascículo da "**Eterna Felicidade".**

[2] Darûrat é uma situação que, em seu Madhhab, impossibilita alguém de fazer um ato de adoração que é fard, ou de evitar algo que é harâm, e à qual a pessoa não pode escapar.

antes consultar um ‘ulamâ do Islam.” Aqui termina a nossa citação de Muhammad al-Baghdâdî.

Ismâ’îl an-Nablusî, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, em uma anotação ao comentário de **‘ad-Durar’**, menciona **‘al-’Iqd al-farîd’** e diz: “Você não precisa permanecer apegado a um Madhhab. Você também pode fazer um ato de adoração imitando outro Madhhab. Mas nesse caso, todas as condições exigidas por esse Madhhab com relação a esse ato de adoração devem ser cumpridas. Dois atos de adoração não relacionados podem ser realizados de duas maneiras, seguindo dois Madhhabs diferentes.” A necessidade de satisfazer todas as condições ao imitar outro Madhhab mostra que a unificação (talfîq) de Madhhabs não é sahîh.

Abd ar-Rahman al-’Imadî, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, um ‘ulamâ Hanafî, diz em seu livro **“al-Muqaddima”**: “Quando alguém está em **darûrat**, ele pode imitar qualquer um dos três Madhhabs, além do seu próprio. No entanto, ele tem que preencher todas as condições exigidas pelo Madhhab escolhido para realizar esse ato de adoração. Por exemplo: o Hanafî que, imitando o Madhhab Shâfi’î, executa a ablução a partir de uma quantidade de água **qullatain** contaminada com najâsa, tem de estabelecer a intenção formal de executar a ablução, tem de esfregar suavemente as partes do corpo que devem ser lavadas na ablução, tem de recitar al-Fâtiha quando executa o namâz atrás do imâm [em jamâ’at], e tem de executar o **ta’dîl al-arkân**. Foi declarado unanimemente que seu namâz não será sahîh se ele não fizer tudo isso.” A observação ‘darûrat’ para imitar outro Madhhab era supérfluo. É possível que por ‘darûrat’ ele se referisse à ‘necessidade’ de imitar, pois segundo a maior parte do ‘ulamâ, não é necessário seguir o mesmo Madhhab continuamente. Outro Madhhab pode ser seguido se surgir uma dificuldade (haraj) quando se está seguindo o próprio Madhhab. Tudo o que foi escrito até agora mostra que a unificação (talfiq) de Madhhabs não é sahîh.

O “**Tahrîr**” de Ibn Humâm não contém nenhuma declaração de que o talfîq é sahîh. Muhammad al-Baghdadî e al-Imâm al-Manâwî mencionaram que Ibn Humâm diz no livro **“Fath al-qadîr”**: “É uma transgressão mudar para outro Madhhab usando como prova um ijti-

hâd ou uma fonte documental. Um **Ta'zir** (castigo) deve ser aplicado a essa pessoa. Pior ainda é fazê-lo sem ijtihâd, sem algo que o sustente. (Neste contexto), mudar para outro Madhhab significa agir e fazer um 'ibâdât (como ablução, salât, jejum) baseado em outro Madhhab. Não se pode mudar só por dizer que se mudou. Isso é uma promessa, não uma mudança. Mas mesmo que se diga, não será preciso seguir aquele Madhhab. O Ayat al-Karîma, **"Pergunte àqueles que sabem sobre o que você não sabe"** nos ordena a perguntar sobre um julgamento (da religião) a alguém que é conhecido [que se crê firmemente ser] como um estudioso do Islam. A proibição dos 'ulamâ de mudar o Madhhab que se segue visa impedir a tentativa de reunir as rukhsas dos Madhhabs. Para muitos 'ulamâ, cada muçulmano pode seguir o ijtihâd que lhe for mais fácil em diferentes assuntos." Se um ignorante diz que esta última declaração de Ibn Humâm prova que a unificação dos Madhhabs é sahîh, o seu raciocínio está errado, porque o que ele diz com esta declaração é que um ato deve ser feito seguindo um Madhhab completamente, e não seguindo mais do que um. Aqueles que não pertencem a um Madhhab, e os reformadores da religião que não o compreendem, apresentam Ibn Humâm como uma falsa testemunha das suas intenções. A verdade é exatamente o contrário: em seu livro **"Tahrîr"** Ibn Humâm afirma claramente que a unificação de Madhhabs não é permitida.

Os reformadores do Islam mencionam o texto de Ibn Nujaim, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, como exemplo de permissão para o talfîq; diz: "Está escrito num fatwâ emitido pelo Qâdî-Khân que se um peda ço de terra que é **waqf** for vendido fâhish ghaban[1] (preço exorbitante), será ilegal, segundo Abû Yûsuf, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, por causa desse preço ghaban fâhish. Por outro lado, segundo Abû Hanîfa, o responsável por aquele terreno waqf está autorizado a vendê-lo a preço ghaban fâhish; consequentemente, os dois ijtihâds são unificados para tornar a venda sahîh." No entanto, o talfîq neste exemplo ocorre dentro do mesmo Madhhab. Ambos os julgamentos são o re-

[1] Para 'waqf' ver o capítulo 44 do quinto fascículo de 'Eterna Felicidade', e o capítulo 30 do mesmo livro para 'ghaban fâhish'. E também o livro 'Reformers of Islam', uma de nossas publicações, fornece informações detalhadas sobre as pessoas que tentam mudar o Islam.

sultado do mesmo usûl. Mas não é o caso do talfîq de dois Madhhabs. Outra prova de que o Ibn Nujaym não diz que o talfîq é permitido, é a sua própria declaração: **"Uma pessoa que se torna imâm de uma jamâ'at cujos membros seguem outro Madhhab (e dirige o namâz em jamâ'at) tem de observar também as regras desse Madhhab".** Esta declaração está em **"Bahr-ur-râiq"**, um comentário que ele escreveu sobre o livro **Kanz**[1]. Aqui terminamos a nossa tradução da última parte do livro **'Julâsa-t-ut-tahqîq'**.

Muhammad 'Abd ar-Rahmân as-Silhatî, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, um 'ulamâ da Índia, escreveu em seu livro persa **"Sayf al-abrâr al-maslûl 'ala-l-fujjâr"** o seguinte: "Ao explicar o hadîth ash-sharîf 'Facilite as coisas! Não dificulte!' em seu comentário ao Mishkât, o 'Allâma Hâfiz Hasan ibn Muhammad at-Tayyibî[2], rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, diz: "A pessoa que recolhe as formas fáceis dos Madhhabs torna-se um **zindiq"**. Em resumo:

1) Todo muçulmano tem que seguir um dos quatro Madhhabs quando ele faz um 'ibâdât' ou qualquer outro ato. Não é permitido seguir um 'ulamâ que não pertença a um dos quatro Madhhabs sunitas.

2) Todo muçulmano pode seguir qualquer um dos quatro Madhhabs que preferir e que achar mais fácil para ele. Ele pode realizar um ato de adoração seguindo um Madhhab e realizar outro ato de adoração seguindo outro Madhhab.

3) Quanto a fazer um ato de adoração seguindo mais de um Madh hab, é necessário que ele atenda a todos os requisitos de um desses Madhhabs para que esse ato seja válido e sahîh nesse Madhhab. Isso se chama taqwâ, e é muito bom. A pessoa terá seguido (taqlîd) aquele Madhhab e terá cumprido as condições dos outros Madhhabs. É permitido seguir um Madhhab desde que todas as suas condições sejam cumpridas. Se o ato de adoração de uma pessoa não é sahîh em nenhum dos Madhhabs que ela segue, é chamado talfîq, o que nunca é permitido.

[1] Julâsat at-tahqîq, última parte

[2] At-Tayyîbî morreu em Damasco no ano 743 H. (1343 d.C.). A primeira edição do seu livro foi publicada na Índia em 1300 H. (1882 d.C.)

4) Não é necessário estar sempre ligado ao Madhhab que foi esco lhido. Se desejar, pode mudar para outro Madhhab quando achar con veniente. Seguir um Madhhab requer um estudo profundo dos ensina mentos do Fiqh daquele Madhhab, o que é alcançado pelos livros **"ilm al-hâl".** Consequentemente, a coisa mais fácil é permanecer no mesmo Madhhab o tempo todo. É difícil mudar ou, num determinado assunto, imitar outro Madhhab. Isto só pode ser feito em caso de ne- cessidade, ou seja, quando há haraj, e desde que todas as suas condi- ções sejam cumpridas.

Como é muito difícil aprender as regras da **Fiqh** de outro Madh- hab, o 'ulamâ da Fiqh proibiu os ignorantes, aqueles que nada sabem sobre Fiqh, de imitar outro Madhhab. Para dar um exemplo, está es- crito em **"Bahr al-fatâwâ"**: "Se uma pessoa que segue o Madhhab Hanafî tem uma ferida que sangra sem parar e tem dificuldade de fazer a ablução cada vez que chega a hora da oração, ela não pode fazer namâz como prescrito no Madhhab Shâfi'î se não cumprir todas as condições desse Madhhab." Ibn 'Âbidîn explica isto em detalhe no capítulo que fala de **"Ta'zîr".** A fim de proteger os atos de adoração do ignorante e sua possível invalidez, o 'ulamâ do Ahl as-Sunna, rah- matullâhi ta'âlâ 'alaihim ajma'în, não lhe permitiu imitar outro Madhhab, exceto em caso de haraj (dificuldade).

At-Tahtâwî escreve: "Alguns 'ulamâ de Tafsîr dizem que o 103º âyat da Sûra Âl-i 'Imrân, **"Agarra-te à corda de Allâhu ta'âlâ"** significa "Agarra-te ao que os fuqahâ ('ulamâ de fiqh) dizem". As pessoas que não seguirem os livros da Fiqh cairão na heresia, não terão a ajuda de Allâhu ta'âlâ, e acabarão no fogo. Ó crentes! Medite sobre este ayat-i karîma e agarre-se ao grupo do Ahl as-Sunna wa-l- jamâ'at, a quem foi dada a boa notícia de que eles estarão a salvo do Inferno. A ajuda e o favor de Allâhu ta'âlâ é apenas para aqueles que fazem parte deste grupo. Allâhu ta'âlâ tratará com ira e tormento no Inferno as pessoas que não estão neste grupo. Em nossos dias, fazer parte do Ahl as-Sunna requer seguir um dos quatro Madhhabs; aquele que não segue um dos quatro Madhhabs é um homem de bid'a e irá para o Inferno"[1]. A pessoa que recolhe as formas fáceis dos quatro

[1] Um comentário de At-Tahtâwî sobre 'Durr al-mukhtâr', seção sobre 'Zabâyih'.

Madhhabs não segue nenhum dos quatro Madhhabs. Como se vê, quem não segue nenhum dos quatro Madhhabs é um lâ-madhhabî. Aquele que faz talfîq com os quatro Madhhabs, (misturando os quatro), e age de acordo com o Madhhab que é mais fácil para ele, também é um sem madhhabî. Da mesma forma, aquele que segue um dos quatro Madhhabs, mas que tem uma crença diferente da de Ahl as-Sunna, é um sem madhhabî. Estes três tipos de pessoas não são Sunnî, mas sim pessoas que seguem heresias (dalâla). Os verdadeiros muçulmanos seguem um dos quatro Madhhabs, ou seja, o **'verdadeiro caminho'; em outras palavras, são muçulmanos sunitas.** Os quatro Madhhabs têm os mesmos dogmas de fé. As poucas pequenas diferenças entre eles são frutos da magnanimidade de Allâhu ta'âlâ. Entre os quatro Madhhabs, cada muçulmano escolhe aquele que acha mais fácil para si.

2 — A CRENÇA DE AHL AS-SUNNA

Eu escrevo as seguintes linhas depois de oferecer o meu hamd a Allâhu ta'âlâ. Hamd significa acreditar e proclamar que Allâhu ta'âlâ, sozinho e sem um associado, cria todo o tipo de bênçãos que Ele nos envia. A bênção significa algo benéfico. **Shukr** (gratidão) significa usar todas as bênçãos de acordo com o **Ahkâm-i-islâmiyya**, (comandos e proibições de Allâhu ta'âlâ). As bênçãos estão escritas nos livros dos 'ulamâ do Ahl as-Sunna. Os 'ulamâ do Ahl as-Sunna são os 'ulamâ dos quatro Madhhabs.

Imam Muhammad al-Ghazalî, rahmatullâhi 'alaih, escreve no seu livro **'Kimyâ-i Sa'âdat'**: "Quando alguém se torna muçulmano, a primeira coisa que é fard para ele é conhecer e acreditar no significado da frase **"Lâ ilâha il-l-Allah, Muhammadun Rasûlullah".** Esta frase chama-se **Kalimat at-tawhîd**. Basta que cada muçulmano acredite, sem a menor dúvida, no que esta frase significa. Não é fard para ele prová-lo com qualquer prova ou para satisfazer a sua mente. O Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam, não ordenou aos árabes que conhecessem ou mencionassem as provas conclusivas ou que procurassem ou esclarecessem as possíveis dúvidas. Ele ordenou-lhes apenas que acreditassem e não duvidassem. Para todos é suficiente acreditar de uma forma superficial. No entanto, é **fard kifâya** (coletivamente obrigatório) que haja alguns 'ulamâ em cada cidade. Para esses 'ulamâ é wâjib conhecer as provas, eliminar as dúvidas e responder às perguntas. Eles são como os pastores dos muçulmanos. Por um lado, eles ensinam-lhes tudo sobre o îmân, (o conhecimento dos dogmas da crença) e, por outro, refutam as calúnias dos inimigos do Islam.

O Alcorão al-Karîm enuncia o significado de Kalimat at-tawhîd e o Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam, explicou o que ele contém. Todos os Sahabat al-Kiram aprenderam estas explicações e passaram-nas às pessoas que vieram depois deles. Os altos 'ulamâ que nos transmitiram o que o **Sahabat al-Kiram** nos transmitiu, recolhendo-o em seus livros sem fazer nenhuma mudança, são chamados de **"'ulamâ de Ahl as-Sunna**". Todos os muçulmanos têm de estudar o **i'tiqâd** (dogmas da fé) de acordo com os Ahl as-Sunna, permanecer unidos e

amarem-se uns aos outros. As sementes da felicidade estão neste **i'tiqâd** e nesta união.

O "'ulamâ de Ahl as-Sunna" explica o significado de **Kalimat at-tawhîd** da seguinte forma: os seres humanos não existiam. Eles foram criados mais tarde. Eles têm um Criador que criou tudo o que existe. O Criador é Um. Ele não tem parceiro nem semelhante. Não existe um segundo como Ele. Ele existiu para sempre; sua existência não teve começo e não terá fim. Ele nunca vai deixar de existir. A sua existência será sempre necessária, a sua inexistência é impossível. Sua existência é devida a Ele mesmo, Ele não precisa de meios. Mas tudo o que há precisa d'Ele. Ele criou tudo e faz com que tudo continue a existir. Ele não é uma coisa ou algo material. Ele não está em nenhum lugar nem em nenhuma substância. Ele não tem forma e não pode ser medido. Não se pode perguntar como Ele é. Quando dizemos "Ele", não é nada que a nossa mente sugira ou imagine. Ele não é como essas coisas, todas elas são Suas criaturas. Ele não é como as Suas criaturas. Ele é o Criador de tudo o que surge em nossa mente, de toda ilusão e de toda quimera. Ele não está em cima, embaixo, de um lado ou do outro. Ele não tem lugar. Todos os seres estão sob o '**Arsh**. E o 'Arsh está sob o seu poder, sob a sua onipotência. Ele está acima do 'Arsh, mas isso não significa que o 'Arsh o transporta. O 'Arsh existe pelo Seu Favor e na Sua Onipotência. Ele é agora como era antes, no passa do eterno. Ele será sempre o mesmo no futuro eterno, como era antes de criar o 'Arsh. Nenhuma mudança O afeta. Ele é imutável. Ele tem Seus próprios atributos, que são oito e são chamados as-Sifât ath-thubûtiyya: Hayât (Vida), 'Ilm (Onisciência), Sam' (Audição), Basar (Visão), Qudra (Onipotência), Irâda (Vontade), Kalâm (Fala, Palavra) e Takwîn (Poder de Criar). Os seus atributos são imutáveis. A mudan ça implica uma deficiência, e Ele não tem nenhuma deficiência ou defeito. Embora Ele não se assemelhe a nenhuma das Suas criaturas, é possível conhecê-Lo neste mundo na medida em que Ele Se dá a conhecer, e depois vê-lo no Além. Neste mundo Ele é conhecido sem que percebamos como Ele se parece, e no Além Ele será visto de uma forma que não podemos compreender. Ver carta 46 do primeiro volume de **'Maktûbât'** (uma obra-prima escrita pelo grande walî e 'âlim

Imâm Rabbânî Mujaddid-i-alf-i-thânî Ahmad Fârûqî Sarhandî, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih. Uma versão em inglês desta carta abençoada encontra-se no capítulo 26 do segundo fascículo de 'Eterna Felicidade').

Allâhu ta'âlâ enviou Profetas, 'alaihim-us-salâm, às Suas criaturas humanas. Usando essas pessoas exaltadas Ele ensinou-lhes as ações que produzem felicidade e aquelas que causam a ruína. O Profeta mais exaltado é Muhammad, sallallâhu 'alaihi wa sallam, o Último Profeta. Ele foi enviado para todos os povos, crentes ou não, para todos os lugares e para todas as nações da terra. Ele é o Profeta para todos os seres humanos, para os anjos e para os gênios. Em todos os lugares do mundo todos têm de segui-lo e conformar-se aos ensinamentos deste Profeta, o mais exaltado."[1]

Sayyid 'Abdulhakîm-i Arwâsî[2], rahmatullâhi 'alaih, disse: "O Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam, teve três missões. A primeira foi transmitir e dar a conhecer **(tabligh)** a todos os seres humanos as regras do Alcorão al-Karîm, ou seja, o conhecimento do îmân e do ahkâm fiqhiyya. **Ahkâm fiqhiyya** é composto pelas ações obrigatórias e pelas ações proibidas. Estes dois ramos do conhecimento dão origem ao **Ahkâm-i-islâmiyya**. A sua segunda missão era transmitir, apenas aos corações dos mais elevados da sua Umma, os conteúdos espirituais do Alcorão al-karîm e o conhecimento de Allâhu ta'âlâ e dos Seus Atributos. A primeira missão, **tabligh**, não deve ser confundida com a segunda. Os lâ-madhhabî, (aqueles que rejeitam os quatro Madhhabs), negam a segunda. No entanto, Abû Hurayra, radiy-Allâhu 'anh, disse: 'De Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam, eu ganhei dois tipos de conhecimento. Um deles eu já vos contei. Se eu explicas se o outro, vós me mataríeis.' Estas palavras de Abû Hurayra são recolhidas nos livros Bukhârî, Mishqât, Hadîqa e nas cartas do Maktûbât, com os números 267 e 268. (Traduções destas duas cartas podem ser lidas depois deste capítulo.) A terceira missão foi dirigida

[1] Kimyâ' as-Sa'âda. Muhammad al-Ghazâlî, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, foi um dos mais proeminentes 'ulamâ. Ele escreveu centenas de livros de valor extraordinário. Ele nasceu no ano de 450 H. (1058 d.C.) em Tûs, (Mashhad, Pérsia), onde morreu em 505 H. (1111 d.C.)

[2] Sayyid 'Abdulhakîm Arwâsî nasceu em Başkal'a na cidade de Van em 1281 H. (1864 d.C.) e morreu em Ancara em 1362 H. (1943)

aos muçulmanos que não obedeceram aos conselhos e advertências sobre a observância do Ahkâm fiqhiyya. A força foi até usada para fazê-los obedecer ao Ahkâm fiqhiyya.

Depois do Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, cada um dos quatro Julafâ, radiy-Allâhu ‘anhum, realizou estas três missões na perfeição. No tempo do Hadrat Hasan, radiy-Allâhu ‘anhum, as fitnas e as bid’as aumentaram. O Islam tinha-se espalhado por três continen tes. A luz espiritual de Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, estava se retirando da terra. O número de Sahabat al-Kiram, radiy-Allâhu ‘anhum, também estava a diminuir. Com o passar do tempo, não havia ninguém que, por si só, fosse capaz de realizar as três missões, razão pela qual elas foram assumidas por três grupos diferentes. A missão de transmitir o îmân e o Ahkâm fiqhiyya foi confiada aos líderes religiosos chamados mujtahid. Entre estes mujtahids, aqueles que transmitiram îmân foram chamados de mutakallimûn, e aqueles que transmitiram Fiqh foram chamados de fuqaha. A segunda missão, isto é, propiciar que os muçulmanos que o desejavam obtivessem o conteúdo espiritual do Alcorão al-Karîm, foi confiada **aos Doze Imams do Ahl al-Bayt**, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihim, e aos grandes homens do Tasawwuf. Sirrî (Sarî) as-Saqatî (d. 251/876 em Bagdá) e al-Junayd al-Baghdâdî (n. 207/821 e d. 298/911 em Bagdá) eram dois desses homens, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihimâ”.

A terceira missão, de fazer cumprir as regras da religião pela força e autoridade, foi confiada aos sultões, ou seja, aos governantes. Aqui lo que pertencia à primeira classe chamava-se **Madhhab**, aquilo que pertencia à segunda classe chamava-se **Tarîqat**[1], e aquilo que perten-

[1] O ‘ulamâ de Ahl as-Sunna obteve ‘ilm at-tasawwuf’ ao aprender esta segunda missão do nosso Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, dos Doze Imâms, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihim. Há pessoas que não acreditam nos awliyâ’, karâma ou Tasawwuf. Isto mostra que eles não têm nenhuma ligação com os Doze Imâms. Se tivessem segui do o Ahl al-Bayt, teriam aprendido esta segunda missão do nosso Profeta com os Doze Imâms e haveria entre eles muitos estudiosos de Tasawwuf e muitos awliyâ’. Mas não houve nenhum, e o que é ainda pior, eles nem sequer acreditam que tais estudiosos existam. É evidente que os Doze Imâms são os Imâms do Ahl as-Sunna. São os de Ahl as-Sunna que amam Ahl al-Bayt e seguem os Doze Imâms. Para ser um estudioso do Islam, é preciso ser um herdeiro de Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, nestas duas missões. Ou seja, é preciso ser um especialista nestes dois ramos do conhecimento. Abd al-Ghanî an-Nabulusî, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, um desses estudiosos, mencionou nas páginas 233 e 649 de sua obra ‘al-Hadîqat an-

cia à terceira classe chamava-se **Huqûq** (jurisprudência). Os Madhhabs que falam de îmân são chamados Madhhabs do i'tiqâd. Nosso Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, tinha declarado que, no que diz respeito ao îmân, os muçulmanos seriam divididos em setenta e três grupos, que apenas um deles estaria certo e os outros estariam errados. E foi assim que aconteceu. O grupo que recebeu a boa notícia de estar no caminho certo se chama Ahl as-Sunna wa-l-jamâ'at. Os outros setenta e dois grupos, que foram declarados errados, são chamados de grupos de bid'a, ou seja, hereges. Nenhum deles é composto por incrédulos.

Todos são muçulmanos, mas se um muçulmano que pertence a um dos setenta e dois grupos negar qualquer informação que tenha sido declarada claramente no Alcorão al-Karîm, nos hadîth ash-sharîfs ou que se tenha espalhado entre os muçulmanos, ele torna-se um descrente. Hoje há muitos que, apesar de terem nomes muçulmanos, discordam dos Madhhabs de Ahl as-Sunna e se tornaram hereges ou não muçulmanos." Aqui termina a citação de Hadrat 'Abdulhakim Efendi.

Os muçulmanos devem estudar desde o berço até o túmulo. O conhecimento que eles devem obter chama-se **al-'ulûm al-Islâmiyya** (Ciências Islâmicas), que têm duas partes: I) al-'ulûm an-naqliyya, II) al-'ulûm al-'aqliyya.

(I) Al-'ulûm an-naqliyya (também chamadas 'ciências religiosas'): Estas ciências são aprendidas lendo os livros dos 'ulamâ de Ahl as-Sunna. Os 'ulamâ do Islam obtiveram estas ciências de quatro fontes principais chamadas al-adillat ash-Shar'iyya. Eles são al-Alcorão al-karîm, hadîth ash-sharîf, ijmâ' al-Umma e qiyâs al-fuqaha.

As ciências religiosas têm oito ramos principais:

1) **'ilm at-tafsîr** (a ciência de explicar o Alcorão al-karîm). O especialista nesta ciência é chamado de mufassir; para entender o significado das palavras de Allâhu ta'âlâ, é preciso ser um estudioso muito conhecedor.

nadiyya', os hadîths que descrevem o conteúdo espiritual do Alcorão al-karîm e declarou que negar esse conteúdo indica ignorância e abjeção.

2) **‘ilm al-usûl al-hadîth**. Esta ciência lida com a classificação dos hadîth. Os diferentes tipos de hadîth são explicados em ‘Eterna Felici dade’, segundo fascículo, capítulo 6.

3) **‘ilm al-hadîth**. Esta ciência estuda em detalhe as declarações (hadîth), comportamento (sunna) e modos (hâl) do nosso Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam.

4) **‘ilm al-usûl al-kalâm**. Esta ciência estuda os métodos pelos quais o ‘ilm al-kalâm é obtido do Alcorão al-karîm e do Hadîth ash-sharîf.

5) **‘ilm al-kalâm**. Esta ciência trata do estudo de Kalimat at-tawhîd, Kalimat ash-shahâdat e os seis fundamentos do îmân que dependem de ambos. Estes são ensinamentos em que se deve crer com o coração. Os ‘ulamâ de Kalâm costumavam escrever em conjunto o ‘ilm al-usûl al-kalâm e o ‘ilm al-kalâm. Consequentemente, a pessoa comum aborda estes dois ramos do conhecimento como se fossem um só.

6) **‘ilm al-usûl al-fiqh.** Esta ciência estuda a obtenção das regras da Fiqh do Alcorão al-karîm e do Hadîth ash-sharîf.

7) **‘ilm al-fiqh**. Esta ciência estuda o af’âl al-mukallafîn; ou seja, diz como devem agir, em assuntos relacionados com o corpo, as pessoas que têm discernimento (‘âqil) e que chegaram à puberdade. Con siste nos ensinamentos necessários para o corpo. O af’âl al-mukallafîn tem oito seções: fard, wâjib, sunna, mustahab, mubâh, harâm, makrûh, e mufsid. Contudo, podem ser classificados resumidamente em três grupos: ações ordenadas, ações proibidas e ações permitidas (mubâh).

8) ‘ilm at-tasawwuf. Esta ciência também é chamada de ‘ilm al-akhlâq (ética). Não só fala das coisas que devemos e não devemos fazer com o coração, mas também ajuda o crente a ser sincero, facilita aos muçulmanos cumprir os deveres ensinados no ‘ilm al-fiqh e ajuda a alcançar a ma’rifat.

É fard ‘ain para todo muçulmano, homem ou mulher, aprender, destes oito ramos, Kalâm, Fiqh e Tasawwuf tanto quanto necessário, e não os aprender é uma culpa, um pecado.[1]

[1] Al-Hadîqa, p. 323 e no prefácio a ‘Radd al-muhtâr’.

II) Al-'ulûm al-'aqliyya (também chamadas 'ciências experimentais'): Estas ciências estão divididas em dois grupos: técnico e literário. Para os muçulmanos, é fard kifâya estudar estas ciências. No que diz respeito às ciências islâmicas, é fard 'ain estudá-las tanto quanto necessário. Estudá-las mais do que o necessário, ou seja, espe cializar-se nas ciências islâmicas, é fard kifâya. Se não houver um único 'âlim em uma cidade que conheça essas ciências, todos os habi tantes e as autoridades governamentais terão cometido uma transgres são.

Os ensinamentos religiosos não mudam com o tempo. Cometer um erro ou equivocar-se ao comentar o 'ilm al-kalâm não admite desculpa; é um crime imperdoável. Em assuntos relacionados à Fiqh, as variações e facilidades contidas no Islam podem ser usadas quando se tem as desculpas ('udhr) contempladas pelo Islam. Nunca é permitido fazer mudanças ou introduzir reformas em assuntos religiosos com base em opiniões ou percepções pessoais. Isso faz a pessoa sair do Islam. Mudanças, melhorias e progresso no 'ulûm al-'aqliyya são permitidas. Elas precisam ser desenvolvidas através de pesquisas, descobertas e até mesmo aprendendo com os não muçulmanos.

O seguinte texto foi retirado do livro 'al-Majmû'at az-zuhdiyya'. Foi compilado por um ex-ministro da Educação, Sayyid Ahmed Zühdü Pasha, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih:

A palavra 'fiqh', quando usada na forma 'faqiha yafqahu', ou seja, na quarta categoria, significa 'conhecer, compreender'. Quando usada na quinta categoria, significa 'conhecer, compreender o Islam'. O estudioso de 'ilm al-fiqh é chamado faqîh. 'Ilm al-fiqh trata das coisas que as pessoas devem fazer e das que não devem fazer. Esta ciência também é chamada Ahkâm-i islâmiyya. O conhecimento do Fiqh é composto de Alcorão al-karîm, hadîth ash-sharîf, ijmâ' e qiyâs. O consenso dos as-Sahâbat al-kirâm e dos mujtahids que vieram depois deles chama-se ijmâ' al-Umma. As regras da religião obtidas do Alcorão al-karîm, dos hadîth ash-sharîfs e do ijmâ' al-Umma são chamadas de qiyâs al-fuqahâ'. Se com o Alcorão al-karîm ou o Hadîth ash-sharîf não é claro se algo é halâl (permitido) ou harâm (proibido), é comparado com outro caso que é bem conhecido. Esta analogia é

chamada de qiyâs. Para aplicar qiyâs é necessário que o caso em questão tenha os mesmos fatores que fizeram com que o caso anterior fosse permitido ou proibido. Isto é algo que só pode ser julgado pelo ‘ulamâ de conhecimento que atingiu o nível de ijtihâd.

O **‘ilm al-fiqh** é muito extenso. Tem quatro divisões principais:

1) **‘ibâdât**, composto de cinco subdivisões: salât (namâz), sawm (jejum), zakât, hajj, jihâd. Cada uma destas subdivisões tem seções. Como se pode ver, a preparação para o jihâd é um ato de adoração. Nosso Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, declarou que existem dois tipos de jihâd contra os inimigos do Islam: com ações e com palavras. É fard estudar como fabricar e usar as novas armas na preparação para o jihâd com ações. O jihâd é feito pelo Estado. Para as pessoas, é fard aderir ao jihâd, obedecendo às leis e ordens do Estado relacionadas com o jihâd. Nos últimos tempos, os ataques do inimigo através de publicações, filmes, emissões de rádio e todo tipo de propaganda —o segundo tipo de guerra— aumentaram enormemente; consequentemente, enfrentar o inimigo nesta área também é jihâd.

2) **munâkahât**, composto de subdivisões como casamento, divórcio, pensão alimentícia e muitas outras [descritas em detalhe, em diferentes ocasiões, nos seis fascículos do livro “Eterna Felicidade”. Ver o capítulo 12 do quinto fascículo e o capítulo 15 do sexto fascículo].

3) **mu’âmalât**, composto por muitas subdivisões, tais como compra, venda, aluguel, copropriedade, juros, herança etc. (Ver os últimos quatro parágrafos do capítulo 6 do quarto fascículo e também os últimos 19 capítulos do quinto fascículo da “Eterna Felicidade”.)

4) **‘uqûbât** (direito penal), composto de cinco subdivisões principais: **qisâs** (lex talionis), **sirqat** (roubo), **zinâ** (fornicação e adultério), **qadhf** (acusar uma mulher virtuosa de desonestidade) e **ridda** (apostasia) (ver os capítulos 10, 11, 12, 13 e 14 do sexto fascículo da “Eterna Felicidade”).

É fard para cada muçulmano adquirir conhecimento suficiente do Fiqh relacionado à adoração. É fard kifâya estudar o munâkahât e o mu’âmalât; ou seja, essas duas ciências devem ser estudadas, na medida necessária, pelas pessoas que delas precisam. Depois de ‘ilm at-

tafsîr, ‘ilm al-hadîth e ‘ilm al-kalâm, o conhecimento mais nobre é ‘ilm al-fiqh. Os seis hadîths seguintes serão suficientes para indicar a nobre posição do Fiqh e do faqîh, rahmatullâhi ta’âlâ alaihim ajma’în:

“Se Allâhu ta’âlâ quer conceder a Sua bênção a um dos Seus escravos, Ele o faz faqîh.”

“Se uma pessoa se torna faqîh, Allâhu ta’âlâ lhe envia o que ela deseja e seu sustento virá de fontes inesperadas”.

“A pessoa de quem Allâhu ta’âlâ diz ‘o mais superior’ é um faqîh no Dîn.”

“Contra o Shaytân, um faqîh é mais firme do que mil ‘âbids (pessoas que adoram muito).”

“Tudo tem um pilar sobre o qual se apoiar. O pilar fundamental do Dîn é o conhecimento do Fiqh.”

“O melhor e mais valioso culto é estudar e ensinar o Fiqh.”

A supremacia de al-Imâm al-A’zam Abu Hanîfa, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, também pode ser deduzida destes hadîth-i-sharîf.

No Madhhab Hanafî, os ensinamentos do Islam foram transmitidos através de uma corrente que começou com ‘Abdullah ibn Mas’ûd, radiy-Allâhu ‘anh, que era um Sahâbî. Isto significa que o Imâm al-A’zam Abû Hanîfa, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, o fundador do Madhhab, obteve o conhecimento do Fiqh de Hammâd, e Hammâd de Ibrâhîm an-Nakha’î. Ibrâhîm an-Nakha’î foi ensinado por Alkama, e Alkama estudou com ‘Abdullah ibn Mas’ûd, que tinha sido ensinado por Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam.

Abû Yûsuf, Imam Muhammad ash-Shaibânî, Zufar ibn Hudhail e Hasan ibn Ziyâd eram discípulos de al-Imâm al-A’zam, rahimahumullah. Destes, o Imâm Muhammad escreveu cerca de mil livros sobre os ensinamentos islâmicos. Nascido no ano 135 H., morreu em Rayy, Irã, no ano 189 H. (805 d.C.). Sendo casado com a mãe (que era viúva) de al-Imâm ash-Shâfi’î, um dos seus discípulos, quando ele morreu todos os seus livros foram legados a Shâfi’î, aumentando assim o seu conhecimento. Por esta razão, al-Imâm ash-Shâfi’î, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, disse: “Eu juro que o meu conhecimento do Fiqh aumentou ao ler os livros do Imâm Muhammad. Aqueles que desejam aprofundar seus conhecimentos do Fiqh devem frequentar a

companhia dos discípulos de Abû Hanîfa". E numa ocasião ele disse: "Todos os muçulmanos são como família, os filhos de al-Imâm al-A'zam". Em outras palavras, assim como um homem ganha sua vida para sustentar sua esposa e filhos, al-Imâm al-A'zam assumiu a missão de investigar o conhecimento religioso que as pessoas precisavam em todos os seus assuntos. Como resultado, ele salvou os muçulmanos de terem de fazer um trabalho enorme.

Al-Imâm al-A'zam Abû Hanîfa, rahmatullâhi 'alaih, compilou o conhecimento da Fiqh, classificou-a em ramos principais e secundários e estabeleceu um usûl (método) para lidar com ela. Ele também compilou os ensinamentos do i'tiqâd, transmitidos por Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam, e do Sahâbat al-kirâm, ridwânullâhi 'alai him ajma'în, e os ensinou a centenas de discípulos. Alguns dos seus discípulos tornaram-se especialistas no 'ilm al-kalâm, ou seja, nos ensinamentos do îmân. Entre eles, Abû Bakr al-Jurjânî, um dos discípulos do Imâm Muhammad ash-Shaibânî, tornou-se eminente. E Abû Nasr al-'Iyâd, um dos seus discípulos, formou Abû Mansûr al-Mâturîdî no 'ilm al-kalâm. Abû Mansûr recolheu nos seus livros os ensinamentos sobre kalâm, tal como foram transmitidos por al-Imâm al-A'zam, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih. Ao confrontar os hereges, ele consolidou o i'tiqâd de Ahl as-Sunna. Os seus ensinamentos espalharam-se por todo o lado. Ele morreu em Samarkand no ano 333 H. (944 d.C.). Este grande 'âlim, juntamente com Abu-l-Hasan al-Ash'arî, são chamados **os imâms dos Madhhabs do i'tiqâd Sunnî**.

Os 'ulamâ do Fiqh estão agrupados em sete graus. No seu trabalho **'Waqf an-niyyât'**, Kemâl Pâshazâda Ahmad ibn Sulaimân Efendi, 'rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, explica estes sete graus da seguinte forma:

1. Mujtahids do Islam, que estabeleceram os métodos e princípios para derivar os preceitos das quatro fontes da religião (Adilla-i arba'a) e derivaram os preceitos de acordo com os princípios que tinham estabelecido. Exemplos destes 'ulamâ são os a'imat al-madhâhib, (Imâm A'zam Abû Hanîfa, Imâm Mâlik, Imâm Shâfi'î, e Imâm Ahmad bin Hanbal, líderes dos quatro Madhhabs retos e corretos do Islam nas práticas)[1].

[1] Estes quatro Madhhabs são: Hanafî, Mâlikî, Shâfi'î e Hanbalî.

2. Mujtahids de um Madhhab que, seguindo os princípios estabelecidos pelo imâm do Madhhab, derivaram regras das quatro fontes. Estes foram, (no Madhhab Hanafî), Imam Abû Yûsuf, Imam Muham mad, etc., rahmatullâhi ta'âlâ 'alaihim ajma'în.

3. Mujtahids de questões (mas'ala) que, não tendo sido tratadas pelo fundador do Madhhab, obtiveram as regras usando os métodos e princípios do Madhhab mas que, ao fazê-lo, seguiram o imâm. Entre eles estão at-Tahâwî (238-321 H. no Egito), Hassâf Ahmad ibn 'Umar (m. 261 H. em Bagdá), 'Abdullah ibn Husain al-Karkhî (340 H.), Shams al-a'imma al-Halwânî (456 H. em Bukhara), Shams al-a'imma as-Sarahsî (483 H.), Fakhr-ul Islâm 'Alî ibn Muhammad al-Pazdawî (400-482 H. em Samarkand), Qâdî-Khân Hasan ibn Mansûr al-Farghânî (592 H.), etc, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaihim ajma'în.

4. As-hâb at-takhrîj, que não estavam qualificados para fazer ijtihâd. Eles foram 'ulamâ que explicaram de forma resumida as regras pouco claras derivadas pelos mujtahids. Ahmad ibn 'Alî ibn Abî Bakr ar-Râzî foi um deles, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, e também é conhecido pelo epíteto 'jassâs'. Ele morreu no ano 370 H.

5. Arbâb at-tarjîh, que preferiram uma das várias riwâyas (transmissões) que vieram de mujtahids. Foram Abu-l-Hasan al-Qudûrî (362-428 H., em Bagdá) e Burhân ad-Dîn 'Alî al-Marghinânî, o autor de al-Hidâya, que morreu mártir às mãos das hordas de Genghis Khan no massacre de Bukhara, no ano 593 H. [1198 d.C.]

6. Aqueles 'ulamâ que coletam vários riwâyat sobre um assunto, ordenando-os de acordo com sua confiabilidade são chamados de muqallid. Em seus livros eles não incluíam nenhuma riwâya rejeitada. Abû-l-Barakât 'Abdullah ibn Ahmad an-Nasafî (m. 710 H.), autor de 'Kanz ad-daqâiq'; 'Abdullah ibn Mahmûd al-Musûlî (m. 683 H.), autor de 'Mukhtâr'; Burhân ash-Sharî'a Mahmûd ibn Sadr ash-Sharî'a 'Ubaid-Allah (m. 673 H.), autor de 'al-Wiqâya'; e Ibn as-Sâ'âtî Ahmad ibn 'Alî al-Baghdâdî (m. 694 H.), autor de 'Majmâ' al-bahrain', são alguns destes 'ulamâ, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaihim ajma'în.

7. Também há muqallid[1] que são incapazes de distinguir o riwâyat fraco do genuíno.

A pessoa sem Madhhab não encontrou o caminho certo;

Mesmo que ele imite todos os outros, não vai ser correto!

Aquele que não estudou o islamismo não pode ser um mujtahid.

A tua misericórdia é o que eu espero, pois o meu talento é tão escasso;

Não há nada difícil para Ti, ó meu Allah, o Magnânimo!

A Tua misericórdia cobre o transgressor, e eu sou um deles;

Não posso negar os meus erros, uma vez que Tu és o Onisciente.

Com o rosto enegrecido, acorrentado como estou, arrastei-me para a frente;

A Tua misericórdia é o que eu espero, pois o meu talento é tão escasso;

Não há nada difícil para Ti, ó meu Allah, o Magnânimo!

O mundo inteiro está perdido, Tu és o único certo e verdadeiro;

Não há mais ninguém; Tu, só Tu, mereces ser adorado!

O que pode fazer o escravo incapaz; Tu, só Tu, és Todo-Poderoso!

A tua misericórdia é o que eu espero, pois o meu talento é tão escasso;

Não há nada difícil para Ti, ó meu Allah, o Magnânimo!

CARTA 267 DO PRIMEIRO VOLUME

Esta carta, escrita para Husâm-ad-Dîn Ahmad, rahmatullâhi ‘alaih, fala do asrâr (informação espiritual secreta e requintada) e do daqâiq (fragmentos extremamente sutis de informação espiritual):

“O **hamd** (louvor e gratidão) seja para Allâhu ta’âlâ! **Salât** (orações e bênçãos) e **salâm** (saudações, melhores votos) seja para o Seu amado Profeta e para a abençoada Âl (família, parentes próximos) do

[1] Estas pessoas estavam entre os ‘ulamâ da Fiqh porque conseguiam entender o que liam e explicavam-no aos muqallids que não o entendiam.

Profeta! Fomos abençoados com a honra de ter lido a sua carta que tão gentilmente enviou a este faqîr, (Imâm Rabbânî). Por tê-lo feito, peço a Allâhu ta'âlâ que o recompense com o bem! Sobre qual dos presentes que Allâhu ta'âlâ me concedeu devo escrever? Como poderei expressar a minha gratidão por eles? A maioria dos fragmentos sutis de conhecimento e dos ma'rifats que me são derramados como orientação e assistência vindas de Allâhu ta'âlâ está sendo escrita. E todos estão lendo-as, tanto os que as entendem como os que não as entendem. Contudo, nenhum dos fragmentos de informação, esotéricos e secretos, que me foram conferidos pode ser revelado. A verdade é que nada pode ser dito sobre eles, nem mesmo em letras ou símbolos. Além disso, ao meu valiosíssimo filho, que assimilou os ma'rifats deste faqîr (eu), nada pode ser contado sobre estes requintados fragmentos de informação, apesar de todos os altos graus que já obteve, como os graus de sulûk e jadhba, (explicados em várias passagens do livro "Eterna Felicidade", por exemplo, capítulo 39 do sexto fascículo). Sim. Faz-se o máximo para mantê-los escondidos. Sei que meu filho abençoado obteve esses fragmentos secretos de conhecimento e está sendo protegido de erros e confusões. Mas como são secretos, a minha língua está presa. A sua natureza secreta impede-me de abrir o meu intelecto. O estado em que me encontro é um exemplo do que é dito no âyat-i-karîma 13 da Sûra ash-Shu'arâ: "O meu peito ficará apertado e a minha língua não se soltará (facilmente)...". Estes segredos não são do tipo que rejeitam a definição; muito provavelmente nem sequer podem ser definidos.

Não é sem razão que o hâfiz clama;

Ele possui muitas coisas incríveis, então fique atento!

"Todas essas bênçãos que estamos tentando esconder, vêm das fontes da profecia que, por sua vez, pertencem aos Profetas, 'alaihim-us-salawât-u-wa-t-taslîmât'. Os anjos superiores também têm partes desta bênção. Eles fazem uma seleção entre as pessoas abençoadas que seguem os passos dos Profetas, 'alaihim-us-salawât-u-wa-t-taslîmât', e os honram com esta bênção. Hadrat Abû Hurayra, radiy-Allâhu 'anh, declarou: 'De Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam, eu

aprendi dois tipos de conhecimento. Já lhes falei de um deles. Se eu lhes falasse do segundo, vocês me matariam.' Este segundo tipo de conhecimento é o segredo. Nem toda a gente consegue compreendê-lo. É um imenso presente de Allâhu ta'âlâ que Ele dá a quem Ele quer. Allâhu ta'âlâ dá grandes presentes. Por favor, olha a carta que foi endereçada aos filhos do meu preciosíssimo professor!"

"Meu caro senhor! Na opinião deste faqîr (Imâm Rabbânî), a invenção de um bid'at[1] no Tasawwuf não é menos desprezível que a invenção de um bid'at no próprio Dîn. O baraka da Tasawwuf fluirá e alcançará as gerações seguintes enquanto nenhum bid'at for inventado. Quando uma mudança é feita no Tasawwuf, o fayd e o baraka param de fluir. Deve-se ter muito cuidado para que não sejam feitas mudanças nos caminhos (**tariqats**) da Tasawwuf. Nenhuma conversa deve ser mantida com aqueles que não pertencem à Tasawwuf. Se algo é visto que tenta mudar a Tasawwuf, deve ser evitado a todo custo, mesmo com força se necessário, independentemente de onde e por quem é feito. A forma correta e genuína do caminho em questão deve ser consolidada e propagada. Wa-s-salâm e wa-l-ikrâm".

CARTA 268 DO PRIMEIRO VOLUME

Esta carta foi escrita para Khân-i-Khânân. Fala sobre quais 'ulamâ são os herdeiros do Profeta e quais são os fragmentos secretos do conhecimento':

"Seja meu hamd para Allâhu ta'âlâ! Salâm para os seus escravos escolhidos! Os faqîrs aqui estão em um estado que faz valer a pena oferecer hamd. Rogo para que estejais seguros, de boa saúde e também no caminho certo. Como nosso tema é o legado do conhecimento, escrevo mais algumas palavras agora, aproveitando ao máximo o tempo de que disponho. Em um hadîth-i-sharîf foi declarado: "Os 'ulamâ são herdeiros dos Profetas". Há dois tipos de conhecimento que foram transmitidos pelos Profetas, 'alaihim-us-salawât-u-wa-t-taslîmât':

[1] Bid'at é algo que não existia nos dogmas da fé no Islam, nas práticas ou na conduta espiritual nos dias dos primeiros muçulmanos, e foi introduzido no Islam mais tarde. Todos os Bid'at são perversos e desprezíveis.

1. Conhecimento das regras; 2. Conhecimento secreto.

Para ser herdeiro, um ‘âlim deve ter uma participação em ambos os tipos de conhecimento. Aquele que tem apenas um tipo não pode ser herdeiro, porque o verdadeiro herdeiro terá uma parte em cada bem que foi herdado. É inconcebível que um herdeiro tenha uma parte de um bem e não tenha nada do resto. Aquele que tem apenas parte de um bem seria chamado de credor em vez de herdeiro. O credor terá apenas a parte a que tem direito. Nosso profeta, ‘alaihi wa ‘alâ âlihis-salât-u-wa-s-salâm, declarou: “Os ‘ulamâ de meu Umma (os muçulmanos) são como os Profetas israelitas.” Os ‘ulamâ mencionados aqui são os que herdam, não os que são credores. Os credores só recebem o que lhes é devido de uma certa parte da herança. O herdeiro, sendo muito próximo (do falecido) e uma testemunha (dos acontecimentos) é idêntico àquele que legou a herança. Este não é o caso com o credor. Da mesma forma, aquele que não é um herdeiro não pode ser um ‘âlim’. Pode-se dizer que ele é um ‘âlim de certas coisas, como um ‘âlim do Fiqh’. Neste sentido, um ‘âlim é alguém que é um herdeiro e que, por sua vez, tem uma parte em ambos os tipos de conhecimento. Há muitas pessoas que interpretam a palavra ‘ilm-i-asrâr (conhecimento secreto) como se fosse o conhecimento chamado ‘tawhîd-i-wujûdî, [como ver o ser único em tudo e ver tudo num único ser]. Dizem que é o conhecimento das coisas percebidas pelos (devotos chamados) sâlik durante (seus êxtases espirituais chamados) hâl que eles descrevem pelos termos ihâta (envolvimento), sarayân (penetração), qurb (proximidade), e ma’iyyat (apego). Hâshâ (que Allâhu ta’âlâ nos proteja de tais suposições!) Este não é o caso. Esses fragmentos de conhecimento não são o conhecimento secreto. Nem são fragmentos de conhecimento que mereçam o grau de Profecia. Esses fragmentos de conhecimento ocorrem nos estados extáticos da Tasawwuf, quando o adorador está imerso no (chamado de êxtase) hâl. Não é o conhecimento que obtêm as pessoas que estão sóbrias e cons cientes. Quanto aos fragmentos de conhecimento que pertencem aos Profetas, tanto o conhecimento relacionado com as regras do Islam como o conhecimento secreto são fragmentos de conhecimento sóbrio e consciente. Nunca é misturado com o conhecimento obtido

durante a inconsciência. O conhecimento obtido durante a inconsciência está relacionado com os graus de **wilâyat (Tasawwuf),** porque os awliyas estão em estado de êxtase e de auto-absorção. Estes fragmentos de conhecimento podem ser, na melhor das hipóteses, os segredos do wilâyat, mas não são os segredos do nubuwwat. Embora os Profetas também sejam possuidores de wilâyat, em pessoas tão exaltadas as coisas relacionadas ao wilâyat são infinitesimais; eles não são nada comparados com as coisas relacionadas à condição profética. Um dístico persa:

O sol nasce e todos os lugares brilham;

A estrela da manhã não pode mais ser vista, sem dúvida alguma!

Já o expliquei nos meus livros e nas minhas cartas. E mais uma vez declaro que os graus que pertencem à profecia são, em superioridade, semelhantes a um oceano. Em comparação, os graus do **wilâyat** são como gotas de água. Mas como posso evitar que um certo número de pessoas diga que o wilâyat é superior ao **nubuwwat**, que é uma afirmação infundada, já que eles não atingiram os graus que pertencem à condição profética? A maioria dessas pessoas modificou sua declaração e disse: "O wilâyat dos Profetas é superior ao seu próprio nubuwwat". Todas essas pessoas foram incapazes de entender o que é a condição profética. Eles fizeram um comentário sem saber sobre o que estavam comentando. Este é o caso daqueles que disseram que **sakr,** [o estado de inconsciência e alheamento] é superior a sahw, (sobriedade). Se eles soubessem o que é sahw, teriam relutado em mencionar sakr em uma conversa sobre sahw. Um verso persa diz:

Como a terra pode ser comparada a um mundo de pureza?

A afirmação de que o sakr é superior ao sahw deve ser o resultado de tomar o sahw das pessoas superiores e o sahw dos ignorantes como iguais. Eu teria preferido que eles não tivessem dito tal coisa, sendo o preço a alegação de que o sakr do ignorante e o do superior são iguais. A verdade é que qualquer pessoa sensata sabe que sahw (sobriedade) é certamente melhor do que sakr (inconsciência). Isso vale tanto para o sahw do ignorante quanto para o sahw do superior. Afirmar que wilâyat é superior à condição profética, e que sakr é superior a sahw é

o mesmo que afirmar que a descrença é superior a ser muçulmano, porque a descrença e a ignorância são análogas ao wilâyat, enquanto o islamismo e a ma'rifat têm o seu lugar na condição profética. Hallâj-i-Mansûr, qaddas-Allâhu ta'âlâ sirrah-ul-'azîz, declara neste par de versos árabes traduzidos:

Não creio na religião de Allah; a incredulidade é necessária.

Isto é uma realidade, não importa o quanto pesa sobre os muçulmanos!

Muhammad, sallallâhu 'alaihi wa sallam, evitou a descrença e confiou-se a Allâhu ta'âlâ. O âyat 84 da Sûra Isrâ declara: "Dize-lhes: Cada um age segundo a sua própria disposição..." Deve-se saber que, assim como o Islam é melhor do que não acreditar no Islam, é melhor do que não acreditar no Haqîqat (natureza interna do Islam). Isto porque o Islam é o aspecto exterior do Haqîqat (a verdade).

Pergunta: Enquanto kufr (descrença), jahl (ignorância) e sakr existem nos graus do wilâyat chamados jam', os seus graus (mais altos) chamados farq contêm o Islam, sahw e ma'rifat. Em que sentido, então, devemos avaliar o fato de alguém dizer que kufr, sakr, e jahl existem em graus de wilâyat?

Resposta: Sahw e similares nos graus chamados 'farq' são sahw e similares em comparação com o sakr denso que acompanha os graus chamados jam'. Ali, sahw e sakr fundiram-se. O Islamismo e o kufr também se fundiram nesses graus. Da mesma forma, a ma'rifat também foi manchada com jahl (ignorância). Se fosse possível escrever sobre isso, eu daria uma definição bastante extensiva dos estados e das ma'rifats nos graus chamados farq, a fim de elucidar como o sakr e similares mancharam outros nesses graus. Uma reflexão suficientemente cautelosa levará as pessoas de intelecto desperto a uma compreensão clara do assunto. É surpreendente, ou melhor, extremamente surpreendente! Basta dizer que os Profetas, 'alaihim -us-salawât-u-wa-t-taslîmât', alcançaram a grandeza e supremacia que os tem caracterizado no caminho da condição profética, não no caminho do wilâyat! O **wilâyat** é apenas para servir a condição profética. Se os wilâyat fossem superiores a ele, como os anjos superiores têm um wi-

lâyat superior aos outros, eles seriam superiores aos Profetas, ‘alaihim-us-salawât-u -wa-t-taslîmât, (o que não é o caso)

A maioria das pessoas que consideram o wilâyat superior à condição profética, pensando que o wilâyat possuído pelos anjos superiores é superior ao dos Profetas, disseram: “Os anjos superiores são superiores aos Profetas.” Esta suposição os fez divergir do caminho ensinado pela esmagadora maioria dos ‘ulamâ do Ahl as-Sunna, rahmatullâ hi ‘alaihim ajma’în. Tais erros são devidos à incapacidade de compreender o que é a condição profética.

Como os tempos da profecia desaparecem nas profundezas abismais do passado, todos consideram que os graus da condição profética são mais baixos do que os graus do wilâyat. Foi por isso que tive de me alargar sobre o assunto. Espero ter lançado alguma luz sobre a natureza interior da questão. Ó meu Rabb (Criador)! Por favor, perdoa as nossas transgressões! Faze os nossos passos seguirem o caminho reto! Ajuda-nos em nossos confrontos com os incrédulos! Âmîn. Meyân Shaikh Dâwûd, meu precioso irmão, estava prestes a partir com a intenção de te visitar. Ele é a razão para esta escrita. Wa-salâm.

3 — AL-IMÂM AL-A'ZAM ABÛ HANÎFA

'rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih'

O livro **"Qâmûs al-a'lâm"** diz:

O nome de Al-Imâm al-A'zam Abû Hanîfa, era Nu'mân. O nome do pai dele era Thâbit. O nome do avô dele também era Nu'man. Abû Hanîfa foi o primeiro dos quatro grandes imâms de Ahl as-Sunna. 'Imâm' significa um "estudioso de grande conhecimento". Ele foi um dos principais mastros da extraordinária religião de Profeta Muhammad, sallallâhu 'alaihi wa sallam. Ele era descendente de um distinto persa. O avô dele tinha abraçado o Islam. Ele nasceu em Kûfa no ano 80 H. [698 d.C.]. Ele nasceu a tempo de conhecer Anas ibn Mâlik, 'Abdullah ibn Abî Awfâ, Sahl ibn Sa'd as-Sâ'idî e Abû al-Fadl Âmir ibn Wâsila, quatro Sahâbî, radiy-Allâhu ta'âlâ 'anhum. Ele estudou 'ilm al-fiqh com Hammâd ibn Abî Sulaimân. Ele frequentou a compa nhia de muitos Tâbi'în distintos e o Imâm Ja'far as-Sâdiq, rahmatullâ hi ta'âlâ 'alaih. Ele memorizou inúmeros hadîths. Ele tinha sido treinado para ser um grande juiz, mas tornou-se um imâm al-madhhab. Ele tinha um intelecto superior e era incrivelmente penetrante. Em relativamente pouco tempo ele atingiu um grau incomparável em "ilm al-fiqh". O seu nome e fama tornaram-se conhecidos em todo o mundo.

Yazîd ibn 'Amr, governador do Iraque nos dias de Marwân ibn Muhammad, o décimo quarto e último Khalîfa dos Umayyads, neto de Marwân ibn Hakam, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, que foi morto cinco anos depois de ter assumido o califado no Egito em 132 H. [750 d.C.], pediu ao Abû Hanîfa, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, para ser juiz dos tribunais de Kûfa. Mas tendo zuhd, taqwâ e wara', assim como conheci mento e intelecto, Abû Hanîfa recusou. Ele temia não poder proteger os direitos humanos por causa das fraquezas humanas. Por ordem do Yazid, ele recebeu 110 golpes na cabeça. O seu rosto e cabeça abençoados estavam muito inchados. No dia seguinte, Yazîd mandou trazer o Imâm para fora e pressionou-o, repetindo o pedido. O Imâm disse: "Deixe-me pedir conselho", e obteve permissão para sair. Abû

Hanîfa, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, foi para a abençoada cidade de Makka, onde permaneceu durante cinco ou seis anos.

O Khalîfa abássida Abû Ja'far Mansûr, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, ordenou que ele fosse o presidente do Supremo Tribunal no ano 150 H. [767 d.C.]. Abû Hanîfa, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, recusou e foi preso. Ele foi condenado a receber dez chicotadas todos os dias. Quando o número chegou a cem, ele morreu como mártir. Abû Sa'd Muhammad ibn Mansûr al-Hârizmî, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, um dos vizires de Malikshâh (447-485 H., o terceiro Sultão Seljuk, filho do Sultão Alparslan), mandou construir um magnífico mausoléu sobre a sua sepultura. Ao longo do tempo, os Sultões Otomanos restauraram e embelezaram o seu túmulo em várias ocasiões.

Abû Hanîfa, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, foi o primeiro a agrupar e classificar o ilm al-fiqh, compilando informações de cada ramo do conhecimento. Ele escreveu os livros **"Farâ'id"** e **"Shurût".** Existem inúmeros textos descrevendo seu grande conhecimento de Fiqh, sua extraordinária habilidade em **qiyâs,** e sua surpreendente supremacia em **zuhd, taqwâ, gentileza e retidão.** Ele tinha muitos discípulos, alguns dos quais se tornaram grandes mujtahids.

O Madhhab Hanafî espalhou-se amplamente no tempo do Império Otomano. Ele quase se tornou o Madhhab oficial do Estado. Hoje mais da metade dos muçulmanos do planeta e a maioria dos Ahl as-Sunna fazem o seu "ibadat" seguindo o Madhhab Hanafî. Aqui termi na a citação do livro "Kâmûs-ul a'lâm".

O livro intitulado **"Mîr'ât al-kâ'inât"** afirma:

Os antepassados de al-Imâm al-A'zam, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, vieram da província de Fâris, no Irã. Seu pai, Thâbit, tinha conhecido Imam 'Alî, radiy-Allâhu 'anh, em Kûfa, e Hadrat 'Alî tinha-o abençoado e aos seus descendentes. Al-Imâm al-A'zam foi um dos Tâbi'ûn mais exaltados e conheceu Anas ibn Mâlik, radiy-Allâhu 'anh, e três ou sete outros Sahâbat al-kirâm. Ele estudou hadîth sharîf com eles.

Um hadîth sharîf, que al-Imâm al-Hârizmî menciona de Abû Hurayra, radiy-Allâhu 'anh, através de um isnâd muttasil (uma rede inquebrável de transmissores), afirma: **"Na minha Umma aparecerá um homem que será chamado Abû Hanîfa. No Dia da Ressurrei-**

ção, esse homem será a luz da minha Umma”. Outro hadîth sharîf declara: **“Aparecerá um homem chamado Nu’mân ibn Thâbit, que se chamará Abû Hanîfa, que irá revitalizar o Dîn de Allâhu ta’âlâ e o meu Sunna”.** E outro declara**: “Em cada século, alguns dos meus Umma atingirão altos graus. Abû Hanîfa será o mais alto do seu tempo.”** Estes três hadîth são recolhidos nos livros “Mawdû’ât al-’ulûm” e “Durr al-mukhtâr”. E este hadîth sharîf também é bem conhecido**: “Na minha Umma aparecerá um homem chamado Abû Hanîfa. Há um sinal entre as suas omoplatas. Por meio dele, Allâhu ta’âlâ vai revitalizar o Seu Dîn (religião)”.**

[No prefácio de “Durr al-mukhtâr” está escrito: “Um hadîth sharîf declara: ‘Assim como o Profeta Âdam ‘alaihi-s-salâm estava orgulho so de mim**, também eu estou orgulhoso de um homem da minha Umma chamado Nu’mân que se chama Abû Hanîfa. Ele é a luz da minha Umma’**”. Outro hadîth sharîf declara**: “Os Profetas, ‘alaihimu-s-salâm, estão orgulhosos de mim. E eu estou orgulhoso de Abû Hanîfa. Aquele que o ama, terá me amado. Quem sentir hos tilidade por ele, terá sentido hostilidade por mim**.” Estes hadîths estão escritos também no livro intitulado “al-Muqaddima”, escrito pelo profundo ‘âlim Hadrat Abû-l-Laith as-Samarqandî, e em Taqadduma, que é um comentário ao primeiro. No prefácio do livro de Fiqh al-Muqaddima, de al-Ghaznawî, são citados hadîths que o elogiam. Em **“Diyâ’ al-ma’nawî”,** um comentário a ele, Qâdî Abî-l-Baqâ disse: “Abû’l-Faraj ‘Abd ar-Rahmân ibn al-Jawzî, baseado nas palavras de al-Khatîb al-Baghdâdî, disse que esses hadîths eram mawdû’. Mas esta observação dele é fanatismo, pois esses hadîths foram transmitidos por várias cadeias de transmissores.” Ibn ‘Âbidîn, em seu comentário a Durr al-mukhtâr, provou que esses hadîths não eram mawdû’ e citou o seguinte hadîth sharîf do livro al-Khayrât al-hisân, escrito por Ibn Hajar al-Makkî:**”O mundo será despojado de seu ornamento no ano 150 H**.” E ele continua**: “**O grande ‘âlim do Fiqh Shams al-a’imma ‘Abd al-Ghaffâr al-Kardarî (m. 562 H. [1166 d.C.]) disse**: ‘É evidente que este hadîth sharîf fala de al-Imâm al-A’zam Abû Hanîfa, porque ele morreu no ano 150 H.”**

Um hadîth sharîf mencionado por al-Bukhârî e Muslim diz: **"Se o îmân (a crença) fosse para o planeta Vênus, um homem de ascendência Fâris (persa) o traria de volta".** Imam as-Suyûtî, um 'âlim Shâfi'î, comentou: "Foi afirmado unanimemente que este hadîth sharîf fala de al-Imâm al-A'zam." Nu'mân 'Alûsî escreve no livro "Ghâliyya" que este hadîth sharîf fala de Abû Hanîfa e que o seu avô veio de uma família de Fâris. 'Allâma Yûsuf, um 'âlim Hanbalî, citou no seu livro intitulado "Tanwîr as-sahîfa" as palavras de Hâfiz 'Allâma Yûsuf ibn 'Abd al-Barr (n. 368/978 e m. 463/1071 em Shâtiba), Qadî (juiz) de Lisboa, Portugal, que disse: **"Não calunie Abû Hanîfa e não acredite naqueles que o caluniam! Juro por Allâhu ta'âlâ que não conheço uma pessoa que seja superior a ele, que tenha mais wara' ou que saiba mais do que ele; não acredite no que al-Khatîb al-Baghdadi disse!** Ele tinha antipatia pelos 'ulamâ. Ele caluniou Abû Hanîfa, o Imâm Ahmad e os discípulos deles". Os 'ulamâ do Islam refutaram al-Khatîb e o censuraram. O neto de Ibn al-jawzî, 'Allâma Yûsuf Shams ad-Dîn al-Baghdadi, escreveu em seu trabalho de quarenta volumes **"Mir'ât az-zamân"** que ele ficou surpreso ao saber que seu avô tinha seguido al-Khatîb. Imâm al-Ghazâlî, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, no seu **"Ihyâ",** elogia al-Imâm al-A'zam com palavras como ''âbid', 'zâhid' e 'al-'ârifu billâh'. Se os Sahâbat al-Kirâm e os 'ulamâ do Islam tinham opiniões diferentes, não era porque não aprovassem as palavras uns dos outros, tivessem más relações entre si ou não se apreciassem; os mujtahids, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaihim ajma'în, discordaram uns dos outros no ijtihâd por amor a Allâhu ta'âlâ e para servir o Islam."][1]

Um âlim sonhou com o Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam, e lhe perguntou: **"O que você tem a dizer sobre o conhecimento de Abû Hanîfa?"** Ele respondeu**: "Todos precisam do seu conhecimento.**" Outro âlim perguntou em seu sonho: **"O Rasûl-Allah! o que você diz sobre o conhecimento de Nu'mân ibn Thâbit que vive em Kûfa?**" Ele respondeu: "**Aprenda com ele e faça o que ele diz. Ele é uma pessoa muito boa"**. Imâm 'Alî, radiy-Allâhu 'anh, disse:

[1] No segundo fascículo da "Eterna Felicidade" explica-se **que um hadîth mawdû' não significa que, no 'ilm al-usûl al-hadîth', seja "falso ou inventado".**

“Deixe-me falar-lhe de uma pessoa chamada Abû Hanîfa que viverá em Kûfa. O seu coração vai estar cheio de conhecimento e hikmat. Quando o fim do mundo se aproximar, muitas pessoas morrerão por não o terem valorizado, tal como os xiitas morrerão por não terem valorizado Abû Bakr e ‘Umar, radiy-Allâhu ‘anhumâ.” O Imâm Muhammad al-Bâqir ibn Zayn al-’Âbidîn ‘Alî ibn Husain, rahmatullâhi ‘alaihim, (nascido em 57 H. em Madina, falecido em 113 H. e enterra do no santuário de Hadrat ‘Abbâs, radiy-Allâhu ‘anh, em Madina) olhou para Abû Hanîfa e disse: “Quando o número de pessoas que destroem a religião dos meus antepassados aumentar, você vai revitalizá-la. Serás o salvador daqueles que têm medo e o refúgio daqueles que estão confusos! Conduzirás os hereges ao caminho reto! Allâhu ta’âlâ vai ajudar-te!” Quando ele era jovem, al-Imâm al-A’zam, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, estudou ‘ilm al-kalâm e ma’rifat tornando-se muito competente. Depois de servir o Imâm Hammâd durante dezoito anos, ele chegou à maturidade. Quando o Imâm Hammad faleceu, ele tomou o seu lugar como mujtahid e mufti. O seu conhecimento e a sua superioridade tornaram-se conhecidos por toda parte. Sua virtude, inteligência, sagacidade, zuhd, taqwâ, confiabilidade, a prontidão de seu raciocínio, sua devoção ao Islam, sua correção e perfeição em todos os aspectos do ser humano, eram superiores a qualquer outro de seu tempo. Ele foi elogiado por todos mujtahids e por aqueles que o sucederam, bem como por pessoas nobres, incluindo os cristãos. Al-Imâm ash-Shâfi’î, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, disse: “Todos os homens do Fiqh são filhos de Abû Hanîfa.” E ele também disse em uma ocasi ão: “Eu recebo bênçãos (tabarruk) de [da alma de] Abû Hanîfa. Eu visito o seu túmulo todos os dias. Quando estou em dificuldade, vou ao seu túmulo e faço dois rak’ats (orações). Depois rogo a Allâhu ta’âlâ e Ele me dá o que eu desejo.” Al-Imâm ash-Shafi’î era um discí pulo de Imâm Muhammad[1]. E ele também disse: “Allâhu ta’âlâ me deu o conhecimento usando duas pessoas: eu aprendi o hadîth ash-sharîf de Sufyân ibn ‘Uyayna e o Fiqh de Muhammad ash-Shaybânî.” Em outra ocasião ele disse: “Na área do conhecimento religioso e

[1] Os dois principais alunos de Al-Imâm al-a’zam Abû Hanîfa foram Imâm Muhammad ash-Shaybânî e Imâm Abû Yûsuf, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihim.

assuntos mundanos, há uma pessoa a quem sou grato: o Imâm Muhammad." Mais uma vez, al-Imâm ash-Shâfi'î disse: "Com o que aprendi com o Imâm Muhammad escrevi uma carga de animal de livros. Se ele não tivesse sido meu professor, eu não teria adquirido nenhum conhecimento. Todos os homens de conhecimento são os filhos dos 'ulamâ do Iraque, que foram os discípulos dos 'ulamâ de Kûfa. E estes eram os discípulos de Abû Hanîfa."

Al-Imâm al-A'zam ganhou conhecimento de quatro mil pessoas.

Os 'ulamâ de cada século têm escrito muitos livros falando da grandeza de al-Imâm al-A'zam.

No Madhhab Hanafî foram resolvidos quinhentos mil problemas religiosos, e todos eles foram respondidos.

Al-Hâfiz al-kabîr Abû Bakr Ahmad al-Hârizmî escreveu em seu livro 'Musnad': "Sayf al-a'imma relata que quando al-Imâm al-A'zam Abû Hanîfa deduzia uma questão do Alcorão al-karîm e dos hadîth-i sharîfs, ele a propunha aos seus mestres e não dava a resposta ao questionador até que todos eles a confirmassem." Quando ele ensi nava na mesquita da cidade de Kûfa, mil de seus discípulos frequenta vam todas as suas aulas. Quarenta deles eram mujtahids. Quando ele encontrava a resposta a uma certa pergunta, ele a apresentava aos seus discípulos. Eles a estudavam juntos e, quando todos concordavam que estava de acordo com o Alcorão al-Karîm, o Hadîth-i-sharîf e as pala vras do sahabat al-Kirâm, ele ficaria encantado e diria: "**Al-hamdu li'llâh wa'llâhu akbar**" enquanto todos os presentes repetiam as suas palavras. E depois ele pedia-lhes para o porem por escrito.

No livro intitulado **"Radd al-Wahhâbi"**[1] está escrito: "Para ser um mujtahid é preciso primeiro ser um especialista na língua árabe e nas ciências linguísticas como awdâ', sahîh, marwî, mutawâtir; as formas de radd; o vocabulário mawdû'; as formas fasîh, radî e mazmûn; mufrad, shâdh, nâdir, musta'mal, muhmal, mu'rab, ma'rifat, ishtiqaq, haqîqa, majâz, mushtarak, izdâd, mutlaq, muqayyad, ibdâl e qalb. Então é preciso ser um especialista em sarf, nahw, ma'ânî, bayân, badî', balâghât, 'ilm al usûl al-fiqh, 'ilm al-usûl

[1] Publicado pela primeira vez na Índia em 1264 H. (1848 d.C.); reimpresso em persa em Istambul em 1401 H. (1981 d.C.)

al-hadîth, ‘ilm al-usûl at-tafsîr, e ter memorizado as palavras dos imâms de jarh e ta’dîl. Para ser um faqîh é necessário, além de tudo o que foi dito acima, conhecer os textos-prova de cada questão e estudar o significado, o murâd e o ta’wîl dos textos-prova. Para ser um muhaddith, isto é, um ‘âlim do hadîth, é necessário apenas memorizar os hadîths tal como foram ouvidos; não é obrigatório conhecer os signifi cados, os murâds e os ta’wîls, nem compreender os textos-prova das regras do Islam. Se um faqîh e um muhaddith discordam sobre um hadîth sharîf, ─que um diz, por exemplo, que é sahîh e o outro diz que é da’îf─ a posição do faqîh é a válida. Consequentemente, a posição ou decisão de al-Imâm al-A’zam é mais valiosa do que todas as outras porque ele foi o primeiro mujtahid e o faqîh mais alto porque ouviu muitos hadîths diretamente dos Sahâbat al-kirâm, sem qualquer intermediário. Um hadîth sharîf que foi considerado sahîh por este sublime imâm foi considerado como tal por todos os ‘ulamâ do Islam. Um muhaddith não pode ter a mesma categoria que um faqîh e nunca pode atingir a categoria de um Imâm al-madhhab.

‘Abdul Haqq ad-Dahlawî, um muhaddith (‘âlim do hadîth), escreveu em seu livro “**Sirât-i Mustaqim**”: “Alguns hadîths que al-Imâm ash-Shâfi’î tomou como documentos não foram tomados como tal por al-Imâm al-A’zam Abu Hanîfa. Vendo isto, os lâ-madhhabî usaram-no como uma oportunidade para desprestigiar al-Imâm al-A’zam, alegando que Abû Hanîfa não tinha seguido o Hadîth sharîf. Contudo, ao documentar o assunto, Hadrat al-Imâm al-A’zam Abû Hanîfa tinha encontrado e adotado outros hadîths que eram mais sahîh e mais confiáveis.”

Um hadîth sharîf declara: “**Os mais benéficos da minha Umma são os que vivem no meu tempo. Os próximos mais benéficos serão os que os sucederem. E os próximos mais benéficos serão aqueles que vierem depois deles**”. Este hadîth sharîf demonstra que os Tâbi’ûn foram mais benéficos que os Taba’ at-Tâbi’în. Todos os ‘ulamâ do Islam concordam que al-Imâm al-A’zam Abû Hanîfa viu alguns dos Sahâbat al-kirâm, ouviu deles hadîths e, consequentemente, era um dos Tâbi’ûn. Por exemplo, al-Imâm al-A’zam ouviu de ‘Abdullah ibn ‘Awfâ, que era um Sahâbî, o hadîth: “A pessoa que

constrói uma mesquita por amor a Allâhu ta'âlâ receberá uma mansão no Paraíso." Jalâl ad-Dîn as-Suyûtî, um 'âlim Shâfi'î, escreveu em seu livro "Tabyîd as-sahîfa" que al-Imâm 'Abdul Karîm, um dos 'ula mâ Shâfi'îs, escreveu um livro inteiro descrevendo os Sahâbîs que al-Imâm al-A'zam tinha visto. Em "**Durr al-mukhtâr**" está escrito que al-Imâm al-A'zam conheceu sete Sahâbî. Entre os quatro a'imat al-madhâhib, apenas al-Imâm al-A'zam teve a honra de ser um dos Tâbi'ûn. Em 'ilm al-usul é a regra que a transmissão daqueles que admitem algo é preferível à daqueles que o negam. É evidente que al-Imâm al-A'zam Abû Hanîfa, sendo um dos Tâbi'ûn, é o mais exaltado a'imat al-madhâhib. Quando os Lâmadhabi negam a supremacia de al-Imam al-A'zam ou tentam difamar este sublime Imâm dizendo que o seu conhecimento do hadîth era defeituoso, estão a fazer o mesmo que quando negam a supremacia de Hadrat Abû Bakr e Hadrat 'Umar, radiy-Allâhu 'anhumâ. Esta negação perversa não é um tipo de doença que possa ser curada por admoestação ou bons conselhos. Que Allâhu ta'âlâ os cure do seu mal! O Khalîfa dos muçulmanos 'Umar, radiy-Allâhu 'anh, disse durante um khutba: "Ó muçulmanos! Digo-vos agora a mesma coisa que o Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam, nos disse no seu khutba: "**As pessoas mais benéficas são os meus Sahâba. Os mais benéficos depois deles são os seus sucessores. E os próximos mais benéficos são aqueles que virão depois destes. Entre aqueles que vierem depois destes, haverá mentirosos**". Os quatro Madhhabs que os muçulmanos têm seguido e imitado até os nossos dias, são os Madhhabs daquelas pessoas cuja bondade foi confirmada por Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam. O 'ulamâ do Islam declara unanimemente que não é permitido seguir um Madh hab que não seja um desses quatro Madhhabs.

Ibn Nujaim al-Misrî, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, autor do livro "Bahr ar-râ'iq", escreveu em seu texto Ashbâh: "Hadrat al-Imâm ash-Shâfi'î disse que quem quisesse ser um especialista na ciência do Fiqh deveria ler os livros de Abû Hanîfa." Abdullah Ibn Mubârak disse: "Na ciência da Fiqh, não vi nenhum outro estudioso que saiba tanto como Abû Hanîfa. O grande 'âlim Mis'ar costumava ajoelhar-se perante Abû Hanîfa e aprender o que ele não sabia, fazendo-lhe pergun-

tas. Eu estudei com mil ‘ulamâ, mas se eu não tivesse conhecido Abû Hanîfa, eu teria ficado preso na lama da filosofia grega”. Abû Yûsuf disse: “Na ciência dos hadîth eu não conheci ninguém tão sábio como Abû Hanîfa. Não há outro ‘âlim que possa explicar os hadîths tão competentemente como ele fez.” O grande ‘âlim e mujtahid Sufyân az-Zawrî disse: “Comparados com Abû Hanîfa, nós éramos como pardais diante de um falcão. Abû Hanîfa é o líder dos ‘ulamâ.” Alî ibn Âsim disse: “Se o conhecimento de Abû Hanîfa fosse comparado com o conhecimento total de todos os ‘ulamâ que eram seus contemporâneos, o conhecimento de Abû Hanîfa provaria ser superior. Yazid ibn Hârûn disse: “Eu estudei com mil ‘ulamâ. Entre eles eu não conhecia nenhum que tivesse tanto wara’ como Abû Hanîfa tinha ou que fosse tão sábio quanto ele, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih.” Muhammad ibn Yûsuf ash-Shâfi’î, um dos ‘ulamâ de Damasco, elogia muito al-Imâm al-A’zam Abû Hanîfa, explica em detalhe a sua supremacia e diz que ele é o líder de todos os mujtahids no seu livro “Uqûd al-jamân fî manâqibi-n-Nu’mân”. Al-Imâm al-A’zam Abû Hanîfa disse: “Acima de tudo, nós valorizamos e amamos os hadîth de Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam. Procuramos as palavras do Sahâba al-kirâm, escolhemo-las e incorporamo-las. Quanto às palavras do Tabi’un, elas são como as nossas próprias palavras. Aqui termina a tradução do livro “**Radd-i Wahhabi**”. Este livro foi publicado na Índia e em Istambul nos anos 1264 H. [1848 d.C.] e 1401 H. [1981 d.C.], respectivamente.

No livro “**Sayf-ul-muqallidîn ‘alâ a’nâk-il-munkirîn**”, Mawlânâ Muhammad ‘Abd al-Jalîl escreveu em persa: “O lâ-madhhabî diz que Abû Hanîfa era deficiente na ciência dos Hadîth. Esta afirmação mostra que eles são ignorantes ou ciumentos. Al-Imâm az-Zahabî e Ibn Hajar al-Makkî dizem que al-Imâm al-A’zam era um estudioso dos hadîth. Ele aprendeu Hadîth com quatro mil ‘ulamâ. Trezentos deles eram Tâbi’ûn e estudiosos dos Hadîth. Al-Imâm ash-Sha’rânî diz no primeiro volume de “**al-Mîzân**”: ‘Eu estudei três dos musnads de al-Imâm al-A’zam. Todos eles transmitem informações dos ‘ulamâ mais conhecidos dos Tâbi’ûn.’ A hostilidade sentida pelo Lâ madhha bi contra o Salaf as-sâlihîn e os seus ciúmes dos Imâm mujtahid, especialmente do seu líder al-Imâm al-Muslimîn Abû Hanîfa, deve ter

obscurecido a sua percepção e consciência ao ponto de negar a beleza e supremacia destes estudiosos islâmicos. Eles não suportam o fato de que pessoas piedosas tenham o que eles não têm. É por isso que eles negam a superioridade dos imâms do Islam e, assim, caem no shirk (politeísmo) do ciúme. No livro "**Hadâ'iq**" está escrito: 'Quando al-Imâm al-A'zam Abû Hanîfa memorizou hadîth ele os colocou por escrito. Os livros de Hadîth que ele tinha escrito, ele guardava em caixas de madeira, levando alguns com ele para onde quer que fosse. Só porque ele mencionou alguns hadîth não significa que a quantidade que ele tinha memorizado era pequena. Isso só pode ser dito por inimigos fanáticos do Islam. Este fanatismo deles demonstra a perfeição de al-Imâm al-A'zam; quando os incapazes caluniam os sábios, a perfeição destes últimos é demonstrada.' Estabelecer um grande Madhhab, respondendo a centenas de milhares de perguntas e documentando-as com âyats e hadîths, não poderia ter sido feito por uma pessoa que não fosse profundamente especializada nas ciências do Tafsîr e do Hadîth. De fato, ter criado um Madhhab único sem qualquer exemplo ou modelo anterior, é prova mais do que suficiente da erudição de al-Imâm al-A'zam nas ciências do tafsîr e do Hadîth. Trabalhando com energia inesgotável e tendo que criar seu Madhhab, ele não teve tempo para citar os hadîth ou mencionar seus transmisso res um por um; mas isso não pode ser motivo para denegrir aquele imâm elevado movido pelo ciúme ou para caluniá-lo dizendo que ele era deficiente na ciência dos hadîth. É um fato bem conhecido que o **riwâyat** (transmissão) sem dirâya (habilidade, talento) não vale nada. A título de exemplo, Ibn 'Abd al-Barr disse: 'Se o riwâyat sem dirâya tivesse algum valor, um varredor citando um hadîth seria superior à inteligência de Luqmân.'

Embora Ibn Hajar al-Makkî seja um dos 'ulamâ de Madhhab Shâfi'î, ele escreveu em seu livro "**Qalâ'id**": 'A'mash, o grande estudioso dos hadîth, fez muitas perguntas a al-Imâm al-A'zam Abû Hanîfa. Al-Imâm al-A'zam respondeu a todas as perguntas, citando Hadîth. Depois de ver o profundo conhecimento de al-Imâm al-A'zam, A'mash disse: "Ó vós, 'ulamâ do Fiqh! Vós sois como médicos especialistas, e nós, 'ulamâ do Hadîth, somos como farmacêuti-

cos. Nós citamos hadîths e seus transmissores, mas vocês são os que entendem o significado deles."'

No livro "**Uqûd al-jawâhiri-l-munîfa"** está escrito: 'Ubaydullah ibn 'Amr estava com A'mash, o grande 'âlim do hadîth, quando alguém chegou e fez uma pergunta. Enquanto A'mash pensava na resposta, al-Imâm al-A'zam juntou-se ao grupo. A'mash repetiu a pergunta ao Imâm e pediu-lhe uma resposta. Al-Imâm al-A'zam respondeu imediatamente com todo o tipo de detalhes. Admirado com a resposta, A'mash disse: "Ó Imâm! De qual hadîth você tirou isso?" Al-Imâm al-A'zam citou o hadîth ash-sharîf do qual havia tirado a resposta e acrescentou: "Eu o ouvi de você."' Al-Imâm al-Bukhârî sabia de memória trezentos mil hadîths. Em seus livros ele registrou apenas doze mil deles, porque temia muito a ameaça do hadîth ash-sharîf: "Se uma pessoa citar, em nome de hadîth, o que eu não disse, ela será atormentada muito duramente no Inferno." Tendo muito wara' e taqwâ, al-Imâm al-A'zam impôs condições muito exigentes para a transmissão de hadîths, e só mencionou aqueles que cumpriam essas condições. Alguns 'ulamâ do Hadîth transmitiram muitos hadîths porque o seu método era mais amplo e as suas condições menos exigentes. Os 'ulamâ do Hadîth nunca menosprezaram uns aos outros por causa de condições diferentes. Se não fosse assim, o Imâm Muslim teria dito algo que ofendesse al-Imâm al-Bukhârî, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaihimâ. Que devido à sua prudência e taqwâ al-Imâm al-A'zam Abû Hanîfa só transmitiu alguns hadîth, só pode ser um bom motivo para elogiá-lo e exaltá-lo."[1].

O livro **"Mir'ât al-kâ'inât"** continua: "Al-Imâm al-A'zam Abû Hanîfa, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, rezava a oração da manhã todos os dias na mesquita e depois respondia às perguntas dos seus discípulos até o meio-dia. Depois da oração do meio-dia, ele ensinava novamen te aos seus discípulos até a oração da noite. Depois voltava para casa e, após um breve descanso, voltava para a mesquita, onde fazia atos de adoração até a oração da manhã. Isto foi transmitido por Mis'ar ibn Kadâm al-Kûfî, um dos Salaf as-sâlihîn, que morreu no ano 115 H. [733 d.C.], e muitas outras pessoas de prestígio.

[1] Sayf al-muqallidîn 'alâ a'nâqi-l-munkirîn

Ele ganhou a vida de uma forma halal através do comércio. Ele enviou bens para outros lugares e com o que ganhou ele atendeu as necessidades de seus discípulos. Ele gastava muito com a sua casa e dava uma quantia igual aos pobres como esmola. Além disso, todas as sextas-feiras ele distribuía aos pobres vinte moedas de ouro para rezar pelas almas de seu pai e de sua mãe. Embora vivesse a uma distância de sete ruas, nunca esticou as pernas para a casa do seu mestre Hammâd, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih. Numa ocasião, ao saber que um dos seus sócios tinha vendido um grande número de artigos que não estavam em conformidade com o Islam, distribuiu entre os pobres os noventa mil aqchas que tinha ganho sem guardar uma única moeda. Quando alguns bandidos atacaram algumas aldeias fora de Kûfa e roubaram um certo número de ovelhas, ele temia que essas ovelhas roubadas fossem abatidas e vendidas na cidade, e por isso ficou sete anos sem comer carne de carneiro, pois sabia que uma ovelha vive no máximo sete anos. Ele evitava o harâm até esse ponto. Ele obedecia ao Islam em todas as suas ações.

Durante quarenta anos al-Imâm al-A'zam, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, rezou a oração da aurora com a ablução que tinha feito para a oração da noite [ele não dormiu depois da oração da noite]. Ele fez o hajj cinquenta e cinco vezes. Quando ele fez a última peregrinação, entrou na Ka'ba, fez uma oração de dois rak'ats e recitou o Alcorão inteiro enquanto o fazia. Depois, chorando, ele implorou: **"Ó meu Allâhu ta'âlâ! Não tenho sido capaz de te adorar da maneira que mereces. Contudo, compreendi muito bem que Tu não podes ser compreendido pelo intelecto. Por esta compreensão peço-Te que perdoes as minhas falhas em servir-Te!**" Naquele momento uma voz foi ouvida dizendo: **"O Abâ Hanîfa! Você Me conheceu muito bem e Me serviu magnificamente. Eu perdoei você e os muçulmanos que estiverem no seu Madhhab e o seguirem até o fim do mundo"**.

Ele recitava o Alcorão al-karîm inteiro, do começo ao fim, uma vez a cada dia e uma vez a cada noite. Al-Imâm al-A'zam teve tal grau de taqwâ que durante trinta anos jejuou todos os dias [exceto os cinco dias do ano em que o jejum é harâm]. Ele costumava recitar o Alcorão

al-karîm em um ou dois rak'ats. E às vezes, quando ele fazia namâz, ou mesmo sem fazê-lo, recitava repetidas vezes um âyat (um versículo do Alcorão al-karîm) que falava do Paraíso e do Inferno enquanto soluçava e lamentava[1]. Aqueles que o ouviram, tiveram pena dele. No Ummah de Muhammad, sallallâhu 'alaihi wa sallam, recitar todo o Alcorão al-karîm num único rak'at do namâz foi algo que apenas 'Uthmân ibn 'Affân, Tamîm ad-Dârî, Sa'îd ibn Jubair e al-Imâm al-A'zam Abû Hanîfa fizeram. Ele nunca aceitou presentes de ninguém. Ele usava o mesmo tipo de roupa que os pobres usavam. No entanto, em certas ocasiões, para mostrar o favor de Allâhu ta'âlâ, ele usava roupas muito valiosas. Ele fez o hajj cinquenta e cinco vezes e perma neceu em Makka por vários anos. Somente no local onde sua alma foi tomada [na prisão], ele havia recitado o Alcorão inteiro sete mil vezes. Ele disse: "Eu só ri uma vez na minha vida, e sinto muito por ter feito isso." Ele falava pouco e pensava muito. Ele falou com os seus discípulos sobre assuntos religiosos. Uma noite, quando ele estava saindo da mesquita logo depois de fazer a oração da noite com jamâ'at, ele começou uma conversa com seu discípulo Zufar para discutir um certo assunto. Um dos seus pés estava dentro da mesquita e o outro estava fora. A conversa continuou até o adhân (chamado) da oração da manhã. Depois, sem dar o outro passo para fora, voltou à mesquita para a oração da manhã. Como 'Alî, radiy-Allâhu 'anh, tinha dito 'é permitido ter renda pessoal de até quatro mil dirhams', ele distribuiu entre os pobres qualquer coisa que superasse essa quantidade.

O Khalîfa Mansûr tinha um grande apreço pelo Imâm. Ele queria dar-lhe dez mil aqchas e um jâriya (escrava mulher). O Imâm recusou-se a aceitá-los. Naquela época uma aqcha tinha o mesmo valor que um dirham de prata. No ano de 145 H., Ibrâhîm ibn 'Abdullah ibn Hasan ibn 'Alî estava contratando homens para ajudar seu irmão Muhammad, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaihim ajma'în, que se proclamara Khalîfa em al-Madina al-Munawwara. Quando chegou a Kûfa, come çou a espalhar-se o rumor de que Abû Hanîfa o estava a ajudar. Quan

[1] No Madhhab Hanafî, quando no namâz se chora por amor a Allâhu ta'âlâ, o namâz não é invalidado.

do Mansur soube disto, mandou levar o Imâm de Kûfa para Bagdad. Ele pediu-lhe para dizer a todos que o Mansur era o verdadeiro Khalî fa. Em troca, ele ofereceu-lhe a presidência do Supremo Tribunal de Apelação. Mansur insistiu uma e outra vez, mas o Imâm não aceitou. Mansûr mandou prendê-lo e dar-lhe trinta pauladas. Os seus pés aben çoados sangraram. Mansur arrependeu-se e enviou-lhe trinta mil aqcha, que foram novamente rejeitadas. Ele foi preso novamente e recebeu dez pauladas a mais a cada dia seguinte. [Segundo alguns relatos] no décimo primeiro dia, e por medo de que o povo se rebelas se, ele foi forçado a deitar-se de costas e derramaram em sua boca um sherbet envenenado (uma bebida doce feita de frutas). Quando ele estava prestes a morrer, o próprio Imâm prostrou-se (sajda). O namâz de janâza (oração fúnebre) foi feito para ele por cerca de cinquenta mil pessoas[1]. Como a multidão era tão grande, o namâz foi feito com dificuldade e só terminou na hora da oração da tarde (‘asr). Durante vinte dias muitas pessoas visitaram o seu túmulo fazendo o namâz de janâza para ele.

Abû Hanîfa tinha setecentos e trinta discípulos. Todos eram bem conhecidos por sua virtude e ações piedosas. Muitos tornaram-se qâdî ou mufti. Seu filho Hammâd, rahmatullâhi ta’âlâ alaih, foi um de seus discípulos mais notáveis. Aqui terminam as citações do livro “**Mir’ât-ul-kâinât**”.

Eles têm sido líderes na orientação do Ahl-i Dîn, rahmatullâhi ‘alaihim ajma’în.

Havia algumas discordâncias entre al-Imâm al-A’zam e seus discípulos nos ensinamentos a serem obtidos através de ijtihâd. O seguinte hadîth ash-sharîf afirma que estas discrepâncias eram benéficas: **“As discrepâncias (sobre amel ou seja as práticas) no meu Ummah são compaixão [de Allâhu ta’âlâ].”.** Al-Imâm al-A’zam tinha muito medo de Allâhu ta’âlâ e foi muito cuidadoso em seguir o Alcorão al-karîm. Ele disse aos seus discípulos: “Se vocês encontrarem um documento (sanad) contrário às minhas palavras em um assunto, deixem as minhas palavras e sigam esse documento.” Todos os seus discípulos juraram: **“Mesmo quando as nossas palavras diferi-**

[1] Veja o capítulo 15 do quinto fascículo de “Eterna Felicidade”.

am das suas, elas eram sem dúvida baseadas numa prova (dalîl, sanad) que ouvimos dele".

Os Muftis Hanafis têm de emitir fatwas que concordam com o que al-Imam al-A'zam disse. Se não encontrarem as suas palavras sobre o assunto, devem seguir o Imâm Abu Yusuf. Depois dele, o que deve ser seguido é o Imâm Muhammad. Se as palavras do Imâm Abu Yûsuf e as do Imâm Muhammad estão de um lado, e do outro estão as de al-Imâm al-A'zam, um mufti pode emitir uma fatwa baseada em qual quer um dos lados. Quando há darûra (uma situação que não pode ser evitada), ele pode emitir uma fatwa que concorda com as palavras do mujtahid que mostrou o caminho mais fácil. Ele não pode emitir uma fatwa que não se baseie nas palavras de nenhum dos mujtahids; tal coisa não pode ser chamada de fatwa[1].

[1] 'Fatwâ' significa um veredicto conclusivo que um 'âlim autorizado dá ao responder a perguntas de muçulmanos sobre assuntos religiosos onde eles não sabem como agir. As fontes que apoiam este veredicto devem estar ligadas ao fatwâ.

4 — O WAHHABISMO E SUA REFUTAÇÃO PELA AHL AS-SUNNA

Apesar de afirmarem ser muçulmanos, os Wahhâbis, também chamados de najdî, são um dos grupos que se separaram de Ahl as-Sunna.

Ahmed Cevdet Paşa, um político, e Eyyûb Sabrî Paşa [m. 1308 H. (1890 d.C.)], contra-almirante na época do 34º sultão otomano ‘Abd al-Hamîd Khân II (1258-1336 H. [1842-1918 d.C.], enterrado no mausoléu do sultão Mahmûd em Istambul), rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaihim, cada um escreveu um livro de história no qual eles explicaram o wahhabismo em detalhes[1]. O que se segue é principalmente do livro do segundo autor que traduziu as informações fornecidas por Ahmad Zaynî Dahlân[2] no livro intitulado “Fitnat al-Wahhâbiyya”. Ele faleceu em 1308 H. [1890 d.C.].

O Wahhabismo foi estabelecido por Muhammad ibn ‘Abd al-Wahhâb. Ele nasceu em Huraymila, Najd, no ano 1111 H. [1699 d.C.] e morreu no ano 1206 H. [1791 d.C.]. No início ele tinha estado em Basra, Bagdá, Irã, Índia e Damasco, impulsionado por seu interesse em viagens e comércio. Foi em Basra que, em 1125 H. [1713 d.C.], ele caiu na armadilha montada por Hempher, que era apenas um dos numerosos espiões britânicos, e serviu de instrumento aos planos britânicos (para destruir o Islam). Ibn ‘Abd al-Wahhâb publicou as ideias absurdas fabricadas por este espião em nome do Wahhâbismo. O nosso livro “Confissões de um Espião Britânico” fornece informações detalhadas sobre o estabelecimento do Wahhâbismo. Nessa cidade, Muhammad ibn ‘Abd al-Wahhâb encontrou e leu livros escritos por Ahmad ibn Taymiyya de Harrân (661-728 H. [1263-1328 d.C.], que morreu em Damasco), cujo conteúdo não é compatível com Ahl as-Sunna. Sendo uma pessoa muito astuta, ficou conhecido como

[1] Do primeiro autor, o sétimo volume dos 12 volumes do seu livro ‘Târîkh-i Oth **mânî’ e** do segundo o terceiro volume do seu livro de 5 volumes ‘Mir’ât al-Haramain’ (p. 99. Turco, Biblioteca do Süleymâniyye).

[2] Ahmad Dahlân, rahmatullâhi ’alaih, (1231 H. [1816], Makka-1304 H. [1886], Madina), Mufti de Makka.

ash-Shaikh an-Najdî. O seu livro intitulado "**Kitâb at-Tawhîd**"[1], que tinha preparado em colaboração com espiões britânicos, foi comentado pelo seu neto 'Abd ar-Rahmân, e depois alterado e publicado no Egito sob o título "Fath al-Majîd" por um Wahhâbi chamado Muham mad Hamîd. As ideias de Muhammad ibn 'Abd al-Wahhâb permeavam as povoações, os habitantes de Dar'iyya e o seu chefe Muhammad ibn Sa'ûd. Aqueles que aceitaram suas ideias, às quais ele deu o nome de wahhâbiyya, são chamados de wahhâbi ou najdî. Seu número cresceu e ele se proclamou qâdî ao nomear Muhammad ibn Sa'ûd amîr (governante). Ele estabeleceu como lei que só os seus descendentes poderiam substituí-los.

O pai de Muhammad, Abd al-Wahhâb, que era um muçulmano piedoso e um alim de Madina, entendeu pelas palavras de Ibn 'Abd al-Wahhâb que ele iria iniciar um movimento anormal e aconselhou a todos a não falarem com o seu filho. Mas este último proclamou o Wahhâbismo no ano 1150 H. [1737 d.C.]. Ibn 'Abd al-Wahhâb falou mal dos ijtihâds dos 'ulamâ do Islam. Ele chegou ao ponto de chamar os Ahl Sunna de "incrédulos". Ele disse que quem quer que tenha visitado o túmulo de um Profeta ou o de um wali e se dirigiu a ele dizendo "Yâ Nabî-Allâh!" (Ó Profeta de Allah) ou "Yâ 'Abd al-Qâdir!" tornar-se-ia um mushrik (politeísta).

O ponto de vista Wahhâbi afirma que quem diz que algo, ou alguém, que não seja Allâhu ta'âlâ, fez algo, torna-se um politeísta, um descrente. Aquele que diz, por exemplo, "Tal remédio aliviou a dor" ou "Allâhu ta'âlâ aceitou minhas orações junto ao túmulo de tal Profeta ou de tal walî", e coisas semelhantes, torna-se um politeísta. Para provar estas ideias ele apresenta como prova conclusiva o 'Ayat al-Karîma "**Iyyâka nasta'în**" (Só em Ti procuramos ajuda) da Sûrat al-Fâtiha e os âyats que falam de tawakkul[2].

[1] O 'ulamâ de Makka escreveu respostas preciosas ao "**Kitâb at-Tawhîd"** e refutou-o com documentos fortes em 1221 H. O compêndio das suas refutações, intitulado "Sayf al-Jabbâr", que foi publicado no Paquistão, foi reproduzido em Istambul em 1395 H. [1975 d.C.].

[2] O significado correto destes ayats, de acordo com o 'ulamâ do Ahl as-Sunna, juntamente com as questões relacionadas com tawhîd e tawakkul, estão escritas em detalhe em "**Eterna Felicidade",** terceiro fascículo, capítulo 35. Aqueles que conhecem o significado correto de "tawhîd" são os primeiros a saber que os wah-

O livro intitulado "**Al-Usûl-ul-arba'a fî-tardîd-il-wahhâbiyya**", diz em persa, no final da segunda parte:

"Os Wahhâbis e os outros lâ-madhhabîs (sem madhhab) não conseguem entender o significado de **majâz**[1] e isti'âra (metáfora). Sempre que alguém diz que fez algo, chamam-lhe politeísta ou descrente, embora a sua expressão seja um majâz. No entanto, Allâhu ta'âlâ declara em muitos âyats do Alcorão al karîm que Ele é o verdadeiro Criador de cada ato e que o homem é o fazedor mejâzî. No âyat 57 do Sûra al-An'âm e no Sûra Yûsuf Ele diz: "O julgamento (hukm) pertence apenas a Allâhu ta'âlâ", ou seja, Allâhu ta'âlâ é o único Juiz (Hâkim). No âyat 65 do Sûra an-Nisâ', Ele diz: "**Eles não acreditarão até que aceitem você** (o Profeta) **como árbitro** (yuhakkimûnaka) em tudo o que for disputado entre eles". O primeiro âyat declara que Allâhu ta'âlâ é o único verdadeiro Hâkim, e o segundo declara que o homem pode ser qualificado como hâkim de uma forma metafórica".

"Todo muçulmano sabe que Allâhu ta'âlâ é Aquele que dá e tira a vida, pois Ele declara: "**Ele dá a vida e dá a morte e a Ele retornareis**" no âyat 56 da Sûra Yûnus, e "**Allâhu ta'âlâ tira as almas quando a morte vem a eles**" no âyat 42 da Sûra az-Zumar. No âyat 11 da Sûra as-Sajda, Ele diz como majâz: "O anjo que foi encarregado de tirar a vida tira as vossas vidas". [No âyat 30 da Sûra al-Mâ'ida, Ele diz: "O filho de Âdam, 'alaihis-salâm, matou o seu irmão". Este âyat karîma deixa os Wahhâbis em desgraça.]

"Allâhu ta'âlâ é Aquele que cura os doentes, como declara o âyat 80 da Sûra ash-Shu'arâ: **"E quando eu estou doente, só Ele me cura"**. Ele cita o Profeta 'Îsâ (Jesus), 'alaihis-salâm, que no âyat 49

---

hâbis, que se consideram muwahhid (que acreditam em tawhîd), não são realmente muwahhid.

[1] **Majâz** é o uso de uma palavra não baseada no seu significado habitual ou literal, mas num sentido que está ligado ao seu significado. Quando uma palavra reservada a Allâhu ta'âlâ é usada pelos seres humanos num sentido majâzî (figurativo, simbóli co), os Wahhâbis tomam-na no seu sentido literal e chamam aquele que a usa simbolicamente de politeísta e descrente; não estão conscientes de que tais palavras são usadas, para os homens, em sentidos simbólicos no Alcorão al-karîm e no Hadîth ash-sharîf.

da Sûra Âl-i ‘Imrân diz: **“E eu curo o cego e o baras**[1]**, e vou dar vida aos mortos com a permissão de Allâhu ta’âlâ**.” Aquele que dá um filho ao homem é Ele; no âyat 19 da Sûra Mariam [o arcanjo] Jabrâ’îl, ‘alaihis-salâm, declara com palavras majâzî: “**Eu te darei um filho puro**”.

“**O verdadeiro dono do ser humano é Allâhu ta’âlâ**. âyat 257 do Sûra al-Baqara diz claramente: **“Allâhu ta’âlâ é o Walî (Protetor, Guardião) dos que acreditam”**. E ao dizer “Allâhu ta’âlâ e Seu Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, são vossos walîs” e “**O Profeta protege os crentes mais do que eles se protegem”** nos âyats 55 da Sûra al-Mâ’ida e nos 6 da Sûra al-Ahzâb, Ele declara que o homem também, embora de uma forma simbólica, é um walî. Da mesma forma, o verdadeiro Ajudante é Allâhu ta’âlâ, embora Ele também chame os homens de “**mu’în**” (ajudante) de uma forma metafórica. Ele diz no âyat 2 da Sûra al-Mâ’ida**: “Ajudai-vos uns aos outros no bem e na taqwâ (piedade).”** Os Wahhabis usam a palavra ‘mushrik’ (politeísta) para descrever muçulmanos que chamam a uma pessoa ‘abd (escravo) de alguém que não seja Allâhu ta’âlâ, como ‘Abd an-Nabî’ ou ‘Abd ar-Rasûl’; no entanto, no âyat 32 do Sûra an-Nûr, está escrito: “Casai as vossas mulheres solteiras e os devotos dentre os vossos escravos e escravas”. O verdadeiro Rabb (Aquele que educa) dos seres humanos é Allâhu ta’âlâ, mas outra pessoa também pode ser metaforicamente chamada de ‘rabb’; no âyat 42 do Sûra Yûsuf diz: **“Fala de mim ao teu senhor”.**

“‘Istighâtha’ é aquilo a que os Wahhâbis mais se opõem: é ‘pedir ajuda ou proteção a alguém que não seja Allâhu ta’âlâ’, algo que eles dizem ser politeísmo. Mas a verdade é que todos os muçulmanos sabem com certeza que o verdadeiro istighâza só vem de Allâhu ta’âlâ. No entanto, é admissível dizer metaforicamente que se pode fazer istighâtha a outra pessoa, uma vez que, como se afirma no âyat 15 do Sûra al-Qasas: “O povo de sua tribo fez-lhe istighâtha (pediu-lhe ajuda) contra o inimigo”. Um hadîth sharîf diz: “Eles farão istighâtha a Âdam, ‘alaihis-salâm, no lugar do Mahshar (a Grande Reuni-

[1] Pessoa com uma doença de pele com brancura total, albina, ou brancura parcial, vitiligo.

ão)". Um hadîth sharîf mencionado em "al-Hisn al-hasîn", diz: "Quem precisar de ajuda deve dizer: 'Ó escravos de Allâhu ta'âlâ! Ajudem-me!'" Este hadîth sharîf ordenou-nos que pedíssemos ajuda a alguém que não é próximo de nós. Aqui termina a tradução do livro "**Al-Usûl-ul-arba'a**"[1].

[Cada palavra tem um certo significado que é chamado de "significado real". A palavra será chamada "majâz" quando não for usada no seu verdadeiro significado, mas em outro com o qual possa ser conectada. Quando uma palavra reservada para Allâhu ta'âlâ é usada pelos humanos num sentido majâz, os Wahhâbis tomam-na no seu sentido literal e chamam de mushrik ou kâfir aquele que a usa simbolicamente. Mas eles devem ter em mente que, no caso dos humanos, essas palavras são usadas como majâz nos âyats e hadîth sharîfs.]

Pedir shafâ'at (intercessão) e ajuda ao Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam, e aos awliyâ', não significa afastar-se de Allâhu ta'âlâ ou esquecer que Ele é o Criador. É como esperar a chuva que vem d'Ele através da causa, ou dos meios (wâsita) das nuvens; esperar a cura que vem d'Ele tomando um remédio; esperar a vitória que vem d'Ele usando canhões, bombas, foguetes e aviões, esses são os meios. Allâhu ta'âlâ cria tudo usando meios. Confiar nesses meios não é shirk (politeísmo). Os Profetas, 'alaihim-us-salâm, sempre usaram meios. Assim como vamos à fonte para beber água, que Allâhu ta'âlâ criou, e à padaria para obter pão, que Ele também criou, ou fazemos armas e treinamos nossos soldados para que Allâhu ta'âlâ nos dê a vitória, também podemos dirigir nossos corações para a alma de um Profeta ou de um walî para que Allâhu ta'âlâ aceite nossos pedidos. Usar um rádio para ouvir os sons criados por Allâhu ta'âlâ por meio de ondas eletromagnéticas não implica esquecê-lo e recorrer a uma caixa, pois é Ele quem concede esta peculiaridade, este poder àquele dispositivo chamado rádio. Allâhu ta'âlâ escondeu a Sua Onipotência

[1] Al-Usûl al-arba'a fî tardîd al-Wahhâbiyya (em persa), no final da segunda parte, Índia, 1346 H. [1928 d.C.]; reprodução fotográfica, Istambul, 1395 H. (1975 d.C.). Este livro foi escrito por Muhammad Hasan Jân Sâhib, um dos netos do Hadrat Imâm Rabbânî, rahmatullâhi ta'âlâ alaihimâ. O autor também refuta os Wahhâbis e outros grupos Lâ-madhhabî em seu texto árabe **"Tarîq an-najât",** Índia, 1350 H. (com tradução urdu); reprodução fotográfica, Istambul, 1396 H. [1976 d.C.].

em tudo o que existe. Um politeísta adora ídolos, mas não pensa em Allâhu ta'âlâ. Quando o muçulmano usa meios e considera as causas, ele pensa em Allâhu ta'âlâ que dá peculiaridades e eficácia aos meios e criaturas. Tudo o que o muçulmano deseja, ele espera de Allâhu ta'âlâ. Ele sabe que tudo o que obtém vem de Allâhu ta'âlâ. O signifi cado do acima mencionado âyat prova que isso é verdade. Isto é, ao recitar a Sûra al-Fâtiha em cada namâz, o crente diz: 'Ó meu Rabb! Eu uso os meios científicos e materiais para satisfazer os meus desejos e necessidades mundanas, e imploro aos Teus amados escravos que me ajudem. Ao fazer isso, e sempre, creio que só Tu és o Doador, o Cria dor dos desejos. Só de Ti espero!'

Os crentes que dizem isto todos os dias não podem ser chamados politeístas. Pedir a ajuda das almas dos Profetas e do awliyâ' é fazer uso dos meios que foram criados por Allâhu ta'âlâ. Este âyat do Sûra al-Fâtiha mostra claramente que eles não são politeístas, mas verdadeiros crentes. Os Wahhâbis também utilizam meios materiais e cien tíficos. Eles satisfazem os seus desejos sensuais usando qualquer meio. Mas quando alguém faz uso dos Profetas e do awliyâ' como mediadores, eles dizem que é 'politeísmo'.

Como as palavras de Muhammad ibn 'Abd al-Wahhâb estavam de acordo com seus desejos mundanos, aqueles que não tinham conhecimento religioso facilmente acreditaram nelas e afirmaram que o 'ulamâ de Ahl as-Sunna e os muçulmanos que seguiram o caminho reto eram incrédulos. Os amires (líderes) viram que o wahhâbismo era consistente com seus desejos de aumentar seu poder e ampliar suas terras e territórios. Eles forçaram as tribos árabes a se tornarem Wahhabi, matando aqueles que não acreditavam nisso. Os aldeões, temendo a morte, obedeceram ao amîr de Dar'iyya, Muhammad ibn Sa'ûd. Ser soldados do amir satisfazia seu desejo de atacar as propriedades, vidas e castidade dos não-Wahhabi.

Shaikh Sulaymân, irmão de Muhammad ibn 'Abd al-Wahhâb, era um 'âlim Sunnî. Esta pessoa abençoada refutou o Wahhâbismo no seu livro 'as-Sawâ'iq al-ilâhiyya fî-raddi 'alâ-l-wahhâbiyya' e impediu a propagação dos seus dogmas heréticos. Este valioso livro foi publicado em 1306 H. Também foi publicado em Istambul em 1395 H. [1975

d.C.]. Os professores de Muhammad perceberam que ele tinha aberto um caminho que levou à perversão e refutaram os seus livros corruptos. Eles declararam que ele se tinha desviado do caminho reto. Eles demonstraram que os Wahhâbis deram significados errados para os ayats e hadîths. Tudo isso, porém, aumentou o ressentimento e a hostilidade dos aldeões contra os crentes.

O wahhâbismo não foi propagado com conhecimento, mas com o dinheiro e as armas dos britânicos, com crueldade e derramamento de sangue nas mãos de pessoas ignorantes. Entre as pessoas cruéis que manchavam as mãos de sangue, o mais duro foi o amîr de Dar'iyya, Muhammad ibn Sa'ûd. Este homem pertencia à tribo Banî Hanîfa e era um dos descendentes daqueles imbecis que haviam acreditado que Musailamat al-kadhdhâb era um profeta. Ele morreu no ano 1178 H. [1765 d.C.] e foi sucedido pelo seu filho 'Abd-ul-'Azîz que foi morto por um xiita no ano 1217 H. Ele foi sucedido pelo seu filho Sa'ûd que morreu em 1231 H. O seu filho 'Abdullah tomou o seu lugar e foi eventualmente executado em Istambul em 1240 H. Ele foi substituído por Tarkî bin 'Abdullah, neto de 'Abd-ul-'Azîz. Em 1254 H. a pessoa que o substituiu foi seu filho Faisal, que foi sucedido por seu filho 'Abdullah em 1282 H. Seu irmão 'Abd-ur-Rahmân e seu filho 'Abd-ul-'Azîz se estabeleceram no Kuwait. Em 1319 H. [1901 d.C.] 'Abd-ul-'Azîz mudou-se para Riad e proclamou-se amîr(comandante). Em 1918 d.C. ele atacou Makka com a cooperação dos britânicos. Em 1351 H. [1932 d.C.] ele estabeleceu o Estado da Arábia Saudita. Em jornais publicados em 1991, pode-se ler que Fahd, o amîr do Sa'ûd, tinha enviado quatro bilhões de dólares como ajuda aos incrédulos russos que estavam lutando contra os mujâhidîn no Afeganistão.

Os Wahhâbis proclamam que estão no caminho de ser sinceros na crença na Unidade de Allâhu ta'âlâ e de fugir da descrença, que todos os muçulmanos são politeístas há seiscentos anos e que estão a tentar salvá-los da descrença. Quando se trata de provar que estão certos, eles apresentam o âyat karîma 5 do Sûra al-Ahqâf e o âyat karîma 106 do Sûra Yûnus. No entanto, todos os tafsîr do Alcorão al-karîm dizem unanimemente que estes dois âyats e muitos outros foram dirigidos aos politeístas. O primeiro destes ayats diz: **"E quem está mais ex-**

traviado do que aquele que invoca, em vez de Allâhu ta'âlâ, aque les que não lhe responderão até o Dia da Ressurreição e que nem sequer percebem a sua invocação?"E o outro ayat diz: **"Dize aos idólatras de Makka: 'Ordenaram-me que não adorasse coisas que, não sendo úteis nem prejudiciais, não são Allâhu ta'âlâ. Se adorarem algo que não seja Allâhu ta'âlâ, estarão atormentando e prejudicando a vocês mesmos!'"**

O livro intitulado "Kashf ash-shubuhât" aborda também o âyat karîma 3 da Sûra az-Zumar, que diz: "Aqueles que aceitaram protetores que não são Allâhu ta'âlâ dizem: **'Se nós os adoramos, nós o fazemos para que eles nos aproximem de Allâhu ta'âlâ e intercedam por nós'**". Este âyat karîma menciona as palavras dos politeístas que adoravam ídolos. O livro iguala os muçulmanos que pedem por shafâ'at com aqueles politeístas, e intencionalmente diz que os polite ístas também acreditavam que seus ídolos não eram criadores e que Allâhu ta'âlâ era o único Criador. Comentando este 'ayat karîma', o livro "**Rûh al-bayân**" diz: "Os seres humanos são criados com a capacidade de reconhecer o Criador que os criou e tudo o resto. Cada ser humano sente o desejo de adorar o seu Criador e ser atraído por Ele. No entanto, essa capacidade e esse desejo não valem nada porque nafs, shaytan (o diabo) ou má companhia podem enganar o homem [resultando na destruição desse desejo inato] e o homem se tornará [ou alguém que não acredita no Criador e no Último Dia, como os comunistas e os maçons, ou] um politeísta. O politeísta não pode se aproximar de Allâhu ta'âlâ, nem ele pode saber disso. O mais valioso é o ma'rifat, o conhecimento que surge quando o politeísmo é eliminado e o tawhîd é abraçado. A prova da sua presença é acreditar nos Profetas, 'alaihis-salâm, nos seus livros e segui-los. Esta é a única maneira de ser atraído para Allâhu ta'âlâ. A prostração estava na própria natureza do shaytan, mas, seguindo o seu nafs, ele recusou-se a prostrar-se. Os filósofos da Grécia antiga ficaram incrédulos porque não queriam se aproximar de Allâhu ta'âlâ seguindo os Profetas, 'alaihis-salâm, mas o seu próprio raciocínio e nafs. Para se aproximar de Allâhu ta'âlâ os muçulmanos adotam o Islam e com ele seus corações estão cheios de luz espiritual. O Atributo 'Jamâl' (Beleza) de

Allâhu ta'âlâ se manifesta aos seus espíritos. Quando os politeístas querem se aproximar de Allâhu ta'âlâ, eles não seguem os Profetas nem o Islam, mas o seu nafs, os seus intelectos defeituosos e as suas bid'as, e assim os seus corações se endurecem e os seus espíritos se enchem de trevas. No final deste âyat karîma Allâhu ta'âlâ diz que eles estão mentindo quando declaram: **"Nós adoramos ídolos para que eles possam interceder por nós**". Como se pode ver, é muito injusto tomar o 25º âyat karîma da Sûra Luqmân que diz: "Se você perguntar aos incrédulos: 'Quem criou os céus e a terra?', eles dirão: 'Certamente Allâhu ta'âlâ os criou'" e o âyat karîma 87 do Sûra az-Zukhruf, que diz: "**Se você perguntar àqueles que adoram coisas que não são Allâhu ta'âlâ, 'Quem criou estas coisas?', dirão: 'Certamente Allâhu ta'âlâ as criou'**" como prova e dizer: "Os politeístas também sabiam que Allah era o único Criador. Eles adoravam os ídolos para que intercedessem por eles no Dia do Julgamento. Foi por isso que se tornaram politeístas e incrédulos."[1]

Nós, os muçulmanos, não adoramos os Profetas, 'alaihis-salâm, nem os awliyâs, rahimâhum-Allâhu ta'âlâ; não dizemos que eles são companheiros ou associados de Allâhu ta'âlâ. O que nós acreditamos é que eles são seres humanos que foram criados e não merecem ser adorados. Mas também acreditamos que eles são os escravos amados por Allâhu ta'âlâ, e que Ele terá compaixão dos Seus escravos por amor dos Seus amados. Allâhu ta'âlâ é o único que cria lucro e prejuí zo. Ele é o único que merece ser adorado. No que diz respeito aos politeístas, e embora, por causa do conhecimento inerente à sua criação, eles dizem que seus ídolos não podem criar, como eles não desenvolveram esse conhecimento original seguindo os Profetas, 'alaihim-us-salâm, eles acabam acreditando que seus ídolos merecem ser adorados e isso é o que eles fazem. Por dizerem que os ídolos merecem ser adorados, tornam-se politeístas. Caso contrário, Só por dize-

[1] O 'âlim do Iraque Jamîl Sidqî az-Zahâwî, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih, no seu trabalho **'al-Fajr as-Sâdiq fir-radd-i-'alal-munkiri-t-tawâsul-i-wal- karâ mât-i-wal-hawâriq',** (publicado no Egito em 1323 H. [1905 d.C.], segunda reprodução fotográfica, Istambul, 1396 H. [1976 d.C.]), comentou este 'ayat-i karîma' e mostrou que tinha sido mal interpretado. Jamîl Sidqî ensinou 'ilm al-kalâm na Universidade de Istambul. Ele morreu em 1355 H. [1936 d.C.]. A edição de 1956 de "al-Munjid" contém uma fotografia dele.

rem que queriam obter a intercessão, não se teriam tornado politeístas. O fato é que, como acabamos de ver, equiparar Ahl as-Sunna aos incrédulos idólatras é totalmente errado. Todos esses âyats foram enviados a respeito dos incrédulos idólatras e politeístas. O livro "**Kashf ash-shubuhât**" deturpa o significado dos 'ayats', usa um raciocínio falso e acaba dizendo que os muçulmanos sunitas são politeístas. E recomenda ainda que os muçulmanos que não são Wahhâbis sejam mortos e que os seus bens sejam confiscados.

Dois hadîth mencionados por 'Abdullah ibn 'Umar, radiy-Allâhu 'anhumâ, declaram: "Eles abandonaram o caminho reto. Eles atribuíram aos muçulmanos [os significados dos] âyats que desceram para os incrédulos" e: "Entre todos os meus medos em nome do Ummat, o mais horrível é a sua interpretação do Alcorão al-karîm baseada nas suas próprias opiniões e nas suas traduções falsas". Estes dois hadîths previram o aparecimento dos lâ-madhhabîs e a sua distorção dos âyats que tinham descido sobre os descrentes para usá-los contra os muçulmanos.

Outra pessoa que percebeu que Muhammad ibn 'Abd al-Wahhâb tinha conceitos errados que seriam prejudiciais, e que tentou aconselhá-lo, foi Shaikh Muhammad ibn Sulaymân al-Madanî, rahimahullâhu ta'âlâ, (d. 1194 H. [1780 d.C.], Madina) um dos grandes 'ulamâ de Madina. Ele era um 'âlim Shâfi'î da Fiqh e escreveu muitos livros. O seu comentário ao livro do Ibn Hajar al-Makkî, rahimah-Allâhu ta'âlâ, "At-Tuhfat al-muhtâj", por sua vez um comentário ao livro 'Minhâj', ganhou grande fama. Em seu texto de dois volumes, intitulado "al-Fatâwâ", ele diz: "Ó Muhammad ibn 'Abd al-Wahhâb! Não calunie os muçulmanos! Eu o aconselho por amor a Allâhu ta'âlâ. Sim, se alguém diz que alguém além de Allâhu ta'âlâ é o criador dos atos, diga-lhe a verdade! Mas aqueles que se agarram às causas (wasî la) e acreditam que tanto eles quanto o poder que contêm são criados por Allâhu ta'âlâ, não podem ser chamados de descrentes. Você também é muçulmano. Seria mais correto chamar um só muçulmano de "herege" do que chamar assim a todos os muçulmanos. Aquele que deixa a comunidade é o mais propenso a extraviar-se. O âyat karîma 115 da Sûra an-Nisâ' prova-me que tenho razão: **"E quem se opuser**

ao Mensageiro depois da sua orientação ter sido esclarecida e seguir outro caminho que não o dos crentes, deixá-lo-emos com o que ele escolheu e atirá-lo-emos no Inferno. Que mau fim!"

Embora os Wahhâbis tenham uma grande quantidade de dogmas errados, eles se baseiam em três princípios:

1- Dizem que a'mâl (práticas) ou 'ibâdât (atos de adoração) fazem parte do îmân (crença) e aquele que não faz um fard apesar de acreditar que é fard ─namâz por causa da preguiça ou zakât por causa da avareza─ torna-se um descrente e deve ser morto e seus bens distribuídos entre os Wahhâbis.

Ash-Shihristânî afirma: "Os 'ulamâ de Ahl as-Sunna afirmaram unanimemente que a adoração não faz parte do îmân ou seja a crença. Se um muçulmano não faz um ato de adoração que é fard por preguiça, apesar de acreditar que é fard realizá-lo, ele não se torna um incrédulo. Não houve unanimidade em relação àquele que não faz namâz; segundo o Madhhab Hanbalî, aquele que não faz namâz por preguiça torna-se um descrente."[1] [Thanâullah Pânipûtî, rahmatullâhi 'alaih, afirma no início do seu livro "**Mâlâ budda**": "Um muçulmano não se torna incrédulo cometendo uma transgressão grave. Se ele for levado ao fogo, mais cedo ou mais tarde será levado para fora e levado para o Paraíso, onde permanecerá por toda a eternidade." Este livro está em persa e foi publicado em Delhi no ano 1376 H. [1956 d.C.] e depois reproduzido por Hakîkat Kitâbevi em Istambul no ano 1410 H. [1990 d.C.]. Em Madhhab Hanbalî foi dito que apenas a pessoa que não faz namâz se torna descrente. Para outros atos de adoração, a mesma coisa não foi dita. Seria, portanto, um erro considerar os Wahhâbis como Hanbalis, neste caso. Como já foi dito, aqueles que não pertencem ao Ahl as-Sunna não podem ser Hanbalis.[2] Aqueles que não pertencem a nenhum dos quatro Madhhabs não são Ahl as-Sunna.

2- Dizem que a pessoa que pede shafâ'at das almas dos Profetas, 'alaihim -us-salâm, ou do awliyâ', rahimahum-Allâhu ta'âlâ, ou que visita os seus túmulos e implora pensando que eles são mediadores, se

[1] Al-milal wa 'n-nihal (em turco), p. 63, Cairo, 1070 H.

[2] Para mais detalhes sobre este tópico veja nosso livro "Conselhos para o Muçulmano".

tornará um descrente. Eles também acreditam que os mortos não ouvem, nem falam, nem têm sentidos.

Se a pessoa que fala com um morto num túmulo fosse um descrente, nosso Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, os grandes ‘ulamâ e os awliyâ’ não teriam rezado dessa maneira. Nosso Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, tinha o costume de visitar o cemitério Bakî de Madina e os mártires de Uhud. Na verdade, na página 485 do livro wahhâbi “**Fath al-Majîd**” está escrito que ele os cumprimentou e falou com eles.

Nosso Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, sempre disse em suas orações: **“Allâhumma innî as-aluka bi-haqqi-s-sâ’ilîna ‘alaika,”** (Yâ Rabbî! Peço-Te em nome das pessoas a quem deste o que Te pediram) e recomendou que façamos o mesmo. Quando ele enterrou Fâtima, a mãe do Hadrat ‘Alî, radiy-Allâhu ‘anhumâ, com suas próprias mãos abençoadas, disse: **“Ighfir liummi Fâtimata binti Asad wa wassi’ ‘alaihâ madkhalahâ bi-haqqi nabiyyika wa-l-anbiyâ’-illadhîna min qabli innaka arhamur-râhimîn. (Yâ Rabbî! Perdoa a mãe Fâtimat binti Asad as suas transgressões! Amplia o lugar onde ela está! Aceita o meu apelo em nome do direito (amor) do Teu Profeta e dos Profetas que vieram antes de mim! És o mais Misericordioso dos Misericordiosos!”** Num hadîth sharîf transmitido por ‘Uthmân ibn Hunayf, radiy-Allâhu ‘anh, um dos maiores dos Ansâr, conta-se como o Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, ordenou a um cego que lhe pediu que intercedesse pela sua cura, que fizesse a ablução e um namâz de dois rak’ats e depois dissesse: “Allâhumma innî as’aluka wa atawajjahu ilaika binabiyyika Muhammadi-n-nabiyyi-r-Rahma, yâ Muhammad innî atawajjahu bika ilâ Rabbî fî hâjatî hâdhihî li-takdiya lî, Allâhumma shaffi’hu fiyya”. Nessa súplica ordenou-se ao cego que recorresse a Muhammad, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, como mediador, para que a súplica fosse aceita. O Sahâba al-kirâm fez frequentemente esta súplica que é mencionada no segundo volume de ‘Ashi’at al-lama’ât’ e também em ‘al-Hisn al-hasîn’ com as suas referências e, na sua explicação, com a interpretação: “Eu volto-me para Ti por meio do Teu Profeta”.

Estas súplicas mostram que é permissível ter como mediadores aqueles que Allâhu ta'âlâ ama; e implorar a Ele dizendo "em nome deles".

Shaikh 'Alî Mahfûz, que morreu em 1361 H. [1942 d.C.] e foi um dos grandes 'ulamâ de Jâmi' al-Azhar, elogia muito Ibn Taymiyya e 'Abduh no seu livro "**al-Ibdâ**". No entanto, ele diz na página 213 do livro mencionado: "Não é correto dizer que o grande 'awliyâ', rahimahum-Allâhu ta'âlâ, faz coisas neste mundo após a sua morte, como curar os doentes, salvar aqueles que estão prestes a se afogar, ajudar aqueles que estão enfrentando o inimigo, e encontrar coisas que estavam perdidas. Por mais alto que seja o awliyâ, é errado dizer tais coisas, assim como é errado dizer que Allâhu ta'âlâ deixou tais coisas em suas mãos, dizer que eles fazem o que querem, ou dizer que a pessoa que os segue não pode estar errada. Mas quer estejam vivos ou mortos, Allâhu ta'âlâ abençoa entre os Seus awliyâ' aqueles que Ele esco lhe e, através dos karâmât deles, Ele cura os doentes, salva aqueles que estão prestes a afogar-se, ajuda aqueles que enfrentam o inimigo, e recupera as coisas que estavam perdidas. Isto é algo lógico. Na verdade, o Alcorão al-karîm revela estes fatos."[1]

'Abd al-Ghanî an-Nablusî, rahimah-Allâhu ta'âlâ, escreve: "Um hadîth qudsî, que al-Bukhârî menciona baseado em Abû Hurayra, radiy-Allâhu ta'âlâ 'anh, diz: "Allâhu ta'âlâ declarou: 'O meio pelo qual Meus escravos podem chegar mais perto de Mim é o fard. Se os Meus escravos praticarem atos supererrogatórios de adoração, Eu os amarei tanto que eles ouvirão por Mim, verão por Mim, segurarão tudo por Mim, andarão por Mim, e lhes darei o que Me pedirem. Se eles confiarem em mim, eu vou protegê-los. Os atos supererogatórios de adoração aqui mencionados [como está claramente escrito em 'Marâq al-falâh' e no comentário de at-Tahtâwî] são as sunnas e os atos supererrogatórios de adoração feitos por aqueles que já cumpriram os fards. Este hadîth sharîf mostra que a pessoa que, depois de realizar os atos de adoração que são fards, também realiza atos supererogatórios de adoração, obterá o amor de Allâhu ta'âlâ e suas súpli-

[1] Shaikh 'Alî Mahfûz, al-Ibdâ', p. 213, Cairo, 1375 H. [1956 d.C.]; 'Abdullah ad-Dasûqî e Yûsuf ad-Dajwî, professores em Jâmi' al-Azhar, escreveram elogios ao livro no final de "al-Ibdâ".

cas serão aceitas."[1]. Quer estejam vivos ou mortos, quando essas pessoas pedem por outras, estas últimas terão o que querem. E eles ouvem mesmo quando estão mortos. Eles não deixam de mãos vazias aqueles que lhes pedem, assim como não o faziam quando estavam vivos; eles pedem por eles. É por isso que um Hadîth sharîf declara: "Quando tiveres problemas nos teus assuntos, pede ajuda aos que estão nos túmulos!" O significado deste hadîth sharîf é mais do que claro, e o seu ta'wîl (interpretação de uma forma diferente) não é permitido. A interpretação de 'Alûsî é falsa.

Na verdade, "os muçulmanos ainda são muçulmanos quando estão mortos, tal como eram quando estavam a dormir". Após a sua morte, os Profetas permanecem Profetas, 'alaihis-salâm, como estavam quando estavam dormindo; pois, em cada caso, é a alma que é muçul mana ou Profeta. Quando alguém morre, a sua alma não deixa de viver. Este fato é mencionado no livro "'Umdat al-'aqâ'id" do Imâm 'Abdullah an-Nasafî [publicado em Londres em 1259 H. (1843 d.C.)]. Da mesma forma, os awliyâs permanecem awliyâ (rahimahum-Allâhu ta'âlâ') quando estão mortos, bem como quando estão a dormir. Aquele que não acredita nisso é ignorante e teimoso. Eu provei em outro livro que os awliyâ' também têm karâmât quando estão mortos."[2] O âlim Hanafî Ahmad ibn Sayyid Muhammad al-Makkî al-Hamawî e os 'ulamâ Shâfi'î Ahmad ibn Ahmad as-Sujâ'î e Muhammad ash-Shawbarî al-Misrî escreveram opúsculos nos quais provaram com evidências **que os awliyâs tinham karâmât, que eles continuaram após a sua morte e que tawassul ou istighâza [ver nota de rodapé] nos seus túmulos é permitido (jâ'iz).**[3]

Muhammad Hâdimî Efendi, rahimah-Allâhu ta'âlâ, de Konya (d. 1176/1762 em Konya) escreveu: "O karâmât do awliyâ' é um fato real. Um walî é um muçulmano que é **al-'ârifu billâh** (que conhece Allâhu ta'âlâ e Seus Atributos, na medida do possível). Ele faz muito "ibâdât" e "tâ'at". Ele evita com muito cuidado as transgressões e

[1] 'Abd al-Ghanî an-Nabulusî, "al-Hadîqat an-nadiyya", p. 182, Istambul, 1290 H.
[2] 'Al-Hadîqa an-nadiyya', p. 290.
[3] Estas três obras foram publicadas, juntamente com Ahmad Zaynî Dahlân, rahimah-Allâhu ta'âlâ 'alaih, "Ad-Durar as-saniyya fi-raddi 'alâ-l-Wahhâbiyya", no Cairo, em 1319 H. [1901 d.C.]; reprodução fotográfica em Istambul, 1396 H. [1976 d.C.].

desejos sensuais de seu nafs. As coisas criadas por Allâhu ta'âlâ que estão fora de Sua Lei de Causalidade e das leis científicas são chamadas "khâriq-ul 'âda" (maravilhas), e são de oito tipos: mu'jiza, karâmat, i'âna, ihâna, sihr, ibtilâ, isâbat al-'ayn (resultados do mau-olhado) e irhâs. O karâma é um evento extraordinário que ocorre nas mãos de um crente devoto que é al-'ârifu billâh. Ele é um walî, não um profeta. Abû Ishaq Ibrâhîm al-Isfarâinî, um 'âlim Shâfi'î, negou alguns karâmât, e todos os mu'tazila[1] negam karâmât. Eles dizem que podem ser confundidos com mu'jiza e que, consequentemente, a crença nos Profetas pode ser dificultada. No entanto, um walî através do qual se realizou um karâmat, não pretende ter a condição profética nem quer que um karâmat aconteça[2]. **É permitido suplicar a Allâhu ta'âlâ por meio dos Profetas e dos awliyâ' mesmo depois da sua morte porque o seu mu'jiza e karâmât não cessam após a morte. Este tipo de súplica é chamado "tawassul" ou "istighâza". Ar-Ramlî também disse a mesma coisa. Al-Imâm al-Haramain disse: 'Só os Shî'as negam a continuidade dos karâmât após a morte.' Alî Ajhurî, um destacado 'âlim Mâlikî do Egito, disse: «Quando o walî está vivo ele é como uma espada em sua bainha». Após a sua morte, a sua influência torna-se mais eficaz, como a de uma «espada desembainhada». Esta declaração é também mencionada por Abû 'Alî Sanjî no seu livro «Nûr al-hidâya**". Baseado na luz do Livro (Alcorão al-karîm), do Sunna e do ijmâ' al-Umma, o karâmât é verdadeiro. Em muitos livros de grande valor, centenas e milhares de karâmât dos awliyâ' têm sido relatados[3]. Aqui termina a tradução do livro "**Barîqa**".

[1] Aqueles que defendem a crença errônea chamada Mu'tazila.

[2] Allâhu ta'âlâ cria tudo por (uma lei de causalidade chamada) "âdat-i-ilâhiyya". Às vezes Ele cancela o seu "âdat-i-ilâhiyya" e cria de uma forma invulgar, chamada prodígio ou evento extraordinário, em benefício dos seus amados escravos. Quando um destes prodígios se realiza através de um Profeta, chama-se mu'jiza (pl. mu'jizât). Quando ocorre através de um walî (pl. awliyâ), que por sua vez significa um escravo a quem Ele ama, é chamado karâma (pl. karâmât). No entanto, é preciso ter em mente que às vezes Ele também cria maravilhas através de Seus inimigos. Estas maravilhas são chamadas istidrâj. Allâhu ta'âlâ declara que Ele cria istidrâj para piorar os seus inimigos.

[3] "Barîqa", p. 269.

E também, num hadîth sahîh recolhido pelo ‘ulamâ do hadîth Ibn Khuzaima, ad-Dâra Qutnî e at-Tabarânî segundo a transmissão de ‘Abdullah ibn ‘Umar, radiy-Allâhu ta’âlâ ‘anhumâ, diz-se: “Tornou-se wâjib para mim interceder por aqueles que visitarem a minha sepultura”. O Imâm al-Manâwî também mencionou isto em “Kunûz ad-daqâ’iq”. Além disso, ele escreveu o seguinte hadîth ash-sharîf de Ibn Hibbân: “Depois da minha morte, visitar a minha sepultura será o mesmo que visitar-me quando eu estava vivo”. E o hadîth ash-sharîf de at-Tabarânî: “Eu intercederei pela pessoa que visitar a minha sepultura”. Os dois hadîth seguintes, que são marfû’, o primeiro mencionado pelo Imâm al-Bazzâr e o segundo recolhido no Sahîh de Muslim e ambos baseados na autoridade de ‘Abdullah ibn ‘Umar, radiy-Allâhu ta’âlâ ‘anhum, são conhecidos de quase todos os muçulmanos: “Tornou-se halâl para mim interceder por aqueles que visitarem a minha sepultura” e “No Dia do Julgamento intercederei por aqueles que vão ao al-Madina al-Munawwara para visitar a minha sepultura”.[1]

O seguinte hadîth ash-sharîf dá muito boas notícias: “A pessoa que faz o hajj e depois visita o meu túmulo terá me visitado quando eu estava vivo”; mencionado por at-Tabarânî, ad-dâra Qutnî e [‘Abd ar-Rahmân] Ibn al-Jawzî. O hadîth ash-sharîf mencionado por ad-Dâra Qutnî: “A pessoa que não me visita depois de fazer o hajj terá me magoado”, fala daqueles que negligenciam a visita ao túmulo do Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, depois do hajj sem ter uma desculpa (para não o fazer).

Abd al-’Azîz, Reitor da Universidade Islâmica de al-Madina al-Munawwara escreveu no seu “Tahqîq wa Îdhâh”: “Nenhum dos hadîth mencionados [que falam sobre a visita ao seu túmulo] tem qualquer apoio ou fonte documental. Shaikh al-Islam Ibn Taymiyya disse que eles eram todos mawdû’”. No entanto, os seus sanads (documentos) estão registrados em detalhe no oitavo volume do comentário de az-Zarkânî ao “al-Mawâhib” e no final do quarto volume de “Wafâ’ al-wafâ’”, de as-Samûdî. Nestes livros também se diz que estes hadîth

[1] Mir’ât al-Madîna’ (Mir’ât al-Haramain) p. 106.

são hasan[1] e que o comentário de Ibn Taymiyya foi infundado. O reitor e os professores da Universidade de Madina tentam caluniar os escritos do 'ulamâ de Ahl as-Sunna' para colocar em seu lugar os dogmas Wahhabi que eles espalharam por todo o mundo com seus livros. A fim de convencer as nações muçulmanas e não muçulmanas de que são verdadeiros muçulmanos, eles estão seguindo uma nova política: estabeleceram um centro islâmico em Makka chamado Râbi tat al-'Âlam al-Islâmî e reuniram homens ignorantes e subornáveis, com formação religiosa, que eles selecionaram em cada país e aos quais pagam salários que somam centenas de moedas de ouro. Estes homens ignorantes em posições religiosas, que não têm conhecimento dos livros do 'ulamâ do Ahl as-Sunna', são usados como fantoches. A partir desse centro espalharam os seus dogmas por todo o mundo, a que chamam "fatwâs da unidade muçulmana mundial". No fatwâ fraudulento emitido durante o Ramadão em 1395 H. [1975 d.C.], é afirmado: "Para as mulheres é fard fazer o namâz de jum'a. O khutba de jum'a e o do 'Îd podem ser feitos na língua nativa de cada país". Um herege chamado Sabri, de entre os seguidores de Maududi, mem bro deste centro de fitna e fasad em Makka, levou imediatamente esta fatwa para a Índia, onde homens assalariados, ricos e ignorantes forçaram as mulheres a irem às mesquitas e iniciaram a prática de dar as khutbas em várias línguas. Para evitar isso, os 'ulamâ de Ahl as-Sunna e os verdadeiros homens de religião da Índia, rahimahum-Allâhu ta'âlâ, prepararam fatwâs com base em fontes confiáveis e os dissemi naram. Os Wahhâbis não conseguiram refutar esses fatwâs - pois eles eram a verdade. Em Kerala, no sul da Índia, centenas de homens com formação religiosa perceberam que tinham sido enganados, arrependeram-se e voltaram ao caminho de Ahl as-Sunna. Quatro destas fatwas baseadas em fontes fiáveis foram impressas em offset e enviadas para todos os países islâmicos. Em cada país, homens com verdadeira autoridade religiosa estão chamando a atenção dos muçulmanos e tentando apaziguar o tumulto que divide o Islam de dentro para fora.

[1] Para os diferentes tipos de hadîth, ver o capítulo 6 do segundo fascículo da "Eterna Felicidade".

Graças a Allâhu ta'âlâ, jovens inocentes mas alertas de todos os cantos do planeta são capazes de distinguir entre a verdade e a falsidade.

Falando das questões relacionadas com o khutba de jum'a (sexta-feira), o takbîr iftitâh e as súplicas no namâz, Ibn 'Âbidîn, rahimah - Allâhu ta'âlâ, escreveu no seu livro "Radd al-muhtâr": "Dar o khutba numa língua que não o árabe seria como dizer o takbîr iftitâh ("Allâhu akbar") noutra língua quando se começa a fazer namâz. O takbîr iftitâh é como os dhikrs do namâz, e é makrûh tahrîma recitar as fórmulas e súplicas de namâz numa língua diferente do árabe, algo que foi proi bido pelo Hadrat 'Umar, radiy-Allâhu 'anh". No capítulo sobre o wâjib de namâz, ele escreveu: "Fazer um makrûh tahrîma é uma trans gressão menor". Mas se isso continuar a ser feito, a pessoa perde a sua "adâla"[1]. Em 'at-Tahtâwî' está escrito que a pessoa que comete continuamente uma transgressão menor torna-se fâsiq e deve ir a outra mesquita para não fazer namâz [em jamâ'at] atrás de um imâm que é fâsiq ou introduz bid'at. Como era makrûh e bid'at, o que é uma trans gressão grave, fazer o khutba, no todo ou em parte, noutra língua, os Sahâba al-Kirâm e os Tâbi'ûn, rahimahum-Allâhu ta'âlâ, sempre fizeram todo o khutba em árabe, tanto na Ásia como em África, apesar de aqueles que o ouviram não conhecerem essa língua e não consegui rem compreender o Kutba. Embora o conhecimento religioso não fosse generalizado e tivesse que ser ensinado, eles deram todo o khut ba em árabe. E é por esta razão que durante seiscentos anos os Shaikh al-Islâm otomanos e os grandes 'ulamâ mundialmente conhecidos, embora desejassem seriamente que o khutba fosse feito em turco para que o jamâ'at pudesse entender o seu conteúdo, não puderam permitilo, porque sabiam que não era permitido dar o Kutba em turco.

Um hadîth sharîf, mencionado por Imâm al-Bayhakî segundo a transmissão de Abû Hurayra, radiy-Allâhu 'anh, afirma: "Quando uma pessoa me saúda, Allâhu ta'âlâ devolve a minha alma ao corpo e eu ouço a sua saudação." Com base neste hadîth sharîf, Imâm al-Bay hakî, rahimah-Allâhu ta'âlâ, disse que os Profetas, 'alaihim-us-salâm,

[1] Justiça; ele não será confiável em assuntos religiosos; ele não será aceito como testemunha.

estavam vivos em seus túmulos com uma forma de vida desconhecida para nós.

Além disso, ‘Abdal-’Azîz ibn ‘Abdullah de Madina cita este hadîth na página 66 de seu “al-Hajj wa-l-’Umra” e comenta que ele fala da morte do Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam’. No entanto, na mesma página ele afirma que está vivo no seu túmulo com um modo de vida que é desconhecido para nós. Estas declarações contradizem-se umas às outras. Na verdade, este hadîth sharîf indica que a sua alma abenço ada é dada ao seu corpo e que ele reconhece as saudações. Além disso, os dois hadîth mencionados na página 73 do mesmo livro relatam a ordem de que se deve dizer “As-salâmu ‘alaikum ahl ad-diyâri min al-Mu’minîn” ao visitar os túmulos. Os hadîth ordenam que saudemos os túmulos de todos os muçulmanos. Alguém que pode ouvir pode ser saudado e pode-se falar com ele; embora os la-madhhabî mencionem estes hadîth, eles declaram que os mortos não podem ouvir e rotulam como politeístas as pessoas que acreditam que os mortos podem ouvir. Eles deturpam os ayats e os hadîth!

Há muitos hadîth que declaram que o Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, está vivo no seu túmulo com uma forma de vida que nos é desconhecida. O fato de serem tantos significa que são autênticos. Entre esses hadîth, os dois seguintes estão listados nos seis livros de hadîth conhecidos no mundo inteiro: “Poderei ouvir o Salawât recitado no meu túmulo, serei informado do Salawât recitado à distância”. E: “Se uma pessoa recita o Salawât no meu túmulo, Allâhu ta’âlâ envia um anjo para me informar sobre esses Salawât. No Dia do Julgamento, intercederei por essa pessoa”[1].

Se um muçulmano vai ao túmulo de um muçulmano que conhecia quando estava vivo e o cumprimenta, os mortos vão reconhecê-lo e responder-lhe. Um hadîth sharîf mencionado por Ibn Abî-d-dunyâ diz que um muçulmano morto reconhece e responde à pessoa que o cumprimenta e fica feliz. Se uma pessoa cumprimenta pessoas mortas que não conhecia, elas ficam satisfeitas e reconhecem a saudação (salâm). Se os mártires e os bons muçulmanos, rahimahum-Allâhu ta’âlâ,

[1] (A súplica prescrita chamada) Salawât é a seguinte: **“Allâhumma salli ‘alâ Sayyidinâ Muhammadin wa ‘alâ Âl-i-Sayyidinâ Muhammad.”**

reconhecem e respondem àqueles que os saúdam, é considerado possível que o Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, não o faça? Assim como o sol no céu ilumina o mundo inteiro, ele responde a todas as saudações simultaneamente.

Para informações sobre como se comportar ao visitar uma sepultura, consulte o capítulo 17 do quinto fascículo da “Eterna Felicidade”.

Um hadîth sharîf diz: “Depois da minha morte, ouvirei como ouço quando estou vivo”. Outro hadîth sharîf mencionado por Abû Ya’lâ diz: “Os Profetas, ‘alaihim-us-salâm, estão vivos em seus túmulos. Eles fazem namâz.” Ibrâhîm ibn Bishar, Sayyid Ahmad ar-Rifâ’î e muitos outros awliyâ, rahimahum-Allâhu ta’âlâ, disseram que ouviram uma resposta depois de saudar Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam.

O grande sábio muçulmano Hadrat Jalâl ad-Dîn as-Suyûtî escreveu o livro ‘Sharaf al-muhkam’ como resposta a esta pergunta que lhe foi feita: “É verdade que Sayyid Ahmad ar-Rifâ’î beijou a mão abençoada do Rasûlullah?” Em seu livro ele forneceu provas razoáveis e tradicionais de que o Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, estava vivo em seu túmulo de uma forma incompreensível e que ele ouviu e respondeu a saudações. Ele também disse em seu livro que na Noite de Mi’râj o Rasûlullah viu Mûsâ, ‘alaihi-s-salâm, fazendo um namâz em seu túmulo.

Um hadîth sharîf, relatado pela nossa mãe ‘Âisha as-Siddîqa, radiy-Allâhu ‘anhâ, diz: “Eu sofro a dor da carne envenenada que comi em Jaibar. Por causa desse veneno, a minha aorta agora quase deixa de funcionar.” Este hadîth sharîf demonstra que, além da condição profética, Allâhu ta’âlâ deu o status de martírio a Muhammad, o mais alto da humanidade, sallallâhu ‘alaihi wa sallam. Allâhu ta’âlâ declara em âyat 169 do Sûra Al-i-’Imrân: “Nunca considereis mortos aqueles que foram mortos no caminho de Allâhu ta’âlâ! Eles estão vivos junto ao seu Senhor e são sustentados.” Não há dúvida de que este grande profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, que foi envenenado no caminho de Allâhu ta’âlâ, é o mais alto entre aqueles honrados com o status definido neste âyat karîma.

Um hadîth sharîf mencionado por Ibn Hibbân diz: “Os corpos abençoados dos Profetas, ‘alaihim-us-salâm, nunca se decompõem. Se um muçulmano recita Salawât para mim, um anjo transmite-me esse Salawât e diz: ‘O filho de Fulano de Tal saudou-te e recitou o Salawât’”.

Um hadîth sharîf relatado pelo Ibn Mâja diz: “Às sextas-feiras recita Salawât para mim em abundância! Estes Salawât ser-me-ão comunicados assim que forem recitados.” Abu-d-Dardâ’, radiy-Allâhu ta’âlâ ‘anh, um dos que estavam naquele momento na companhia do Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, perguntou: “E depois da tua morte, eles também te serão comunicados?” O Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, disse: “Sim, eu também serei informado após a minha morte, porque é harâm para a terra decompor os Profetas, ‘alai himus-salâm. Após a morte, eles estão vivos e são alimentados.” [Este hadîth sharîf também é mencionado na parte final do livro ‘Mawtâ-wal-qubûr’ de Thanâ-ullâhi Pâni-pûtî. Este livro está em persa e foi publicado em Delhi no ano 1310 H. [1892 d.C.] e reproduzido em Istambul em 1990 por Hakîkat Kitâbevi].

Após a conquista de Quds (Jerusalém) Hadrat ‘Umar, radiy-Allâhu ‘anh, foi ao túmulo abençoado (al-Qabr as-Sa’âda) do Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, e o cumprimentou. Hadrat ‘Umar ibn ‘Abd al-’Azîz, que era um grande walî, costumava enviar funcionários de Damasco para Madina e ordenar-lhes que recitassem Salawât no túmulo abençoado e o saudassem. Cada vez que Hadrat ‘Abdullah ibn ‘Umar, radiy-Allâhu ‘anh, voltava de uma viagem, ele ia diretamente para Hujrat as-Sa’âda; primeiro visitava Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, depois Abû Bakr as-Siddîq, radiy-Allâhu ‘anh, e depois seu pai e os cumprimentou. Imâm Nâfi’ disse: “Vi mais de cem vezes Hadrat ‘Abdullah ibn ‘Umar, radiy-Allâhu ‘anh, ir à Tumba abençoada e dizer: ‘As-salâmu ‘alaika yâ Rasûl-Allah!’ Um dia Hadrat ‘Alî, radiy-Allâhu ‘anh, foi a Masjid ash-Sharîf e chorou quando viu o túmulo de Hadrat Fatima, radiy-Allâhu ‘anh, e depois chorou ainda mais quando foi a Hujrat as-Sa’âda. E então dizendo ‘As-salâmu ‘alaika yâ Rasûl-Allah’ e ‘As-sâlâmu ‘alaikumâ, ó meus dois

irmãos', saudou o Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, Hadrat Abû Bakr e Hadrat 'Umar, radiy-Allâhu ta'âlâ 'anhumâ."

De acordo com al-Imâm al-A'zam Abu Hanîfa, rahmatullâhi 'alaih, deve-se primeiro ir a hajj e depois ir a al-Madîna al-Munawwara para visitar Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam. O mesmo está escrito no fatwâ de Abu-l-Laith as-Samarqandî.

Qâdî 'Iyâd, autor do livro "Ash-Shifâ"; Imâm an-Nawawî, um sábio Shâfi'î; e Ibn Humâm, um sábio Hanafî, rahimahum-Allâhu ta'âlâ, disseram que existe ijmâ' al-Umma sobre a necessidade de visitar a Tumba Abençoada. Alguns 'ulamâ disseram que é wâjib. Na verdade, é sunna visitar os túmulos, algo que também está escrito no livro wahhâbi **"Fath al-Majîd".**

O âyat al-karîma 64 da Sûra an-Nisâ' afirma: "Se eles, depois de terem sido injustos consigo mesmos, vierem a ti (Meu Mensageiro) e pedirem perdão a Allâhu ta'âlâ (a Mim), e se Meu Mensageiro pedir perdão por eles, certamente encontrarão Allâhu ta'âlâ como Aceitador do arrependimento e Compassivo." Este âyat karîma indica que o Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam, intercederá (shafâ'at) e que a sua intercessão será aceita. E também nos manda ir de lugares distantes para visitar a sua Tumba abençoada e pedir a sua intercessão.

Um hadîth sharîf afirma: "É conveniente empreender uma viagem de longa distância com o único objetivo de visitar três mesquitas". Este hadîth indica que é thawâb fazer uma longa viagem com o objetivo de visitar Masjid al-Harâm em Makka, Masjid an-Nabî em Madina e Mesquita al-Aqsâ em Jerusalém. Por esta razão, os muçulmanos que forem a hajj, mas não visitarem a Tumba abençoada em Mesquita an-Nabî, ficarão privados desta recompensa.

O Imâm Mâlik, rahmatullâhi 'alaih, disse que para aqueles que visitam o túmulo abençoado é makrûh ficar muito tempo perto do Hujrat as-Sa'âda. Quando o Imâm Zain al-'Âbidîn, rahmatullâhi 'alaih, o visitava, ele ficava perto da coluna do lado de Rawdat al-Mutahhara e não se aproximava mais do que isso. Até a morte de Hadrat 'Âisha, radiy-Allâhu 'anhâ, a visita foi feita de pé, de frente para a qibla no exterior do portão de Hujrat as-Sa'âda.

Um hadîth sharîf diz: “Não transformeis o meu túmulo num lugar de festa”. Hadrat ‘Abd al-’Azîm al-Munzirî, um ‘âlim do hadîth, explicou este hadîth sharîf assim: “Não considereis suficiente visitar o meu túmulo apenas uma vez por ano, como nos dias de ‘Îd. Tente visitar-me frequentemente!” E o Hadîth sharîf: “Não transformem as vossas casas em cemitérios” significa que não devemos fazer com que as nossas casas pareçam um cemitério, não fazendo nelas namâz. Consequentemente, a explicação do Hadrat al-Munzirî está correta. Na verdade, não é permitido fazer namâz em um cemitério. Foi dito que este hadîth sharîf pode também significar: “Não fixeis um certo dia, como um dia de festa, para visitar o meu túmulo”. Quando judeus e cristãos visitavam os túmulos dos seus Profetas, costumavam reunir-se, tocavam instrumentos, cantavam canções e realizavam cerimônias. Isto implica que não devemos fazer o mesmo que eles; isto é, durante nossa visita não devemos nos divertir nem cometer coisas proibidas, como se faz nos dias de festa, nem tocar flautas de junco ou tambores, ou nos reunirmos para cerimônias.

Devemos visitar e cumprimentar, fazer súplicas e partir em silêncio sem ficar muito tempo.

Al-Imâm al-A’zam Abû Hanîfa, rahimah-Allâhu ta’âlâ, disse que visitar o Túmulo Abençoado é uma sunna muito valiosa, e há alguns ‘ulamâ que dizem que é wâjib. Por esta razão, no Madhhab Shâfi’î é permitido fazer voto (nadhr) de visitar o Túmulo Abençoado.[1]

Na verdade, quando Allâhu ta’âlâ diz “Se eu não te tivesse criado, eu não teria criado nada” [2]indica que Muhammad, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, é o Habîb-Allah (o mais amado por Allâhu ta’âlâ). Mesmo uma pessoa comum não recusa algo que lhe é pedido em nome de sua amada. É fácil fazer com que um amante faça algo em nome de sua amada. Se alguém diz: “Ó meu Allâhu ta’âlâ! Eu Te peço em nome do Teu Muhammad, sallallâhu ‘alaihi wa sallam”, este desejo não será recusado. No entanto, assuntos triviais do mundo não merecem ter como mediador o favor de Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam[3].

---

[1] Veja os capítulos 5 e 6 do quinto fascículo da “**Eterna Felicidade”.**

[2] Este hadîth qudsî é também mencionado por al-Imâm ar-Rabbanî, rahimah -Allâhu ta’âlâ, na carta 122 do volume III do seu “Maktûbât”.

[3] Mir’ât al-Madîna, p. 1282.

Al-Imâm al-A'zam Abu Hanîfa, rahimah-Allâhu ta'âlâ, disse: "Eu estava em Madina. Shaikh Ayyub as-Sahtiani, um dos Sulahâ', entrou em Masjîd ash-Sharîf e eu o segui. Hadrat Shaikh ficou de frente para a Tumba Abençoada, virando as costas para a qibla. E depois ele saiu." Hadrat Ibn Jamâ'a escreveu no seu livro "al-Mansak al-kabîr": "Quando a visita for feita, e depois de fazer um namâz de dois rak'ats e fazer súplicas perto do minbar (púlpito), você deve ir para o lado do Hujrat as-Sa'âda que tem vista para a qibla e, tendo à sua esquerda a cabeça abençoada do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, você deve permanecer a dois metros da parede de al-Marqad ash-Sharîf (o túmu lo do Profeta); depois, deixando para trás a parede do qibla e virando devagar até estar na frente do Muwâjahat as-Sa'âda, você deve cumprimentá-lo, sallallâhu 'alaihi wa sallam. Isto é assim nos quatro Madhhabs."

'Abd al-Ghanî an-Nabulusî, rahimah-Allâhu ta'âlâ, ao explicar o número vinte e três dos "Desastres causados pela língua", escreve: "É makrûh tahrîma, ao fazer uma súplica, dizer 'pelo direito dos Profetas' ou 'pelo direito de tal walî' (vivo ou morto), ou pedir algo a Allâ hu ta'âlâ dizendo isso, porque foi dito que nenhum ser criado tem quaisquer direitos sobre Allâhu ta'âlâ; isto é, que Ele não tem que satisfazer o desejo de qualquer pessoa. Isto é verdade; no entanto, Ele prometeu aos Seus amados escravos e reconhece que lhes deve um direito, ou seja, que lhes concederá o seu desejo. No Alcorão al-Karîm, Allâhu ta'âlâ declarou que Ele assumiu um dever para com os Seus escravos quando, por exemplo, Ele diz: **"Tornou-se um dever para Nós ajudar os crentes"**[1]. Em "al-Fatâwâ al-Bazzâziyya" é dito: "É permitido pedir algo em nome de um Profeta ou de um walî, vivo ou morto, mencionando o seu nome." O comentário sobre 'Shir'a' diz: "Deve-se implorar [a Allâhu ta'âlâ] usando Seus Profetas, 'alaihim-us-salâm, e os sâlih crentes como intermediários. Este fato também está escrito em 'al-Hisn al-hasîn'." Como já vimos, o 'ulamâ muçulmano disse que é permissível implorar a Allâhu ta'âlâ por meio do direito e do amor que Ele deu aos Seus amados. E não houve um único 'âlim que tenha dito que é politeísmo suplicar com a ideia de

[1] Al-Hadîqa.

que os homens têm direitos perante Allâhu ta'âlâ. Só os Wahhâbis dizem isso.

Embora no livro "Fath al-Majîd" eles elogiem 'al-Fatâwâ al-Bazzâziyya' e apresentem seus fatwâs como documentos confiáveis, eles se opõem a ele neste ponto. Também Hâdimî, ao comentar os "Desas tres causados pela língua", escreve: "'Pelo direito do Seu Profeta ou walî' significa que 'sua condição profética ou wilâya está correta'". Nosso Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, também disse com esta intenção: "Pelo direito do Teu Profeta Muhammad", e durante as guerras ele pediu a ajuda de Allâhu ta'âlâ pelo direito dos pobres entre os muhajirun. Também houve muitos 'ulamâ muçulmanos que suplicaram 'em nome daquelas pessoas a quem Tu deste tudo o que Te pediram' e 'pelo direito de Muhammad al-Ghazâlî' e que escreveram estas súplicas nos seus livros"[1]. O livro 'al-Hisn al-Hasin' está cheio de tais súplicas. O tafsîr 'Rûh al-bayân' diz num comentário sobre o âyat 18 do Sûra al-Mâida: "Um hadîth mencionado por 'Umar al-Fâruq, radiy-Allâhu 'anh, diz: 'Quando 'Âdam, 'alaihis-salâm, cometeu um erro, ele disse: 'Ó meu Rabb! Perdoa-me em nome de Muham mad, sallallâhu 'alaihi wa sallam. E Allâhu ta'âlâ disse: 'Eu ainda não criei Muhammad. Como é que o conheces?' Ele disse: 'Ó meu Rabb! Quando Tu me criaste e me deste parte da Tua alma, eu olhei para cima e vi a frase "Lâ ilâha illallâh Muhammadun Rasûlullâh" escrita nas orlas do 'Arsh. Tu só escreverias junto ao Teu Nome o nome do Teu mais amado. Ao perceber isso, eu soube que Tu O amavas muito'. E então Allâhu ta'âlâ disse: 'Ó 'Âdam, tu dizes a verdade. De todas as Minhas criaturas ele é o que Eu mais amo; por isso Eu te perdoei por causa dele. Se Muhammad não existisse, eu não te teria criado". Este hadîth sharîf é mencionado em 'Dalâ'il' do Imâm al-Bayhakî e em 'Ghâliyya' de Âlûsî.

O Wahhâbi escreve: "Imâm Zayn al-'Âbidîn 'Alî, rahimah-Allâhu ta'âlâ, viu um homem fazendo súplicas no túmulo do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, e o interrompeu mencionando o hadîth: 'Recita Salawât para mim. Onde quer que estejas, a tua saudação ser-me-á

[1] Hâdimî, 'Berîqa', Istambul, 1284 H.

transmitida'[1]". O evento é narrado incorretamente, e ele continua: "Consequentemente, é proibido aproximar-se de um túmulo para fazer súplicas e recitar Salawât, que é semelhante a transformar túmulos em lugares de festa". Para aqueles que vão fazer namâz em Mesquita an-Nabî é proibido aproximar-se do túmulo para saudá-lo. Nenhum dos Sahabas fez tal coisa, e impediram os outros de o fazerem. Nenhuma outra ação, exceto as súplicas e saudações ditas por esta Umma, será transmitida ao Profeta". Ele também escreve que o governo saudita colocou soldados perto do túmulo do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, em Mesquita an-Nabî para impedir que os muçulmanos fizessem tal coisa.[2]

Hadrat Yûsuf an-Nabhânî refutou estas mentiras em muitos lugares em seu livro; ele diz: "Imâm Zayn al-'Âbidîn, rahimah-Allâhu ta'âlâ, não proibiu uma visita ao túmulo abençoado do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam. O que ele proibiu foi uma conduta pouco islâmica e desrespeitosa durante a visita. O seu neto, Imâm Ja'far as-Sâdiq, costumava visitar a Hujrat as-Sa'âda, e ao pé da coluna na direção de Rawdat al-Mutahhara, saudava-o e dizia: 'A sua cabeça abençoada está deste lado'. 'Não façais do meu túmulo um lugar de festa' significa 'não visiteis o meu túmulo em certos dias como se fossem dias de festa; visitai-me sempre'."[3].

"Abû 'Abdullah al-Qurtubî escreve em seu 'at-Tadhkira' que as ações do Umma do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, são transmitidas a ele todas as manhãs e noites", (pp. 88, 106). "O Khalîfa Mansûr, durante sua visita ao túmulo do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, perguntou ao Imâm Mâlik: 'Devo me voltar em direção ao túmulo ou em direção à qibla?' O Imâm Mâlik, rahimah-Allâhu ta'âlâ, disse: 'Como pudeste virar a cara para longe do Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam? Ele é a causa do teu perdão e do perdão de teu pai Âdam, 'alaihis-salâm!'" (pp. 89, 116). "O hadîth ash-sharîf, 'Visite os túmulos!' é uma ordem. Se um harâm for cometido durante a visita, não é a visita em si que deve ser proibida, mas o harâm." (p.

[1] Fath al-Majîd, p. 259; para este livro, veja as páginas anteriores.
[2] Ibíd, p. 234.
[3] Shawâhid al-Haqq, p. 80. 3ª. ed., Cairo, 1385 H. [1965 d.C.]. As seis citações seguintes com números de página também se referem a este livro.

92). “Imâm an-Nawawî diz no seu ‘Adhkâr’: ‘É sunna visitar frequen temente o túmulo do Profeta, ‘alaihis-salâm, e os dos muçulmanos devotos, e permanecer nesses lugares por algum tempo. (p.98). “Ibn Humâm, em seu “Fath al-Qadîr”, menciona o hadîth ash-sharîf transmitido por ad-Dâra Qutnî e al-Bazzâr que diz: ‘Se alguém me visitar (no meu túmulo) com a única intenção de me visitar e nada mais, terá direito a que eu interceda por ele no Dia do Julgamento’. (p.100). “Allâhu ta’âlâ favoreceu o awliyâ’ com o karâmât. Os seus karâmât são frequentemente testemunhados mesmo após a sua morte. Mesmo depois da morte, eles são capazes de ajudar. É permitido procurar a sua intercessão perante Allâhu ta’âlâ. Mas deve-se pedir-lhes ajuda de uma forma compatível com o Islam. Não é permitido dizer: “Se me concederes o que te peço, dar-te-ei isto e aquilo” ou “se curares o meu parente doente...”, frases que muitas vezes são ditas pelos ignorantes. Em qualquer caso, isso não pode ser considerado como um ato que causa descrença ou politeísmo, porque mesmo uma pessoa totalmente ignorante não espera que um walî seja capaz de criar nada. O que ele quer é que o walî seja a causa na criação de Allâhu ta’âlâ. Ele acha que o walî é uma criatura humana amada por Allâhu ta’âlâ, e diz: “Por favor, peça a Allâhu ta’âlâ para me conceder o que eu desejo; Ele não vai rejeitar o seu apelo”. O fato é que o Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, disse: “Há muitas pessoas que são consideradas de baixo status e sem valor, mas que são os amados escravos de Allâhu ta’âlâ. Quando eles querem algo, Allâhu ta’âlâ certamente o cria.’[1] Em obediência a este hadîth, os muçulmanos pedem ao awliyâ’ para interceder. Imam Ahmad, al-Imâm ash-Shâfi’î, Imâm Mâlik e al-Imâm al A’zam Abû Hanîfa, rahimahum-Allâhu ta’âlâ’, disseram que é jâ’iz (possível, permissível) obter baraka (bênção) por meio das sepulturas dos piedosos. Aqueles que afirmam ser de Ahl as-Sunna ou que pertencem a um dos Madhhabs de Ahl as-Sunna devem dizer o mesmo que estes imâms disseram. Caso contrário, preferimos tomá-los como mentirosos do que como Sunnî. (p. 118).

Quanto à questão de fazer o hajj em nome de alguém, está escrito no livro ‘al-Fatâwâ al-Hindiyya’: “É permitido doar o thawâb de um

[1] Este hadîth também é mencionado na página 381 do livro ‘Fath al-Majîd’.

‘ibâdat a outra pessoa. Assim, pode-se doar o thawâb do namâz; do jejum; do sadaqa; da peregrinação; da recitação do Alcorão al-karîm; do dhikr; das visitas aos túmulos dos Profetas, dos mártires, dos awliyâ’ e dos muçulmanos sâlih; de dar um sudário para um cadáver; e o thawâb de todos os presentes e boas obras.” Desta passagem resulta que as visitas aos túmulos do awliyâ’ também têm thawâb.

A prova documental do que foi dito até agora foi fornecida em abundância em nossos livros em árabe e inglês. Allâhu ta’âlâ ordena aos muçulmanos que permaneçam unidos. Portanto, todos os muçulmanos devem estudar o i’tiqâd de Ahl as-Sunnat wa-l-Jamâ’at e unir-se no caminho certo da Verdade, crendo conforme é ensinado nos livros desses grandes ‘ulamâ de Ahl as-Sunna. O Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, disse que o único caminho certo seria o do Ahl as-Sunna. Temos de ter muito cuidado para não nos separarmos da unidade dos Ahl as-Sunna e não nos deixarmos enganar pelos escritos desonestos de pessoas ignorantes que ocupam cargos religiosos e comercializam livros religiosos, ou por aqueles hereges que querem confundir os muçulmanos. Allâhu ta’âlâ diz muito claramente no âyat 115 da Sûra an-Nisâ que aqueles que se apartam da unidade dos muçulmanos irão para o Inferno. As provas documentais e referências mostram claramente que a pessoa que não é membro de um dos quatro Madhhabs separou-se da unidade de Ahl as-Sunna e essa pessoa lâmadhhabi acabará por se tornar um herege ou um não muçulmano.[1]

O livro ‘at-Tawassulu bi-n-Nabî wa jahâlat al-Wahhâbiyyîn’ demonstra com exemplos e provas documentais que Ibn Taymiyya tinha abandonado o caminho de Ahl as-Sunna wal-Jamâ’at. Wahhâbismo é uma mistura das heresias de Ibn Taymiyya e as mentiras e calúnias do espião britânico Hempher.[2]

3- Os Wahhâbi dizem: “Construir uma cúpula sobre um túmulo, acender lâmpadas de azeite para os que adoram e servem nos santuários, e fazer voto de esmola para as almas dos mortos, é causa de kufr

[1] ‘Hâshiyatu Durr al-Mukhtâr’, do grande ‘âlim Ahmad at-Tahtâwî e ‘al-Basâ’ir ‘alal-munkirit-tawassuli bi-l-maqâbir’, escrito no Paquistão como refutação de ‘Fath-al-Majid’ e reimpresso em Istambul.

[2] Veja o livro intitulado “Confissões de um Espião Britânico” que pode ser obtido em Hakîkat Kitâbevi, Fâtih, Istambul, Turquia.

(descrença) e shirk (politeísmo)! Os habitantes de al-Haramain (Makka e Madina) têm adorado cúpulas e muros até agora!"

Construir uma cúpula sobre uma tumba é harâm se for feita para ostentação ou ornamentação. Se é para proteger o túmulo da destruição, é makrûh. Se a intenção é impedir a entrada de um ladrão ou de um animal, isso é permitido. Mas não deve se tornar um lugar a ser visitado, ou seja, não se pode dizer que deva ser visitado em determinados momentos.

Não é makrûh para enterrar alguém num edifício que já foi construído. O Sahâba al-kirâm enterrou Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, e os seus dois Khalifahs num edifício. Ninguém se opôs a isso. Hadîth ash-sharîf declara que a unanimidade deles não poderia ter sido baseada em heresia. O grande sábio islâmico Ibn ‘Âbidîn escreveu: "Alguns ‘ulamâ disseram que é makrûh colocar uma tapeçaria, um boné ou um turbante sobre os túmulos dos muçulmanos devotos ou dos awliyâ". O livro "al-Fatâwâ al-hujja" diz que é makrûh para cobrir um túmulo com um pano. Mas, para nós, não é makrûh se a intenção é mostrar aos outros a grandeza daquele que está no túmulo, para evitar que ele seja insultado, ou para lembrar àqueles que o visitam que sejam respeitosos e se comportem corretamente. Atos que não são proibidos em al-adillat ash-Shar'iyya devem ser julgados de acordo com sua intenção. É verdade que no tempo do Sahâba al-Kirâm, não se construíam cúpulas sobre os túmulos nem se colocavam sarcófagos ou panos sobre eles. Mas nenhum deles era contra enterrar numa sala o Rasûlullah, o sallallâhu ‘alaihi wa sallam, e os Shaikhain (os dois Khalifahs que o sucederam). Por esta razão e a fim de cumprir as ordens ‘Não piseis nas sepulturas!’ e ‘Não sejais desrespeitosos com os vossos mortos!’, e porque não foram proibidas, estas práticas não podem ser consideradas bid'a só porque foram adotadas por gerações posteriores. Todos os livros da Fiqh declaram que, imediatamente após o tawâf de despedida, é necessário deixar Mesquita al-Harâm como um ato de respeito ao Ka'ba al-mu'azzama. No entanto, o Sahâba al-Kirâm não teve de o fazer porque sempre respeitaram o Ka'ba. Mas como as gerações posteriores não foram capazes de mostrar a devida reverência, o nosso ‘ulamâ decidiu que tal respeito

deveria ser demonstrado deixando Masjid sem lhe virar as costas (andar para trás). Ao fazê-lo, permitiram-nos ser tão respeitosos como o Sahâba al-kirâm. Da mesma forma, tornou-se permitido cobrir com uma tapeçaria ou construir uma cúpula sobre os túmulos do Sulahâ' e do Awliyâ para ser tão respeitoso como o Sahâba al-Kirâm. O grande 'Hadrat 'Abd al-Ghanî an-Nabulusî explica isto em detalhe no seu livro 'Kashf an-nûr'".[1] Na Arábia, os santuários são chamados de "mashhad". Em al-Madîna al-Munawwara, havia muitos mashhads no cemitério de Bakî'. O lâ-madhhabî destruiu-os a todos. Nenhum 'âlim do Islam alguma vez disse que é politeísmo ou descrença fazer tumbas abobadadas ou visitá-las. E nunca ninguém foi visto a destruir sepulturas.

İbrâhîm al-Halabî, rahimah-Allâhu ta'âlâ, escreveu no final do livro intitulado 'al-Halabî al-kabîr': «Se uma pessoa decide que sua terra será um cemitério e nela resta um espaço vazio, é permitido construir ali um túmulo abobadado com a intenção de enterrar um cadáver. Se não restar nenhum espaço vazio, essa sepultura deve ser destruída e novas devem ser cavadas em seu lugar. Isto porque é um lugar que pertence a um waqf cujo propósito é ser um cemitério. que a construção de tumbas abobadadas era politeísta, ou que tais tumbas eram consideradas ídolos, teria sido sempre necessário destruí-las.

O primeiro túmulo islâmico que existiu no planeta foi Hujrat al-mu'attara, no qual Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam, foi enterrado. Nosso mestre o Rasûlullah, sallallâhu 'alaihi wa sallam, morreu no quarto de sua amada esposa, nossa mãe 'Âisha, radiy-Allâhu 'anhâ, antes do meio-dia da segunda-feira, 12 de Rabî' al-awwal do ano 11 H. Na noite de quarta-feira ele foi enterrado naquele quarto. O Hadrat Abû Bakr e o Hadrat 'Umar, radiy-Allâhu ta'âlâ 'anhumâ, também foram enterrados naquela mesma sala. Nenhum sahâbî se opôs a isso. E agora, no nosso tempo, há oposição a essa unanimidade do Sahâba al-kirâm. Embora a negação do ijmâ' al-Umma por má

[1] Ibn 'Âbidîn, 'Hâshiyatu Durr al-Mukhtâr (Radd al-muhtâr)', p. 232, vol. V, Bulaq, 1272 H.; 'Kashf an-nûr' e 'Tanwîr al-Khalak fî imkâni ru'yati-n-Nabî jihâran wa-l-malak' de Jalâl ad-Dîn as-Suyûtî, rahimah-Allâhu ta'âlâ, foram publicados juntos sob o título 'al-Minhat al-wahbiyya', Istambul, 1393 H. [1973 d.C.].

interpretação (ta'wîl) de uma prova duvidosa (dalîl) não resulte em descrença, ela causa bid'a.

A sala do Hadrat 'Â'isha, radiy-Allâhu 'anhâ, tinha três metros de altura, três metros de largura e quatro metros e meio de comprimento, e foi construída com tijolos de adobe. Tinha duas portas, uma ao norte e outra a oeste. Quando o Hadrat 'Umar, radiy-Allâhu ta'âlâ 'anh, era Khalîfa, ele cercou a Hujrat as-Sa'âda com um muro baixo de pedra. Quando o Khalîfa era 'Abdullah ibn Zubair, radiy-Allâhu ta'âlâ 'anhumâ, ele derrubou aquela parede que depois reconstruiu com pedras negras e a rebocou lindamente. Esta parede não tinha telhado e tinha uma porta virada para norte. Quando no ano 49 H. morreu Hadrat Hasan, radiy-Allâhu ta'âlâ 'anh, seu irmão Hadrat Husayn, radiy-Allâhu ta'âlâ 'anh, seguindo a última vontade e testamento de seu irmão, teve seu corpo trazido para a porta do Hujrat as-Sa'âda com a intenção de levá-lo para dentro do recinto para rezar e pedir intercessão; houve pessoas que se opuseram a isso, pensando que o corpo seria enterrado lá. Consequentemente, e para evitar a disputa, o corpo não foi levado para dentro do recinto e foi enterrado no cemitério de Bâkî'. Para evitar a ocorrência de tais incidentes, a porta da sala e a do muro exterior foram fechadas com muro.

Quando Walîd, o sexto Khalîfa Umayyad, era o governador de Madina, ele levantou a altura da parede e a cobriu com uma pequena cúpula. Quando se tornou Khalîfa, ordenou ao seu sucessor como governador de Madina, 'Umar ibn 'Abd al-'Azîz, que ampliasse a Masjid ash-Sharîf no ano 88 H. [707 d.C.]; foi então que a sala foi rodeada por uma segunda parede, de forma pentagonal, com um telha do e sem portas.[1]

O livro 'Fath al-Majîd' diz: "A pessoa que tenta obter bênçãos (tabarruk) de uma árvore, pedra, sepultura ou algo semelhante torna-se um politeísta. Os túmulos foram idolatrados pela construção de cúpulas sobre eles. O povo do tempo de jâhiliyya também adorava estátuas e pessoas devotas. Hoje o mesmo, e mais excessivo, é feito em túmulos e santuários. Tentar obter bênçãos das sepulturas de pes-

[1] Para mais detalhes, consulte o artigo 15 do "**Conselho para muçulmanos".**

soas piedosas é semelhante a adorar o ídolo al-Lât.[1] Estes politeístas assumem que os awliyâ' ouvem e respondem aos seus apelos. Eles dizem que se aproximam dos mortos fazendo promessas e dando sadaqa para os túmulos. Todos estes atos são formas graves de polite ísmo. Um politeísta será sempre um politeísta, mesmo que se chame outra coisa. Implorar aos mortos com respeito e carinho, sacrificar animais, fazer promessas e outros atos desse tipo são politeísmos, não importa como eles chamem. Os politeístas de hoje, usando as palavras '**ta'zîm**' (respeito, honra) e '**tabarruk**', dizem que o que eles fazem é permissível. Esta suposição é totalmente falsa.[2]

Já traduzimos as respostas que os 'ulamâ muçulmanos deram a essas zombarias ofensivas dirigidas contra os muçulmanos de Ahl as-Sunna, e as escrevemos em vários livros. Aqui está uma passagem do primeiro capítulo do livro "**al-Usûl alarba'a fî tardîd al-Wahhâbiyya"** para mostrar ao leitor sensato que os Wahhâbi se enganaram a si mesmos e levarão os muçulmanos à ruína:

"O Alcorão al-Karîm, o Hadîth ash-sharîf, as declarações e ações do Salaf as-sâlihîn, e a maioria dos 'ulamâ provam documentalmente que é permitido mostrar ta'zîm a alguém que não seja Allâhu ta'âlâ. O 32º âyat do Sûra al-Hajj diz: "E quem quer que honre (yu'azzim) os sha'â'ir de Allâhu ta'âlâ, isso provém do taqwâ dos corações". Assim, tornou-se wâjib honrar os sha'â'ir de Allâhu ta'âlâ. Sha'â'ir' significa 'sinais e indicações'. Abdulhaqq ad-Dahlawî, rahimah -Allâhu ta'âlâ, disse: 'Sha'â'ir é o plural de sha'îra, que significa indicação ('alâma). Tudo o que nos faz lembrar Allâhu ta'âlâ é uma sha'îra de Allâhu ta'âlâ'. âyat 158 do Sûra al-Baqara afirma: "As-Safâ e al-Marwa fazem parte do sha'â'ir de Allâhu ta'âlâ". Como se deduz deste ayat, não só as colinas de as-Safâ e al-Marwa são sha'â'ir de Allâhu ta'âlâ, mas também existem outros sha'â'ir. E não só os lugares chamados 'Arafât, Muzdalifa e Minâ podem ser chamados sha'â'ir. Shâh Walî-Allah ad-Dahlawî, 'rahimah-Allâhu ta'âlâ, diz na página 69 da sua obra 'Hujjat Allâhi-l-bâligha': 'Os maiores sha'â'ir de Allâhu ta'âlâ são o Alcorão al-karîm, a Ka'bat al-mu'azzama, o Profeta, 'alaihis-

[1] Um dos principais ídolos adorados pelos árabes nos tempos pré-islâmicos chamados Jâhiliyya.
[2] Fath al-Majîd, p. 133.

salâtu wa-s-salâm, e o salât obrigatório'. E na página 30 do seu livro 'Altâf al-Quds', Shah Walî-Allah ad-Dahlawî, rahimah-Allâhu ta'âlâ, diz: 'Amar o sha'ir de Allâhu ta'âlâ significa amar o Alcorão al-karîm, o Profeta, 'alaihi-salâtu wa-s-salâm, e o Ka'ba, e amar tudo o que nos faz lembrar Allâhu ta'âlâ. Amar o awliyâ' de Allâhu ta'âlâ é a mesma coisa. [1] Se os dois montes próximos a Mesquita al-Harâm em Makka, as-Safâ e al-Marwa, entre os quais correu Hadrat Hâjar, a mãe do Profeta Ismâ'îl, 'alaihis-salâm, fazem parte dos sha'â'ir de Allâhu ta'âlâ e nos fazem lembrar aquela mãe abençoada, por que não deveri am ser contados entre os sha'â'ir os lugares onde o Profeta Muhammad, 'alaihis-salâtu wa-s-salâm, que é a criatura mais exaltada e o Amado de Allâhu ta'âlâ, nasceu e cresceu, os lugares onde adorou, emigrou, fez salât e morreu, o seu Túmulo Abençoado e os lugares dos seus Âl (as suas benditas esposas e o Ahl al-Bayt) e dos seus Companheiros? Por que eles destroem estes lugares?

Quando o Alcorão é lido com atenção e objetividade, pode-se facilmente ver que muitos ayats mostram 'ta'zîm' pelo Rasûlullah, 'alaihis-salâtu wa-s-salâm. O Sûra al-Hujurât declara: **"Você que acredita! Não antecipe Allâhu ta'âlâ e Seu Mensageiro, e tema Allâhu ta'âlâ, Ele é o Ouvinte e o Conhecedor. Você que acredita! Não levanteis a vossa voz acima da do Profeta, nem faleis com ele em voz alta como fazeis entre vós, para que os vossos feitos não sejam arruinados involuntariamente. Aqueles que baixam a voz na presença do Mensageiro de Allâhu ta'âlâ são aqueles cujos corações Allâhu ta'âlâ encheu de taqwâ. Eles terão o perdão e uma grande recompensa. Aqueles que o chamam aos gritos do lado de fora dos aposentos, em sua maioria, não raciocinam. Seria melhor para eles esperarem pacientemente até que ele saísse".** É óbvio que a pessoa que ler e pensar sobre estes cinco 'ayats' imparcialmente poderá ver como Allâhu ta'âlâ elogia o ta'zîm que deve ser mostrado diante do Seu amado Profeta, 'alaihis-salâtu wa-s-salâm, e

[1] Porque o Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, disse: "Quando se veem os awliyâ', lembra-se de Allâhu ta'âlâ", que foi recolhido no 'Musnad' de Ibn Abî Shayba, no 'Irshâd at-Tâlibîn', e no 'Kunûz ad-daqâiq'. Este hadîth sharîf mostra que os awliyâ' também fazem parte do sha'âir. Em 'Jâmî' ul-fatâwâ' está escrito que é permitido construir cúpulas sobre os túmulos do awliyâ e o 'ulamâ do Dîn' para lhes mostrar honra e respeito.

como Ele ordena que a Umma seja respeitosa e modesta diante dele. O grau da sua importância pode ser apreciado pelo fato de que as ações daqueles que falam mais alto do que ele serão estragadas. Estes âyats desceram como castigo para os setenta membros da tribo Banî Tamîm que tinham chamado o Profeta em Madina gritando desrespei tosamente. Hoje em dia há pessoas que dizem ser descendentes da tribo Banî Tamîm. Ele deve ter-se referido a eles quando o Profeta, ‘alaihis-salâtu wa-s-salâm, disse: **‘No Oriente há um povo rude e torturador’; e apontando com a sua mão abençoada para o Najd (na Península Arábica) ele disse: “Shaytan(o diabo) fará surgir daí a dissensão”.** Alguns dos lâ-madhhabî são ‘najdîs’, que se espalharam a partir do Najd. A dissensão prevista neste hadîth que acabamos de mencionar apareceu mil e duzentos anos depois; eles foram de Najd para Hijâz roubando os bens dos muçulmanos, matando os homens e escravizando as mulheres e crianças. Eles cometeram crimes mais atrozes do que os incrédulos.

E o que é ainda mais: no “ayats” acima, a frase repetida “Ó tu que acreditas” mostra que, todos os muçulmanos de todos os tempos até o Último Dia, são ordenados a mostrar respeito a Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam”. Se o comando tivesse sido apenas para o as-Sahâba al-kirâm, radiy-Allâhu ta’âlâ ‘anhum ajma’în, ter-se-ia dito ‘Ó Sahâba!’ Na verdade, as frases ‘Ó esposas do Profeta!’ e ‘Ó povo de Madina!’ são do Alcorão. A mesma frase “Ó tu que acreditas!” é usada nos “ayats” que declaram que namâz, jejum, peregrinação(hajj), zakât e outros atos de adoração são fard para todos os muçulmanos de todos os tempos até o Último Dia. Então a alegação do Wahhâbi de que o Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, era respeitado quando ele estava vivo, mas não deveria ser respeitado ou sua ajuda procurada após sua morte, é infundada diante desses âyats.

“Os ayats indicam que ta’zîm para os outros, além de Allâhu ta’âlâ, também é necessário. O âyat 104 do Sûra al-Baqara declara**: ‘Você que acredita! Não diga: “Râ’inâ” (ao Profeta), mas sim: “Olha para nós” e preste atenção aos comandos de Allâhu ta’âlâ. Os crentes costumavam dizer ‘Râ’inâ’ (vigia, protege-nos) ao Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam’**. Na língua dos judeus,

‘Râ’inâ’ também significava ‘insultar, difamar’, e os judeus aplicaram esse significado ao Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam’. Tendo também este significado malicioso, Allâhu ta’âlâ proibiu os crentes de usar essa palavra.

“O 33º âyat do Sûra al-Anfâl declara: **‘Allâhu ta’âlâ não os castigará enquanto você estiver entre eles’ e promete não castigá-los até o fim do mundo**.” Este ayat refuta a afirmação do Wahhâbis quando eles declaram que o Profeta morreu e se transformou em pó.

“O 34º âyat do Sûra al-Baqara declara: **‘E quando dissemos aos anjos: Prostrai-vos perante Adão! Todos se prostraram, exceto Iblîs (shaytan)**’. Este âyat karîma ordena que ta’zîm seja mostrado a Âdam, ‘alaihis-salâm. Shaytan se recusou a respeitar qualquer outra pessoa além de Allâhu ta’âlâ e caluniou os Profetas, e assim desobedeceu a esse comando. Os Wahhâbis seguem as pegadas do Shaytan. Os pais e irmãos de Yûsuf, ‘alaihis-salâm, também o honraram, curvando-se diante dele. Se honrar ou mostrar respeito a alguém que não Allâhu ta’âlâ causasse politeísmo ou descrença, Ele não teria elogiado Seus amados escravos com a palavra ‘**sajda**’ (prostração) ao descrevê-los. Segundo o Ahl as-Sunna, a prostração perante alguém que não Allâhu ta’âlâ é harâm porque se assemelha à prostração em adora ção, e não porque seja um sinal de respeito!

“Shaytan (o diabo) sempre apareceu diante do Rasûlullah, sallallâ hu ‘alaihi wa sallam, parecendo um homem velho de Najd. Quando os incrédulos se reuniram num lugar em Makka chamado Dâr an-Nadwa e decidiram matar o Profeta, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, shaytan apareceu com o disfarce de um velho de Najd e ensinou-lhes como cometer um assassinato; os presentes concordaram em fazer como o velho najdî tinha dito. Desde esse dia, Shaytan tem sido chamado Shaikh an-Najdî. Hadrat Muhyiddîn Ibn al-’Arabî escreve em sua obra “**al-Musâmarât**”: ‘Quando os descrentes dos Quraish estavam reconstruindo o Ka’ba, cada um dos chefes das tribos disse que era ele quem colocaria a estimada pedra chamada “al-Hajar al-aswad”. Quando surgiu uma disputa, eles concordaram que a primeira pessoa a chegar [ao Ka’ba] na manhã seguinte seria o árbitro que escolheria, dentre eles, quem colocaria a pedra em seu lugar. O primeiro a chegar

foi o Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam. Ele tinha então vinte e cinco anos e eles concordaram em obedecer à sua decisão porque era uma pessoa em quem se podia confiar (amîn). Ele disse: “Tragam uma tapeçaria e ponham a pedra sobre ela. Segurem todos a tapeçaria pelos lados e levantem-na até a altura onde a pedra deve ser colocada”. Depois que a levantaram, ele tirou a pedra da tapeçaria com suas mãos abençoadas e a colocou em seu lugar na parede. Naquele momento Shaytan apareceu na forma de Shaikh an-Najdî e, apontando para uma pedra, disse: “Coloque esta ao lado dela, para sustentá-la.” Seu verdadeiro objetivo era que a pedra que ele havia apontado caísse no futuro, fazendo ‘al-Hajar al-aswad’ perder o equilíbrio; a consequência seria que as pessoas considerariam o Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, como uma pessoa de mau presságio. Ao vê-lo, o Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, disse: “**A’ûdhu bi’llâhi min ash-shaytâni-r-rajîm**”, e o shaytan fugiu e desapareceu. Porque Muhyiddîn ibn al-’Arabî, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, com este escrito, fez saber ao mundo que o Shaikh an-Najdî era o shaytan, os lâ-madh-habî odeiam este grande walî e chegam a rotulá-lo de descrente. A partir desta passagem é claro que o seu líder era um demônio. É por isso que eles destroem os lugares abençoados que são o legado de Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam. Dizem que estes lugares fazem com que as pessoas se tornem politeístas. Se fosse politeísmo suplicar a Allâhu ta’âlâ em lugares santos, Ele não nos teria ordenado a fazer o hajj; o Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, não teria beijado o Hajar al-aswad enquanto fazia o tawâf; ninguém faria súplicas em ‘**Arafât** e **Muzdalifa;** pedras não seriam atiradas em Mina, e muçulmanos não iriam entre **as-Safâ** e **al-Marwa**. Esses lugares santos não teriam sido tão respeitados.

“Quando Sa’d ibn Mu’âdh, radiy-Allâhu ta’âlâ ‘anh, líder dos Ansâr, veio ao lugar onde estavam reunidos, o Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, disse: ‘Levantai-vos para o vosso líder!’ O propósito dessa ordem era que todos honrassem Sa’d. Não é correto dizer: ‘Sa’d estava doente. Era para ajudá-lo a descer da sua montaria’, porque a ordem era dirigida a todos os presentes. Se o propósito fosse

ajudá-lo, a ordem seria apenas para uma ou duas pessoas e ele teria dito ‘a Sa’d’ sem ter que dizer ‘ao seu líder’.

“Cada vez que ele ia de Madina a Makka para fazer o hajj, ‘Abdul lah ibn ‘Umar, radiy-Allâhu ‘anhumâ, parava, fazia namâz e fazia du’â nos lugares santos onde o Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam costumava sentar. Ele obteve bênçãos nesses lugares. Ele punha as mãos no minbar (púlpito) do Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, e depois esfregava-as no seu rosto. O imâm Ahmad ibn Hanbal, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, costumava beijar a Hujrat as-Sa’âda e o minbar para ser abençoado. Por um lado, os lâ-madhhabî declaram que pertencem ao Madhhab Hanbalî mas, por outro, qualificam como politeísmo o que o imâm deste Madhhab fez. Segue-se que a sua pretensão de serem Hanbalî é falsa. Imâm Ahmad ibn Hanbal pôs a cami sa de al-Imâm ash-Shâfi’î, rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, na água, e depois bebeu -o para obter bênçãos. Khâlid ibn Zayd Abû Ayyûb al-Ansâri, radiy-Allâhu ‘anh, esfregou o rosto contra o túmulo abençoado de Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, e quando alguém o quis levantar, disse: ‘Deixem-me ir! Eu não vim pelas pedras ou pela terra, mas para ter uma audiência com o Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam.

“O Sahâba al-kirâm, ‘alaihimu-r-ridwân, costumava obter bênçãos das coisas que pertenciam ao Rasûlullah, sallallâhu ‘alaihi wa sallam”. Eles obtiveram bênçãos da água que ele tinha usado para fazer a ablução, do seu suor abençoado, túnica, bastão, espada, sandá lias, copo, anel, de tudo o que ele usava. Umm-i-Salama, radiy-Allâhu ‘anhâ a mãe dos crentes, tinha guardado um cabelo da sua abençoada barba. Sempre que uma pessoa doente a vinha ver, ela punha o cabelo na água e dava-lhe essa água para beber. Para terem saúde, costumavam beber água no seu copo abençoado. Do túmulo do Imâm al-Bukhârî, ‘rahmatullâhi ta’âlâ ‘alaih, emanou o cheiro do almíscar e as pessoas recolheram o pó do túmulo para serem abençoadas com ele. Nunca houve um ‘âlim ou um mufti para se opor a isto. O ‘ulamâ do fiqh e o hadîth permitiram que assim fosse[1]. Aqui termina a tradução do livro **‘Al-Usûl al-arba’a’.**

[1] Al-Usûl al-arba’a’, parte I.

Nos dias do Sahâba al-Kirâm e do Tâbi'ûn, e mesmo até o final do primeiro milênio, houve muitos awliyâ' e sulahâ'. As pessoas costumavam visitá-los e obter bênçãos deles, assim como obter as suas orações (du'â). Não era necessário transformar os mortos em interme diários (tawassul) ou obter bênçãos (tabarruk) de coisas inanimadas. O fato de que tais eventos eram incomuns naqueles dias não significa que eles fossem proibidos. Se tivessem sido proibidos, teria havido pessoas para impedi-los, mas não houve um único 'âlim que os impedisse. No entanto, à medida que se aproximou a Última Era, as bid'as e os sintomas de incredulidade aumentaram.

Os jovens têm sido enganados pelos inimigos do Islam disfarçados de autoridades religiosas e científicas[1] e, como a irreligiosidade ou a apostasia se adaptava aos seus propósitos, os ditadores e tiranos, os escravos do seu nafs, apoiaram largamente este movimento. O número de 'ulamâ e awliyâ' diminuiu; o fato é que não apareceu nenhum nas últimas décadas e, por isso, tornou-se necessário obter bênçãos dos túmulos dos awliyâ' e das coisas que eles deixaram.

No entanto, como em todas as questões e atos de culto, estas práti cas também têm sido contaminadas pela introdução de atos que são harâm. A unanimidade do "'ulamâ do Islam"[2] é que é necessário purificar as práticas permitidas das bid'as que nelas foram introduzidas, em vez de proibir as próprias práticas. Veja o livro intitulado 'Conselho para os Muçulmanos', uma das publicações de Hakîkat Kitâbevi em Istambul, Turquia. Suas páginas finais fornecem informações detalhadas sobre as crueldades e perseguições impostas pelo Wahhâbis aos muçulmanos de Hijaz. Os muçulmanos colocam lápides nas sepulturas em que escrevem os nomes dos que morreram. Quem os visita, recita a Sûra Fâtiha e faz súplicas pelas almas dos nomes inscri tos nas lápides. Se um muçulmano visita o túmulo de um wali, ele faz uma súplica adicional na qual pede à alma do wali que interceda por ele e que faça du'â por ele.

[1] Aqueles que usam o disfarce de cientistas são chamados de 'pseudocientistas', e aqueles que usam o disfarce de autoridade religiosa são chamados de 'zindiq'.

[2] Os escritos do 'ulamâ relacionados com este tema são citados no livro de Ahmad bin Zaynî Dahlân 'ad-Durar as-saniyya fi-r-raddi 'alâ-l-Wahhâbiyya', Egito, 1319 H. e 1347 H.; reprodução fotográfica, Istambul 1395 H. (1975 d.C.). Aqueles que as lerem não terão mais dúvidas sobre isto.

5 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os atributos de Allâhu ta'âlâ se manifestam em cada criatura, por pequenos que sejam os seus vestígios. Por exemplo; assim como Seus Atributos de Misericórdia e Compaixão são manifestados, também o são Seus Atributos de Raiva, Indignação e Punição. Em cada substância, em tudo o que existe, Ele cria benefícios e prejuízos. O homem assume que coisas agradáveis e sedutoras também são benéficas, mas essa suposição é a causa de sua má direção. Allâhu ta'âlâ, que é muito compassivo, enviou Profetas que ensinaram os benefícios e danos de todas as coisas, ordenaram o que é benéfico e proibiram o que é prejudicial. Ele chamou esses comandos de fard e as proibições de harâm ou dunyâ. Todos estes comandos e proibições são chamados de Sharî'at. O significado do comando: "Evite o dunyâ" é "Evite fazer o harâm!" Outro significado da palavra "dunyâ" é "a vida deste mundo, a vida antes da morte". Nenhum dos prazeres e delícias do mundo é harâm (proibido). O que é proibido é usá-los de uma forma prejudicial, enquanto que usá-los de uma forma benéfica é fard ou sunna. Diferentes órgãos do corpo desfrutam e se deleitam em diferentes coisas, assim como o coração e o nafs.

Todos os membros de um ser humano estão sob o comando do coração. Este coração, que chamamos de 'qalb', não é algo visível. É um tipo de poder que se encarna naquele pedaço de carne que nós (também) chamamos de "coração".

Os nafs gostam de fazer o harâm. Shaytan e nafs, por um lado, e má companhia, por outro ─que incluem não só as palavras e escritos enganosos de amigos nocivos, mas também os programas de rádio e televisão que desencaminham─ são propensos a seduzir o ser humano e tentar o coração a fazer harâm.

Aquele que tem 'Imân em seu coração, que acredita que Muhammad, sallallâhu 'alaihi wa sallam, é o Profeta, é chamado de muçulmano. O muçulmano tem de conformar as suas ações com os Sharî'at de Muhammad, sallallâhu 'alaihi wa sallam, que ele deve estudar nos livros escritos pelo verdadeiro 'ulamâ que chamamos Ahl as-sunna. Ele não deve ler livros religiosos escritos por pessoas sem Madhhab.

Ao seguir o Sharî'at, ele começará a se afastar do mundo, ou seja, do harâm. Quando o coração é esvaziado do desejo de fazer harâm, o amor de Allah começa a enchê-lo. É o mesmo que quando uma garra fa de água é esvaziada, o ar toma o seu lugar imediatamente. Nesse coração, começarão a desenvolver-se sentidos que nos são desconhecidos. Começará a perceber o mundo na sua totalidade, até mesmo a vida no túmulo. Ouvirá um som onde quer que esteja. Onde quer que haja um som, ele o ouvirá. Todos os seus atos de adoração e súplica serão aceitos. Ele vai ter uma vida feliz e pacífica.

Na página 483 do livro intitulado "**al-Fiqh-u-'ala-l-madhâhib-il-arba'a**" (escrito por 'Abd-ur-Rahmân Jazîrî, m. 1384 H.) está escrito: "Sempre que um muçulmano não tiver 'udhr, (algo que o impeça de obedecer a certos comandos ou proibições do Islam sem poder evitá-los) terá de fazer os cinco namâz diários nas horas prescritas. Não é jâiz (permitido) fazer nenhuma das cinco orações diárias antes ou depois do seu tempo prescrito. A religião do Islam é uma religião de facilidade e flexibilidade. Em circunstâncias difíceis, é permitido fazer o namâz antes ou depois do seu tempo prescrito. No entanto, esta flexibilidade depende das situações e tem condições. Se essas condições não forem cumpridas, é uma transgressão grave fazer o namâz após o seu tempo. Estas condições variam de acordo com o Madhhab a ser seguido.

No Madhhab Mâlikî é permitido fazer "**Jam**" de namâz, (para fazer dois namâz sucessivos no tempo prescrito de um deles) durante um safar (viagem de longa distância), (algo que é explicado em detalhes no capítulo 15 do quarto fascículo de 'Eterna Felicidade'), quando se está doente, em caso de chuva ou por causa da lama à noite.

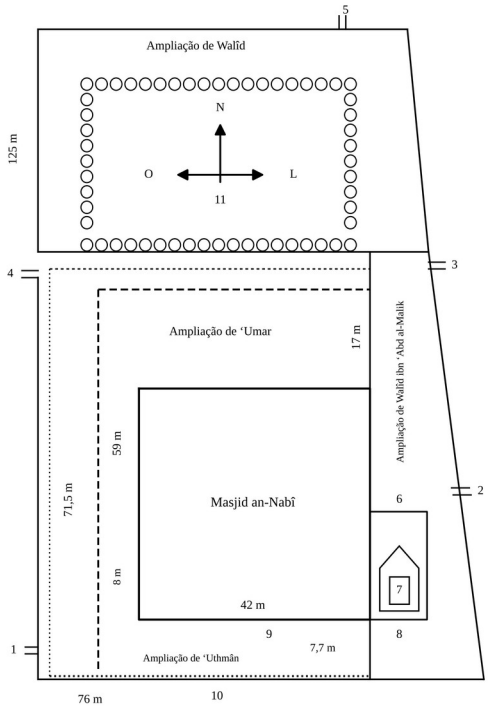
No Madhhab Shâfi'î, jam' é permitido durante um safar e quando chove, desde que uma série de condições sejam cumpridas. No Madh hab Hanafî, jam' só é permitido aos hâjjîs (peregrinos muçulmanos) no lugar chamado Arafat e quando estão em Muzdalifa; de fato, são obrigados a fazê-lo nesses dois lugares.

No Madhhab Hanbalî, jam' é permitido nos seguintes casos: o muçulmano em safar (viagem) ou que esteja doente. A mulher que está amamentando ou que sofre de istihâda (sangramento fora do

período menstrual). A pessoa que tem uma ‘udhr que invalida a sua ablução. A pessoa que tem dificuldade em realizar a ablução ou tayammum. A pessoa cega. Aqueles que não podem seguir as horas de oração (aqueles que trabalham debaixo da terra). A pessoa que teme pela sua vida, pela sua propriedade ou pela sua castidade. A pessoa cujo sustento pode ser prejudicado.

Fazer jam’ de (dois) namâz significa fazer taqdîm da oração da tarde (‘asr), fazendo-a na hora da oração do meio-dia (zuhr), ou fazer ta’khîr da oração do meio-dia, adiando-a para a hora da oração da tarde para fazê-la então. Jam por meio de taqdîm (para fazê-lo em um momento anterior) e ta’jîr (para adiá-lo) também é permitido com a oração após o pôr-do-sol e a oração da noite.

6 — MASJID AN-NABÎ



1. Bâb as-salâm
2. Bâb al-Jibrîl
3. Bâb an-Nisâ
4. Bâb ar-rahma
5. Bâb at-tawassul
6. Shabakat as-Sa’âda
7. Hujrat as-Sa’âda
8. Muwâjahat ash-Sharîfa
9. Mihrâb an-Nabî
10. Mihrâb al-’Uthmânî
11. Parte coberta com areia

7 — COMO DEVE SER O VERDADEIRO MUÇULMANO

O primeiro conselho é corrigir a crença de acordo com os ensinamentos dos ‘ulamâ de Ahl as-Sunna, tal como estão escritos nos seus livros, porque somente este Madhhab será salvo do Inferno. Que Allâ hu ta’âlâ encha essas pessoas elevadas de recompensas por todo o seu trabalho! O ‘ulamâ dos quatro Madhhabs que obtiveram o grau de ijtihâd, e o grande ‘ulamâ a quem eles ensinaram, são chamados ‘ulamâ do Ahl as-Sunna’. Uma vez corrigida a crença (îmân), é necessário fazer os atos de culto contidos no conhecimento da Fiqh, ou seja, fazer as ordens do Sharî’at e abster-se do que ele proíbe. Deve-se fazer namâz cinco vezes ao dia, sem reticências ou negligência, e ser meticuloso sobre suas condições e ta’dîl-i arkân. Quem tiver a quanti dade mínima de bens (nisâb) tem de pagar zakât. Imâm-i A’zâm Abû Hanîfa diz: “Também é obrigatório pagar o zakât do ouro e da prata que as mulheres usam como adorno.

Não se deve desperdiçar esta vida valiosa nem mesmo em mubâhs desnecessários. Com mais razão ainda, não se deve desperdiçá-la em harâm. Nem devemos nos entreter com taghannî, cânticos, instrumen tos musicais ou canções. Não nos devemos deixar enganar pelo prazer que isso dá ao nosso nafs. São venenos misturados com mel e cobertos com açúcar.

Não devemos fazer giybat. Giybat é harâm. Giybat significa falar da falta oculta de um muçulmano ou de um zimmî nas suas costas. O que é necessário é informar os muçulmanos das faltas dos harbîs (inimigos), dos pecados daqueles que cometem esses pecados publicamente, dos males cometidos por aqueles que perseguem os muçulmanos e os enganam em transações comerciais, para que os muçulmanos se precavenham dos seus males, dos caluniadores e daqueles que falam e escrevem sobre o Islam de forma enganosa; estes não são giybat. Estes relatórios não são giybat. [‘Radd-ul-Muhtâr’: 5-263].

Não se deve espalhar mexericos (levar e trazer palavras) entre os muçulmanos. Foi declarado que aqueles que cometem estes dois tipos de transgressões serão submetidos a tormentos. Mentir e caluniar é

harâm e deve ser evitado a todo o custo. Estes dois males foram harâm em todas as religiões. Os seus castigos são muito pesados. Se alguém esconde as faltas dos muçulmanos, não revela as suas transgressões privadas e perdoa os seus erros, recebe muito thawâb. Devemos ter compaixão por aqueles abaixo de nós, por aqueles sob nossa autorida de [esposas, filhos, estudantes, soldados, etc.] e pelos pobres. Não se deve repreendê-los por suas culpas e não devem ser espancados, prejudicados ou amaldiçoados por razões triviais. Ninguém deve violar a honra, propriedade, vida ou castidade de qualquer pessoa. As dívidas para com outras pessoas e para com o governo devem ser pagas. Suborno é harâm, tanto aceitando-o como dando-o. No entanto, não é considerado suborno se for dado para escapar da opressão de uma pessoa cruel ou para livrar-se de uma situação intolerável. Contudo, mesmo nestes casos, é harâm aceitar o suborno oferecido. Todos devem ser capazes de ver as suas falhas e pensar a cada hora nas falhas que cometeu em relação a Allâhu ta'âlâ. Deve-se ter sempre em mente que Allâhu ta'âlâ não tem pressa em punir ou privar de sustento. Man datos vindos de pais ou do governo que concordam com o Sharî'a devem ser obedecidos, mas aqueles que não concordam não devem ser combatidos para não causar a fitna. [Ver a carta 123 no volume II do livro intitulado "Maktûbât-i Ma'sûmiyya".]

Uma vez que a crença tenha sido corrigida e os requisitos contidos na Fiqh tenham sido cumpridos, deve-se gastar todo o tempo na lembrança de Allâhu ta'âlâ. Deve-se persistir na lembrança, na invocação de Allâhu ta'âlâ, como os mais exaltados 'ulamâ e walî declararam. Deve-se sentir hostilidade para com tudo aquilo que impeça o coração de se lembrar de Allâhu ta'âlâ. Quanto mais o Sharî'at for realizado, maior o prazer de lembrar Allâhu ta'âlâ. À medida que aumentam a indolência e a relutância em obedecer ao Sharî'at, esse deleite vai diminuindo gradualmente, até se perder por completo.

Para os muçulmanos, tanto homens como mulheres, é harâm sair ou se envolver em atividades ao ar livre, como jogos de bola e natação, sem se cobrir devidamente (as partes do corpo que o Islam proíbe de mostrar aos outros e que são chamadas) as partes awrat. Também é harâm ir a lugares onde há pessoas com as suas partes awrat expostas.

[‘Islâm Ahlâk’ **(Ética do Islam**)]. Se para além de fazer algo harâm, se deixar passar o tempo prescrito para um dos cinco namâz diários (sem o fazer dentro do seu tempo), isso não só irá aumentar a transgressão do harâm, mas pode até induzir a um estado de descrença. É harâm tocar qualquer tipo de instrumento musical, assim como fazer de forma melodiosa qualquer recitação religiosa, por exemplo, ler ou recitar (passagens do) Alcorão al-karîm, recitar (uma loa ao Mensageiro de Allah, Muhammad, sallallâhu ‘alaihi wa sallam, chamada) o Mawlid, ou recitar (o chamado prescrito para o namâz, denominado) adhân. Também é harâm usar instrumentos musicais, como flautas, ou microfones e alto-falantes em tais celebrações religiosas. Recitar de uma forma melodiosa implica que algumas vogais são alongadas, o que pode distorcer o significado. Os Wahhâbi estão tentando proibir a celebração de Mawlid com argumentos casuísticos como: “O Profeta está morto, ele não será capaz de ouvir você. E, além disso, é politeís mo elogiar qualquer outro que não seja Deus.” Esta crença deles é a verdadeira incredulidade.

Usar microfones e alto-falantes é como usar um telefone. Se há algo que é harâm dizer, não é permissível ouvi-lo através de um alto-falante. É permitida a utilização de alto-falantes para fins educacionais, tais como o ensino das ciências, artes, economia, conhecimento religioso, ética e disciplinas marciais. Não é permitido o uso de microfones e alto-falantes para divulgar textos corruptos destinados a prejudicar a conduta moral e religiosa, ou para amplificar o som ao dar o adhân ou o que é recitado em um namâz em público, ou para ouvir tais performances. A voz ouvida de um alto-falante instalado em um minarete não é a voz do muadhin (pessoa que dá o adhân). Por mais que se pareça com a voz humana, é o som produzido pelo micro fone e pelo alto-falante. Quando ouvimos essa voz, devemos dizer “é hora de rezar” em vez de dizer “eles estão dando o adhân”, porque o som que o alto-falante produz não é a voz original da pessoa que está dando o adhân. É uma cópia que reproduz o adhân.

Alguns hadîth-i-sharîf dizem: “Quando o fim do mundo se aproxi mar, o Alcorão al-karîm será recitado através de (instrumentos) chamados mizmâr.” “Chegará um momento em que o Alcorão al-karîm

será recitado através do mizmâr. Não será recitado para agradar a Allâhu ta'âlâ, mas apenas por prazer." "Há muitas pessoas que recitam o Alcorão al-karîm, e o Alcorão al-karîm as amaldiçoa." "Chega rá o momento em que o povo mais dissoluto será (entre) o muadhin." "Chegará uma altura em que o Alcorão al-karîm será recitado com mizmâr." "Allâhu ta'âlâ amaldiçoará aqueles que o fizerem." Mizmâr significa um instrumento musical de qualquer tipo, como um apito, por exemplo. Um alto-falante também é um mizmâr. Os muadhin devem temer estes hadîth-i-sharîf e evitar dar o adhân usando alto-falantes. Algumas pessoas que são ignorantes em matéria religiosa afirmam que os altifalantes são úteis porque transmitem som a longas distâncias. Nosso profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, nos advertiu: "Façam os atos de adoração como vocês viram a mim e aos meus Ashâb (Companheiros) fazê-los! As pessoas que introduzem mudanças em atos de adoração são chamadas de "ahl-i-bid'at" (pessoas de bid'at, hereges). As pessoas de bid'at certamente irão para o Inferno. Nenhum dos seus atos de adoração será aceito." Declarar que mudanças úteis são feitas nas práticas religiosas não é correto. Declarações deste tipo são mentiras inventadas pelos inimigos do Islam. Os 'ulamâ do Islam são aqueles que julgam se uma determinada mudança é benéfica ou não. Aqueles 'ulamâ de grande conhecimento são chamados mujtahids. Os mujtahids não introduzem mudanças a seu bel-prazer. Eles sabem muito bem se uma emenda ou uma mudança será (um ato de) bid'at. E foram unânimes em que dar o adhân através de um alto-falante (mizmâr) é uma bid'at.

O caminho que leva ao amor de Allâhu ta'âlâ passa pelo coração do ser humano. Uma vez criado, o coração é puro como um espelho. Os atos de adoração aumentam a pureza e o brilho do coração. As transgressões obscurecem-no e o resultado é que não receberá mais os fayd (pedaços sutis de conhecimento espiritual) e nûr (luzes) transmitidos pelos (raios invisíveis do) amor. Os sâlih (devotos) muçulmanos vão perceber esta ausência e ficar tristes. Eles não gostam de cometer transgressões e seu desejo é fazer mais e mais atos de adoração. Por exemplo, em vez de apenas fazer as cinco orações diárias, eles querem fazer orações voluntárias também. O nafs humano acha benéfico

e agradável cometer transgressões. Todos os tipos de bid'at e transgressões são o alimento do nafs, que é um inimigo de Allâhu ta'âlâ, e aumentam a sua força. Um exemplo disso é dar o adhân usando um alto-falante.

A infância é a idade em que se adquire conhecimento, e se esse período de tempo benéfico for desperdiçado, os filhos dos muçulmanos serão ignorantes, o que significa uma geração sem religião no futuro. Se eles forem testemunhas silenciosas deste processo catastrófico, as autoridades religiosas terão a maior responsabilidade por esta grave transgressão. Se alguém não aprender o que é halâl e harâm, ou o desprezar apesar de o ter aprendido, tornar-se-á um descrente. Ele não será diferente daqueles que vão à igreja ou incrédulos que adoram ídolos ou imagens. O inimigo jurado do ser humano é o seu próprio nafs, que sempre quer o que é prejudicial. Os desejos do nafs são chamados shahwat (luxúria). Satisfazer esses desejos carnais dá grande prazer ao nafs. Não é pecado satisfazê-los na medida do necessário, mas será prejudicial e uma transgressão fazê-lo em excesso. A fim de evitar que as crianças muçulmanas adquiram conhecimentos religiosos, os inimigos do Islam atraíram-nas para os jogos de bola em nome de atividades esportivas e de treino físico. Como exibir as partes awrat (corpo) e olhar para as partes awrat dos outros é uma das diversões favoritas dos nafs, a loucura pelos jogos de bola se espalhou rapidamente entre as crianças. Os pais muçulmanos devem assegurar que seus filhos e filhas jovens sejam casados (adequadamente) o mais rápido possível; devem impedir que saiam em grupos mistos de ambos os sexos e que participem de jogos de bola, onde a exposição das partes awrat é inevitável; e devem enviá-los a um professor sâlih muçulmano para aprender a religião e fortalecer a crença.

HÜSEYN HİLMİ IŞIK

'Rahmat-Allahi 'alaih'

Editor das Publicações Hakîkat Kitâbevi, nasceu em Eyyub Sultan, Istambul, em 1329 (1911 d.C.). Dos cento e quarenta e quatro livros que publicou, sessenta são em árabe, vinte e cinco em persa,

catorze em turco e os restantes são em francês, alemão, inglês, russo, entre outras línguas. Hüseyn Hilmi Işık, 'Rahmat-Allahi 'alaih' (guia do por Sayyid 'Abdulhakim Arwâsî, 'Rahmat-Allahi 'alaih', um profundo sábio da religião, perfeito nas virtudes do Tasawwuf e capaz de guiar discípulos de uma maneira completamente madura; possuidor de glórias e sabedoria) era um grande e competente estudioso islâmico capaz de guiar à felicidade. Faleceu durante a noite entre 25 de outubro de 2001 (8 de Sha'bân de 1422) e 26 de outubro de 2001 (9 de Sha'bân de 1422). Ele foi enterrado em Eyyub Sultan, onde nasceu.

Para: Livraria Hakîkat

Caros irmãos no Islam:

As-salam alaykum wa rahmatullâhi wa barakâtuh.

Todos os louvores sejam para Allahu ta'âlâ. Que a paz esteja com o Santo Profeta do Islam (sallallâhu 'alaihi wa sallam). Que Deus esteja satisfeito com vocês!

Escrevo esta carta para lhe agradecer e louvar suas boas ações no caminho certo que você tomou para salvar o Islam e os muçulmanos neste mundo moderno, este mundo cego.

Recebi seus livros de tão grande valor: ETERNA FELICIDADE IV, CRENÇA E ISLAM e O CAMINHO SUNNI. Os livros chegaram apenas seis dias depois de eu te ter escrito uma carta a perguntar sobre Qada e Qadar e música. A verdade é que eu não sei como lhe agradecer porque não há palavras, nem frases, nem cartas que possam transmitir os meus sentimentos sobre si. Nunca achei conveniente limitar meus agradecimentos a palavras e cartas, e espero que vocês perdoem meu pobre e fraco intelecto.

No início escrevi para vos agradecer pela 'Eterna Felicidade III', e também queria saber o preço dela e de outros livros publicados por Hakîkat Kitâbevi. Vocês são pessoas extraordinárias! Não só não me pediram que pagasse por esse livro, como me enviaram outro sem exigir nada. Não sei o que dizer, pois vocês alegram o meu coração, fazem-me tomar consciência de mim mesmo como muçulmano e me protegem contra os inimigos do Islam. Só me resta rogar a Deus que Se agrade de vocês, lhes conceda os Seus favores, lhes dê abundância e os recompense com a felicidade eterna.

Como agora estou concentrado na 'Eterna Felicidade IV' que acabo de receber, juntamente com outros livros, posso deduzir que vocês estão apresentando o Islam em sua pureza absoluta e tenho muito prazer em dizer que obtive respostas para a maioria das minhas perguntas. Este livro é único no ensino da fé prática e dos deveres dos muçulmanos. Tornou-se meu amigo quando saio de casa, meu companheiro quando estou sozinho, meu professor quando estudo e meu guia quando rezo. Todos os livros que me enviaste são excelentes. Graças a eles pude ver que não se deve ficar satisfeito com o luxo, a prosperidade e a boa vida, mas sim esforçar-se para adquirir um conhecimento profundo do Islam e tentar transmitir a mensagem da verdadeira religião a pessoas de todas as idades.

No entanto, devo dizer-vos com vergonha e amargura que o meu pai não é um muçulmano praticante. Isto tem sido, há muitos anos, um obstáculo para o meu estudo da religião do Islam. Durante anos fui vítima de opressão, e na minha casa muitas vezes não há paz. Em todos os momentos, ao longo dos dias e anos, tenho pensado e suplicado muito para tentar resolver as coisas o melhor que posso e planejado como sair dessa situação. Foi nessa altura que um jovem da minha idade apareceu na minha vida. Temos um tal grau de confiança que muitas vezes falamos sobre os nossos assuntos pessoais. Depois de lhe contar os meus problemas, ele aconselhou-me a escrever à sua editora. Durante muitos anos refleti desesperadamente sobre o signifi cado de ser muçulmano. Tenho olhado em pormenor para saber como ser muçulmano e aceitar, sincera e inequivocamente, o Alcorão Sagrado e as suas ordens para os implementar; sinceramente e na sua totalidade.

Nesta parte do mundo as pessoas são muito corruptas, há muitos grupos heréticos que zombam da religião e a transformam em um negócio para satisfazer seus desejos sensuais. Alguns dos que afirmam ser líderes muçulmanos desviaram-se e até abandonaram o Islam. Muitos transformaram o Din em um negócio lucrativo do qual recebem milhões de nairas (moeda nigeriana). A verdade é que qualquer precaução não é suficiente. Os líderes religiosos reduziram a

crença a meras palavras que podem ser embelezadas com uma bela retórica cujo único objetivo é conquistar os aplausos do povo.

Depois de estudar cuidadosamente as suas publicações, cheguei à conclusão de que neste mundo não preciso de nada nem de ninguém, exceto do Hadrat HILMI IŞIK, e percebi que terei muito a lamentar no Além se não procurar o conhecimento certo e verdadeiro. Como posso justificar a minha situação a Allah se não estudar, não praticar e não servir o Islam?

Caros irmãos no Islam, estou determinado a estudar a única religi ão verdadeira. Eu não quero ficar impotente e ver as pessoas irem à ruína. Portanto, eu ficaria muito satisfeito se você considerasse o meu pedido de ir à Turquia. Gostaria de participar com vocês em todas as áreas de suas atividades e esforços em nome do Islam, pois são também as minhas atividades e os meus esforços. Eu quero estudar o Dîn certo e seguir o Madhhab Hanafî sob sua orientação e graças à sua cortesia.

Se o meu pedido for aceite, gostaria que me fornecesse informações detalhadas sobre a organização da minha viagem.

Entretanto, como me faltam os meios, gostaria de trabalhar durante alguns anos para poder obter o necessário para pagar as minhas despesas de viagem.

Gostaria de repetir que lhe enviei uma fotografia minha quando lhe fiz algumas perguntas sobre a Qada e o Qadar na minha última carta. Para minha completa satisfação, ‘Eterna Felicidade IV’ deu-me as respostas às minhas dúvidas sobre música.

Gostaria que continuasses a enviar-me mais daqueles livros que são tão valiosos para mim. Confio na sua ajuda na luta e na busca de proteção contra as ações e os livros corruptos dos inimigos do Islam. Que Allah te dê o melhor onde quer que estejas! Âmîn. Wa-salam.

O seu irmão no Islam Alabi c/o Muhammad Shaikh,
Caixa Postal 1071
Ogbomoso, Estado de Oyo
Nigéria

GLOSSÁRIO

A melhor maneira de estudar os termos relacionados à Tasawwuf é com o livro "Maktûbât" de Ahmad al-Farûqî as-Sirhindî, rahmatullâhi ta'âlâ 'alaih.

'âbid: aquele que faz muita 'ibâda (atos de adoração).

Ahl al-Bayt: os parentes mais próximos do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, que, segundo a maioria dos 'ulamâ do Islam, são: 'Ali, primo em primeiro grau e genro; Fâtima, filha; Hasan e Husain, netos, radiy-Allâhu ta'âlâ 'anhum.

a'immat al-madhâhib: plural de imâm al-madhhab.

âlim: (pl. 'ulamâ): muçulmano erudito do Islam.

Allâhu ta'âlâ: Allah, a Quem pertencem todos os tipos de superioridade.

Ansâr: habitantes de Madina que abraçaram o islamismo antes da conquista de Makka.

aqcha: uma moeda, uma unidade monetária.

'Arafât: uma planície situada a 24 km ao norte de Makka.

'Arsh: o limite onde termina a matéria, que confina com os sete céus e com o Kursî, o qual está fora do sétimo céu e dentro do 'Arsh.

Asr as-Sa'âdat: a 'Era da Prosperidade': o tempo do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, e dos primeiros quatro Califas, radiy-Allâhu ta'âlâ 'anhum.

awliyâ: pl. de walî.

awqâf: (pl. de waqf) fundações de natureza religiosa. Ver a última parte do capítulo 44 do quinto fascículo da "Eterna Felicidade".

âyat (karîma): verso de al-Qur'an al-karîm.

azîma: uma maneira difícil de realizar um ato de adoração ou outro assunto.

Basmala: a frase árabe "Bismillâhi-r-Rahmâni-r-Rahîm". (Em nome de Allah, o Misericordioso, o Compassivo).

bâtil: inválido, errôneo, vão.

bid'at: um ato, uma crença ou uma afirmação que não existia originalmente no Islam e que foi introduzido mais tarde.

dhikr: (invocação) lembrar, ter Allâhu ta'âlâ presente na mente em todos os momentos.

dirham: uma unidade de peso que equivale a 3 gramas.

Efendi: título conferido pelo Estado Otomano aos homens de Estado e especialmente ao 'ulamâ; tratamento que significa 'Vossa Grande Pessoa'.

faqîh (pl. fuqahâ'): sábio do Islam especializado na ciência chamada Fiqh que abrange práticas islâmicas, atos de culto, relações sociais, o código penal do Islamismo, transações comerciais, jurisprudência islâmica, direitos civis e conjugais, etc.

fard: (ato ou coisa) ordenado por Allâhu ta'âlâ em al-Alcorão al-karîm.

fard 'ain: fard para cada muçulmano.

Fard kifâya: o fard que deve ser feito por pelo menos um muçulmano que pertence a um jamâ'at.

Fâtiha: a primeira das 114 sûras do Alcorão al-karîm; tem sete âyats.

fatwâ: (i) ijtihâd (de um mujtahid); (ii) conclusão (de um mufti) dos livros da Fiqh sobre se algo que não está neles é permitido ou não; resposta dada pelos 'ulamâ a perguntas relativas ao Dîn; (iii) rukh sa.

fiqh: conhecimento que engloba o que os muçulmanos devem ou não fazer; ações, 'ibâdât'. Ver Faqîh.

fitna, fasâd: propagação de declarações e ações que são prejudiciais ao Islam e aos muçulmanos.

fuqahâ: (pl. de faqîh).

ghaban fâhish: (sendo enganado em grande parte pela compra a) um preço mais elevado do que o habitual; preço exorbitante.

ghazâ: guerra contra os não muçulmanos para convertê-los ao islamismo; uma espécie de jihâd. Este tipo de jihâd só pode ser realizado pelo Estado. Os muçulmanos individuais, as sociedades ou os grupos de muçulmanos não têm o direito de fazer este tipo de jihâd.

ghâzî: um muçulmano que participa de um ghazâ.

hadîth (sharîf): (i) uma declaração do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam; al-hadîth ash-sharîf: todos hadîth como um todo; (ii) 'ilm

al-hadîth; (iii) livros de hadîth ash-sharîf. (iv) al-hadîth al-qudsî, as-sahîh, al-hasan: tipos de hadîth (ver 'Eterna Felicidade II').

Hadrat: título de respeito usado antes do nome dos sábios do Islam.

Hajj: peregrinação fard a Makka.

Halâl: (ato, coisa) permitido no Islam.

Hanafî: (muçulmano que segue) o Madhhab Hanafî.

Hanbalî: (muçulmano que segue) o Madhhab Hanbalî.

harâm: (ato, coisa) proibido pelo Islam.

Hasan: (ver hadîth).

Hegira: emigração do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, de Makka para Madina; al-Hijra.

Hijâz: região da Península Arábica que faz fronteira com o Mar Vermelho, onde se encontram Makka e Madina.

Hijrî: da hegira.

Hujrat at-Sa'âdat (al-Mu'attara): o quarto onde se encontram os túmulos do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, e dos seus dois Khalîfas imediatos.

ibâda: (pl. -ât) adoração, rito; ato pelo qual thawâb (recompensa) será dado no Além.

'Id: um dos dois festivais anuais do Islam.

ijtihâd: (significado ou conclusão a que chega um mujtahid ao) esforçar-se para compreender o significado oculto de uma âyat ou de um hadîth.

'ilm: conhecimento, ciência.

ilm al-hâl: (livros de) ensinamentos islâmicos (de um Madhhab) que todo muçulmano é obrigado a estudar.

ilm al-usûl: ciências metodológicas, especificamente as do Fiqh e do Kalâm.

imâm: (i) 'âlim de profundo conhecimento; (ii) aquele que lidera o jamâ'at; (iii) o Amir ou Khalîfa .

îmân: crença, dogmas do Islam; Kalâm, I'tiqâd.

I'tiqâd: îmân.

jahiliyya: era da ignorância, Arábia pré-islâmica.

jamâ'at: comunidade; grupo de muçulmanos em uma mesquita (exceto o imâm); grupo de companheiros; união.

jâriya: escrava não muçulmana capturada na guerra e tratada como uma irmã.

jihâd: guerra contra os não muçulmanos (ou contra o nafs) para convertê-los (convertê-lo) ao Islam.

Jum'a: (namâz da) sexta-feira.

Ka'ba(t al-mu'azzama): edifício localizado no centro da grande mesquita de Makka.

Kalâm: conhecimento do îmân; 'ilm al-kalâm.

Kalimat ash-shahâdat: a frase que começa por "Ashhadu..." O primeiro dos cinco pilares do Islam; com ela se declara a crença no Islam (em Allah como o único Deus e em Muhammad como Seu Mensageiro).

karâma: (pl. -ât), explicado no texto.

khalîfa: (pl. khulafâ') o califa.

khârijî: muçulmanos hereges hostis a Ahl al-Bait e seus descendentes.

khutba: sermão pronunciado no púlpito pelo imâm nas orações de Jum'a e do 'Id e que deve ser feito em árabe em todo o mundo (é uma transgressão fazer isso em outra língua).

Madhhab: (pl. Madhhâhib) tudo o que um imâm (especialmente) do Fiqh ou do I'tiqâd ensinou.

Madina al-munawwara: a cidade iluminada de Madina.

Mahshar: o Dia do Juízo Final.

Makka al-mukarrama: a nobre cidade de Makka.

makrûh: (ato, coisa) impróprio, algo de que o Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, não gostava e que evitava; makrûh tahrîma: proibido com muita ênfase, algo que está muito próximo do harâm.

Mâlikî: um muçulmano que pertence ao Madhhab Mâlikî.

ma'rifat: conhecimento do Dhât de Allâhu ta'âlâ (Essência, Pessoa) e do Sifât (Atributos), inspirado nos corações dos awliyâ'.

Marva: um dos dois montes perto de Masjid al-Harâm.

masjid: mesquita; al-Masjid al-Harâm: a Grande Mesquita de Makka; al-Masjid ash-sharîf (as-Sa'âda, an-Nabî): a mesquita de Madina, construída no tempo do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa

sallam, ampliada várias vezes posteriormente, e onde se encontra o seu abençoado túmulo.

mawdû': (tipo de hadîth) a que falta uma das condições (para um hadîth ser sahîh) estabelecidas por um estudioso de hadîth.

mîlâdî: da era cristã, do calendário gregoriano.

Minâ: uma aldeia a cerca de seis quilômetros ao norte de Makka.

mubâh: (ato, coisa) nem ordenado nem proibido, permitido.

mufsid: ato, coisa que invalida (especialmente o namâz).

muftî: grande 'âlim autorizado a emitir um fatwâ.

muhâjirûn: pessoas de Makka que abraçaram o Islam antes da conquista de Makka.

mujaddid: fortalecedor, renovador do Islam.

mu'jiza: milagre próprio dos Profetas trazido por Allâhu ta'âlâ; explicado em detalhes no texto.

muqallid: um muçulmano que pratica taqlîd; seguidor de um Imâm al-madhhab.

mustahab: (ato, coisa) que merece thawâb se for feito, mas cuja omissão não é transgressão, nem é descrença não gostar dele.

mu'tazila: um dos 72 grupos hereges do Islam.

Muwâjahat as-Sa'âda: no túmulo do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, o espaço em frente à parede da qibla [à qual corresponde a sua abençoada cabeça]; é o lugar onde o visitante fica de frente para o túmulo.

Muzdalifa: a área entre a cidade de Makka e Arafat.

nafs: força dentro do ser humano que o quer prejudicar em assuntos religiosos.

najâsat: impureza do ponto de vista religioso; explicado em detalhe no quarto fascículo da "Eterna Felicidade".

nâ-mahram: (parente do sexo oposto) que não está dentro dos graus de parentesco proibidos (harâm) para o casamento.

nikâh: contrato de casamento no Islam. Ver capítulo 12 da quinta parte de "Eterna Felicidade".

Pâsha: título conferido pelo Estado Otomano aos estadistas, governadores e especialmente aos oficiais de alta patente (general ou almirante).

qâdî: um juiz muçulmano; qadi.

qibla: direção para a qual se está orientado quando se faz namâz (no Islam, para o Ka'bat al-mu'azzama).

qibla: direção para a qual se está orientado quando se faz namâz (no Islam, para o Ka'bat al-mu'azzama).

Quraish: a tribo árabe à qual pertencia o Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam.

Qur'ân al-karîm: o Alcorão Sagrado (Alcorão al-karîm).

rak'at: uma série de atos físicos com recitações do namâz: em pé, inclinação, prostração (e posição sentada); o namâz consiste em, no mínimo, dois e, no máximo (nos namâz fard), quatro rak'ats.

Ramadân: mês sagrado do calendário muçulmano.

Rasûlullah (Rasûl-Allah): Muhammad, sallallâhu 'alaihi wa sallam, o Profeta de Allâhu ta'âlâ; o Mensageiro de Allah.

Rawdat al-Mutahhara: o espaço entre o túmulo do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, e o minbar de Masjid ash-Sharîf.

rukhsa: permitir; a maneira fácil de fazer um ato religioso ou um determinado assunto.

Safâ: um dos dois montes perto do Masjid al-Harâm.

Sahâbî: (pl. as-Sahâbat al-kirâm) muçulmano que viu o Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, pelo menos uma vez em sua vida; (os Companheiros).

sahîh: (i) lícito, válido, de acordo com o Islam; (ii) transmitido corretamente, de acordo com as condições estabelecidas pelos estudiosos da hadîth.

salât: (i) oração; (com salâm)= Salawât; (ii) oração ritual de pelo menos dois rak'ats; namâz, em persa; salât janâza: oração pelos mortos.

Salawât: (pl. de salât) súplicas especiais pedindo bênçãos e altos graus para o Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam.

sâlih: (pl. sulahâ') devoto muçulmano que não comete transgressões; ver walî; (ao contrário: fâsiq).

Shâfi'î: um muçulmano que segue o Madhhab Shâfi'î.

Shaikh al-Islam: O chefe do Ministério dos Assuntos Islâmicos num estado islâmico.

Shî'a (xiitas): um dos 72 grupos do Islam que não são Sunnî.

shirk: (afirmação, ação, que causa) politeísmo; atribuir um associado a Allâhu ta'âlâ.

sulahâ: pl. de Sâlih.

sunna: (ato, coisa) que, embora não ordenado por Allâhu ta'âlâ, foi feito e apreciado pelo Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, como ato de adoração (há thawâb se for feito, mas não é transgressão omiti-lo; porém, torna-se transgressão se for omitido constantemente, e descrença se for desprezado); a Sunna: (i) (junto com fard) todas as sunnas em conjunto; (ii) (junto com o Livro ou o Alcorão al-karîm) o Hadîth ash-sharîf; (iii) (sozinho) Fiqh, Islam.

sûra: capítulo do Alcorão al-karîm.

tâ'a: atos que agradam a Allâhu ta'âlâ, mas que podem ser feitos sem necessidade de saber que Lhe agradam.

Taba' at-Tâbi'în: 'ulamâ que não viram o Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, nem um Sahâbî, mas viram (um dos) Tâbi'ûn; (portanto, os sucessores destes).

Tâbi'ûn (al-i'zâm): a maioria dos muçulmanos que não viram o Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, mas viram (um dos) as-Sahâ bat al-kirâm; (portanto, os sucessores destes).

ta'dîl al-arkân: manter o corpo imóvel por um instante, depois de se acalmar, durante e entre as diversas posições do namâz (ver capítulos 14-16 da 'Eterna Felicidade III').

Tafsîr: (i) livro de, (ii) ciência de ('ilm at-tafsîr), (iii) comentário sobre o Alcorão al-karîm.

taqlîd: conformar-se, seguir, estar em um dos quatro Madhhabs.

taqwâ: temer Allâhu ta'âlâ; evitar harâm; praticar 'azimas' (Ver wara' e zuhd).

tasawwuf: ramo espiritual do conhecimento e prática dos costumes do Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam, (sempre de acordo com os ditames da Fiqh) que fortalece a îmân, facilita as práticas da Fiqh e a obtenção de ma'rifat; 'ilm at-tasawwuf'.

tawâf: ato de adoração do hajj que consiste em contornar o Ka'bat al-mu'azzama.

tawakkul: confiar, esperar tudo apenas de Allâhu ta'âlâ; esperar de Allâhu ta'âlâ a eficácia dos meios depois de trabalhar ou de recorrer a eles; antes disso, tawakkul não é aconselhado.

tawhîd: (acreditar na) unicidade de Allâhu ta'âlâ.

ta'zîr: sanção prescrita no Islam; castigo.

thawâb: (unidade de) recompensa prometida que Allâhu ta'âlâ dará na Outra Vida em retribuição por se fazer e dizer o que Lhe agrada.

'ulamâ: pl. de 'âlim, que significa estudioso do islamismo.

Umma: comunidade, conjunto de crentes seguindo um Profeta; Umma al-Muhammadiyya: o Umma muçulmano.

usûl: (i) metodologia ou fundamentos de uma ciência islâmica; (ii) metodologias das ciências islâmicas básicas, 'ilm al-usûl; (iii) îmân, kalâm.

wâjib: (ato ou coisa) que nunca foi omitido pelo Profeta, sallallâhu 'alaihi wa sallam; portanto, quase tão obrigatório como o fard e não deve ser omitido.

Walî: (pl. awliyâ') o amado e protegido por Allâhu ta'âlâ; o sâlih que domou o seu nafs.

wara': (depois de evitar os harâm) abster-se de coisas duvidosas (mushtabihât).

zâhid: pessoa de zuhd; asceta.

zakât: (dever fard de pagar anualmente) uma certa quantidade de certos tipos de bens a certas categorias de pessoas, de acordo com o tipo e a quantidade dos bens possuídos; com isso os bens restantes são purificados e abençoados e o muçulmano é protegido de ser marcado como um avarento. Ver capítulo 1 da quinta parte da **'Eterna Felicidade'.**

zuhd: evitar que o coração se agarre a coisas mundanas; abstenção (mesmo) de mubâhs.